



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 1 - Primeiro levantamento | **OUTUBRO 2017**



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 1 - Primeiro levantamento | **OUTUBRO 2017**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 5 Safra 2017/18 - Primeiro levantamento, Brasília, p. 1-114 outubro 2017.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira (Gefab-algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nólêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valentim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Luiz Vissoci (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luis Girardi (RS); César Rubin, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (FaeB); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretária Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

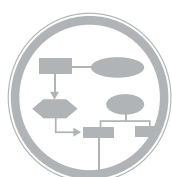
SUMÁRIO



1. Resumo executivo 8



2. Introdução 10



3. Metodologia 12



4. Estimativa de área 15



5. Estimativa de produtividade 22



6. Estimativa de produção 31



7. Crédito rural 34



8. Mercado de insumos e custo de produção 42



9. Análise climática 51



9. Vazio sanitário ----- 55



11. Análise das culturas ----- 58

11.1. Culturas de verão -----	58
11.1.1. Algodão -----	58
11.1.2. Amendoim -----	62
11.1.2.1. Amendoim primeira safra -----	62
11.1.2.2. Amendoim segunda safra -----	64
11.1.2.3. Amendoim total -----	65
11.1.3. Arroz -----	66
11.1.4. Feijão -----	71
11.1.4.1. Feijão primeira safra -----	71
11.1.4.2. Feijão segunda safra -----	76
11.1.4.3. Feijão terceira safra -----	79
11.1.4.4. Feijão total -----	81
11.1.5. Girassol -----	84
11.1.6. Mamona -----	85
11.1.7. Milho -----	86
11.1.7.1. Milho primeira safra -----	87
11.1.7.2. Milho segunda safra -----	91
11.1.7.3. Milho total -----	93
11.1.8. Soja -----	94
11.1.9. Sorgo -----	99
11.2. Culturas de inverno -----	100
11.2.1. Aveia -----	101
11.2.2. Canola -----	102
11.2.3. Centeio -----	103
11.2.4. Cevada -----	104
11.2.5. Trigo -----	105
11.2.6. Triticale -----	108



12. Balanço de oferta e demanda ----- 109





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2017/18

A estimativa da produção de grãos para a safra 2017/18 poderá ficar entre 224,17 e 228,21 milhões de toneladas. Redução de 6 e 4,3%, respectivamente em relação à safra anterior.

A área plantada está prevista a se situar entre 60,89 e 62,02 milhões de hectares, ou seja, de manutenção a um crescimento de 1,8% se comparada com a safra 2016/17.

Algodão: a produção deverá ser superior, entre 4,8% a 14,6% em relação à safra anterior.

Amendoim: a produção está estimada entre 449,1 e 450,6 mil toneladas, redução de 3,7% a 3,3% em relação à safra 2016/17.

Arroz: a produção deverá ser menor que a safra passada entre 4,7% a 3,8%, ficando entre 11,75 e 11,86 milhões de toneladas.

Feijão primeira safra: deverá ter uma redução de 9,2 a 6,6% na área em relação à safra passada, refletindo numa produção média de 1,25 milhão de toneladas.

Milho primeira safra: estima-se uma redução na produção de 17,8 a 13,2% em relação à safra anterior, podendo ficar entre 25,02 a 26,43 milhões de toneladas.

Soja: mesmo com o crescimento previsto na área entre 1,6 e 3,8%, a produção poderá ser menor devido às excepcionais condições climáticas na safra anterior.

Safra inverno 2017

Aveia: redução na produção devido ao clima desfavorável.

Canola: redução na produção.

Centeio: significativo aumento de área.

Cevada: devido às intempéries climáticas durante o ciclo da cultura, a produção foi menor que à da safra

anterior.

Trigo: a redução na área e queda na produtividade deve refletir numa produção menor que à da safra 2016.

Triticale: redução de área e produtividade devem resultar numa produção 10,7% inferior a safra passada.





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos, objetivando oferecer informações de qualidade para a formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional.

Há de se dizer, ainda, que estes levantamentos e avaliações são de fundamental importância para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Em outubro, a Companhia divulga o primeiro levantamento da safra 2017/18, referente às pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, câmbio, exportações, monitoramento agrícola, quadro de oferta e demanda. Consta, também, o acompanhamento da safra de inverno 2017 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), com dados de evolução do desenvolvimento das culturas, evolução da colheita e influência climática.

Assim, foram coletadas informações de área plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas, provenientes – não poderia deixar de ser citado – através da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, de secretarias de agricultura e órgãos de assistência

técnica e extensão rural (oficiais e privados), agentes financeiros de mercado e de insumos que têm subsidiado os técnicos dessa Companhia de forma profissional e relevante nessas atividades.

O trabalho de avaliação de safras se enquadra nas recomendações de diversas instituições internacionais, quanto à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e a transparência nas suas estatísticas de produção.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

Além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam a intenção de plantio dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio. Nesse levantamento, a informação de área a ser plantada é

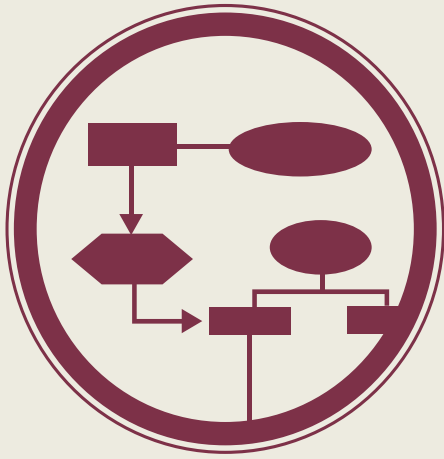
divulgada com intervalos (limite inferior e superior), visto que as informações ainda são incipientes e tratam a primeira estimativa da safra. Além disso, visto que o plantio ainda avançou em todas as regiões produtoras, a Conab utiliza-se de análise estatística para estimar as produtividades das culturas na safra 2017/18. Portanto, as informações de custo de produção, geradas pela Conab, geram informações modais de produtividade que auxiliam nas análises da produtividade a ser alcançada.

Vale destacar que o presente boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola, desenvolvido no âmbito dessa Companhia, seguindo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Nesse contexto, agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização dessas atividades.

Há de se acrescentar que a Conab realiza acompanhamento da safra brasileira de grãos há 40 anos, com uma postura pautada pelo profissionalismo, prudência e isenção, produzindo informações relevantes sobre a agricultura no país.





3. METODOLOGIA

Os métodos utilizados pela Conab no processo de levantamento da safra de grãos envolvem a pesquisa e o contato direto com informantes cadastrados por todo o país, a análise estatística, o acompanhamento agrometeorológico e espectral das lavouras, a análise da previsão climática, as informações de pacotes tecnológicos adotados pelos produtores e a avaliação de consenso de analistas para a consolidação das informações disponibilizadas ao público-alvo. A metodologia aplicada pode ser assim resumida:

3.1. PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo é realizada através de questionários aplicados junto às entidades e aos órgãos diretamente ligados aos agricultores.

A pesquisa é amostral e estratificada por roteiro em cada estado, após a sua divisão por grandes regiões. Essas unidades de investigação são as áreas de jurisdição do município, ou de um conjunto de municípios produtores, incluídos no roteiro de cada estado, realizado pela equipe técnica da Companhia.

Os informantes da pesquisa são os produtores e técnicos de cooperativas, empresas de assistência técnica e extensão rural (públicas e privadas), secretarias municipais de agricultura, revendas de insumos, agentes financeiros e outros órgãos que possam contribuir com informações relevantes na unidade amostral, sobre as diversas culturas pesquisadas.

As principais variáveis investigadas são: área, produtividade, estágio da cultura, condição da lavoura, qualidade do produto e outros dados da cultura como a ocorrência de pragas e doenças.

De forma a compensar as probabilidades desiguais de captação são atribuídas ponderações diferenciadas a cada produto da safra de grãos, chamados de fatores naturais de expansão. A calibração desses fatores consiste em estimar novos pesos para cada grupo de elementos da amostra, segundo informações de variáveis auxiliares da amostra.

3.2. PACOTE ESTATÍSTICO

Com base nas informações da pesquisa de campo, destaca-se a aplicação de pacotes estatísticos para se estimar a produtividade nos primeiros levantamentos. São gerados dados com um intervalo de confiança, em que são definidos como os limites: inferior, superior e o ponto médio.

A linguagem utilizada para os cálculos é o software livre “R”, que permite adaptações ou modificações de forma espontânea, disponibilizando ampla variedade de técnicas estatísticas e gráficas, incluindo modelagem linear e não linear, testes estatísticos clássicos, análise de séries temporais (time-series analysis) e amostragem. Para ajustar os modelos e realizar as previsões desse estudo foram utilizados os pacotes Forecast e Astats.

A base de dados consiste na série histórica de produtividade, que está disponível no site da Companhia (www.conab.gov.br/). Os dados são anuais, separados por cultura e por Unidade da Federação. No geral, a base de dados utilizada contempla 20 anos, já que a partir de 1994 houve uma estabilização econômica, reduzindo a incerteza nas variáveis analisadas.

As séries temporais são estudadas no sentido de compreender o seu mecanismo gerador e prever o seu comportamento futuro, o que possibilita tomar decisões apropriadas. O método utilizado tem 90% de confiança para os intervalos encontrados.

Devido à quantidade de culturas e estados, optou-se por um modelo mais simples, mas que cumpre com eficiência a finalidade do estudo. Há um modelo para cada cultura e estado.

Após a escolha do melhor modelo para cada cultura e Unidade da Federação, foi feita a análise dos resíduos para cada situação. Essa é uma maneira de verificar se o modelo ajustado é adequado. O resíduo é a diferença entre o valor ajustado do modelo e o valor “real”.

Para a verificação do modelo são gerados gráficos de resíduos padronizados, autocorrelação (ACF) dos resíduos, normal Q-Q Plot dos resíduos padronizados e P-valores da estatística de Ljung Box.

Alguns modelos utilizados podem apresentar alguns gráficos de resíduos fora do padrão. Nesses foram feitos testes de ajustes com outros possíveis modelos e escolhido o que melhor se ajustou. Isso se deve à natureza da série em questão, principalmente em estados do Norte e Nordeste e em culturas com pouca representatividade.

Com o avanço do plantio e o início do desenvolvimento das lavouras, não são mais abordados os limites estimados pelo pacote estatístico, priorizando-se as demais fontes e ferramentas de acompanhamento e avaliação de safra.

3.3. PACOTE TECNOLÓGICO

A Companhia elabora custos de produção de diversas culturas nos principais locais de produção, tomando por base metodologia própria. Por serem modais, os resultados apurados devem ser observados como parte importante do espelho dos sistemas de cultivo e da utilização de pacotes tecnológicos na agricultura nacional.

Conforme a área de abrangência dos custos e dos roteiros de acompanhamento de safra, são analisadas as produtividades resultantes dos estudos estatísticos e dos pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção. O resultado desse estudo é parte do processo de redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações.

3.4. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO E ESPECTRAL

A Conab faz uso de ferramentas geoespaciais para incrementar a potencialidade do sistema de levantamento e acompanhamento de safras agrícolas. Para tanto, tem sido utilizado recurso tecnológico de eficiência reconhecida, tais como: modelos estatísticos, sensoriamento remoto, sistemas de informações geográficas e modelos agrometeorológicos/espectrais para estimar as áreas de cultivo e prever impactos na produtividade das lavouras.

Com base em imagens de satélites, são identificadas as áreas cultivadas com as principais culturas, destacando-se o algodão, o arroz irrigado, o milho, a soja e o



trigo. Esses mapeamentos são utilizados para o acompanhamento das condições agrometeorológicas e dos índices de vegetação, que refletem a condição da cultura e possíveis impactos na sua produtividade.

3.5. ACOMPANHAMENTO DA PREVISÃO CLIMÁTICA

A variável climática é o principal fator de risco na agricultura. Dessa forma, a Companhia acompanha a evolução das previsões climáticas de diversas instituições nacionais e internacionais.

As principais informações pesquisadas dizem respeito às previsões de precipitações, temperaturas e suas anomalias, bem como, a probabilidade de ocorrência dos fenômenos, como o El Niño/La Niña, que interferem nos regimes de chuva das principais regiões produtoras do país. Tais informações são utilizadas para acompanhamento das condições das culturas desde o período do plantio à colheita.

3.6. OUTRAS INFORMAÇÕES

Durante o acompanhamento e a avaliação da safra de grãos, consideram-se informações complementares que contribuem para aumentar o grau de confiabilidade dos resultados, tais como: o crédito rural, o mercado de insumos, os preços recebidos pelo produtor, os dados da balança comercial, o câmbio e as análises das perspectivas econômicas.





4. ESTIMATIVA DE ÁREA

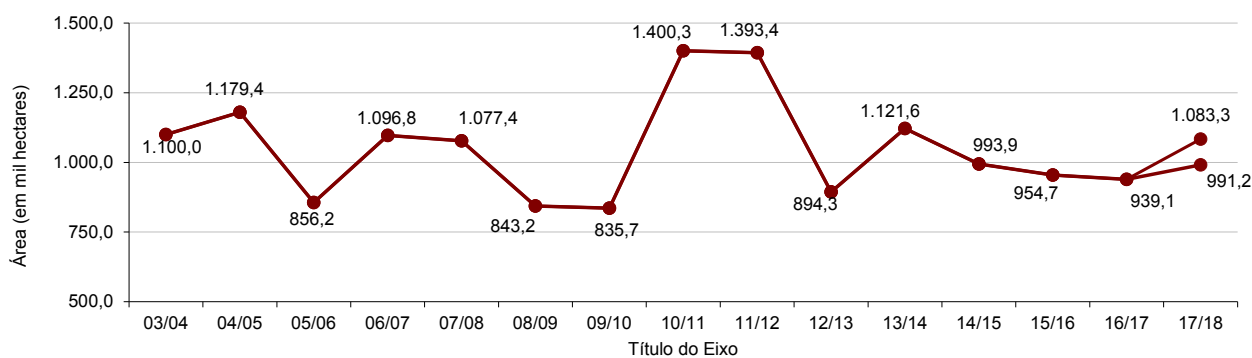
A estimativa dos limites inferiores e superiores de área plantada tem como base o comportamento das séries históricas de cada cultura, além das informações coletadas na pesquisa de campo. A perspectiva é de manutenção ou de aumento de 1,8% na área para o plantio da safra 2017/18, o que poderá atingir entre aproximadamente 61 a 62 milhões de hectares. Tal situação pode ser explicada pelo aumento de área de algodão, mas principalmente com plantio da soja.

4.1. ALGODÃO

Para os resultados da safra anterior, as perspectivas futuras em termos de preços e mercado incentivam o aumento da área nas principais regiões produtoras, que se concentra em Mato Grosso e Bahia por apresentarem condições edafoclimáticas favoráveis à tec-

nificação. A expectativa é de se utilizar entre 991,2 a 1.083,3 mil hectares para produção de algodão. A estimativa é de aumento entre 5,5 e 15,4% de aumento de área em relação à safra anterior. Se confirmada, será a retomada de crescimento de área.

Gráfico 1 – Comportamento da área de algodão

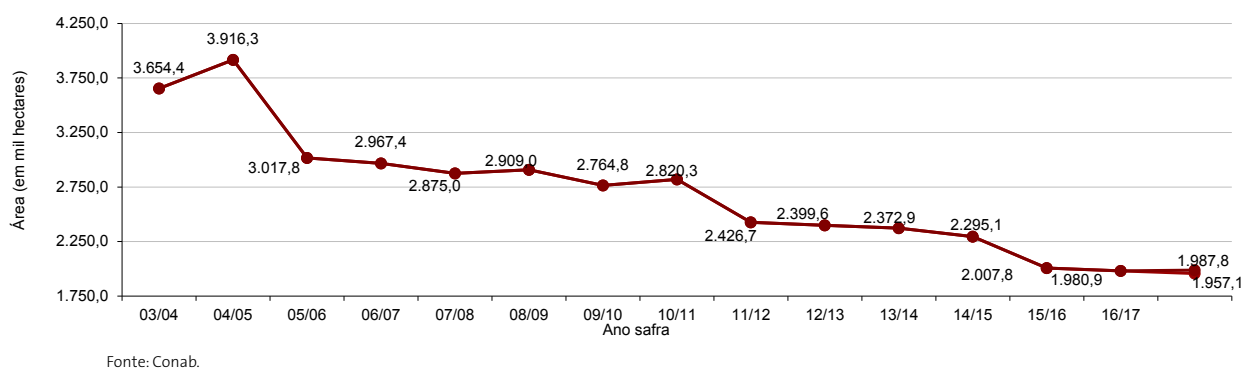


4.2. ARROZ

Nos principais estados produtores a estimativa é de manutenção de área neste momento, como é o caso do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, maiores estados produtores, cuja área já é consolidada. A hipótese é de produção de arroz em área entre 1.955,7 a 1.986,4

milhões de hectares, o que representa variação entre -1,3% a +0,3% em relação à área da safra 2016/17. A possibilidade de redução de área tem como causa a continuidade de diminuição no espaço do arroz de sequeiro.

Gráfico 2 – Comportamento da área de arroz



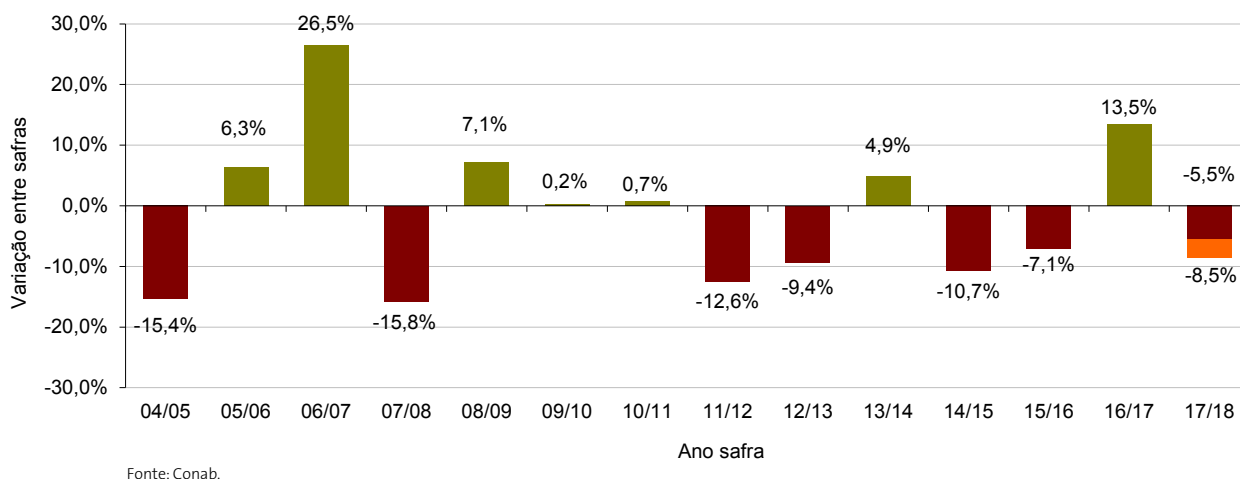
4.3. FEIJÃO

As condições econômicas no momento são inversas à situação vivenciada na época de plantio da safra passada: os preços não contribuem para o incentivo ao plantio da cultura. Além disso, são conhecidas as dificuldades de manejo, os problemas sanitários, a possibilidade de clima chuvoso na época de colheita e dos problemas de comercialização dada às características do feijão e às exigências de qualidade de mercado. Por

outro lado, o feijão pode ser alternativa para a substituição do plantio de milho e ao mesmo tempo substituído pela soja, dada a sua liquidez e rentabilidade. A perspectiva é de redução de área na Bahia, manutenção no Paraná e de manutenção ou pequena redução em Minas Gerais, maiores estados produtores. A hipótese é de diminuição da área de feijão primeira safra entre 8,2% e 5,2% em relação à safra passada.



Gráfico 3 – Comportamento da área de feijão



4.4. MILHO

Os impactos da produção da safra passada trazem reflexos na redução de área para a safra 2017/18. A perspectiva é de redução negativa entre 10,1% a 6,1%, observando os limites inferiores e superiores para a primeira safra de milho, o que compreende diminuição de área absoluta entre 552,5 e 336,3 mil hectares.

Pode-se perceber no gráfico abaixo que a tendência tem sido de redução de área do milho na primeira safra dada, principalmente, pela concorrência com o cultivo da soja. A situação nos principais estados produtores corrobora com a situação relatada, conforme gráficos abaixo.

Gráfico 4 - Comportamento da área de milho 1ª safra - Brasil

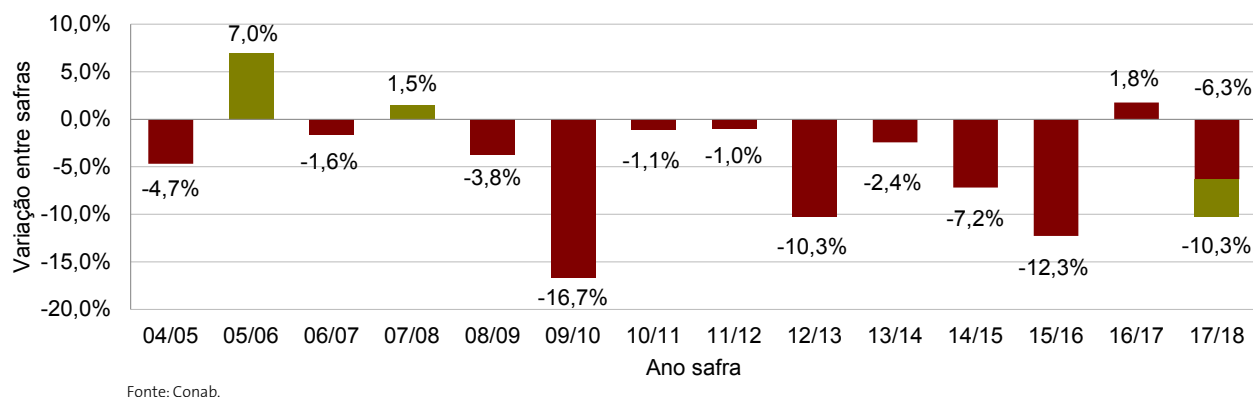


Gráfico 5 - Comportamento da área de milho 1ª safra – Minas Gerais

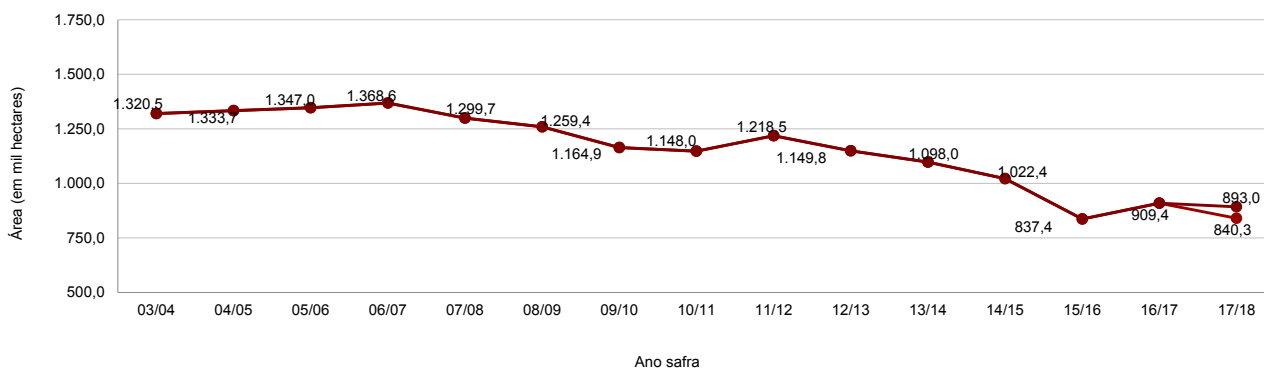
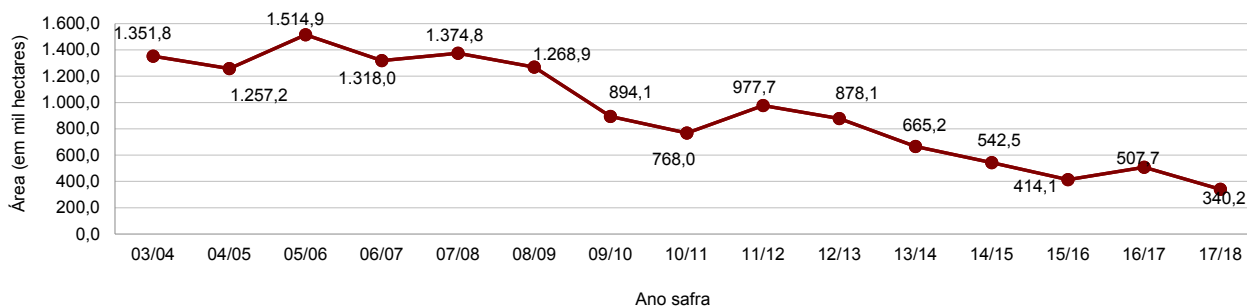
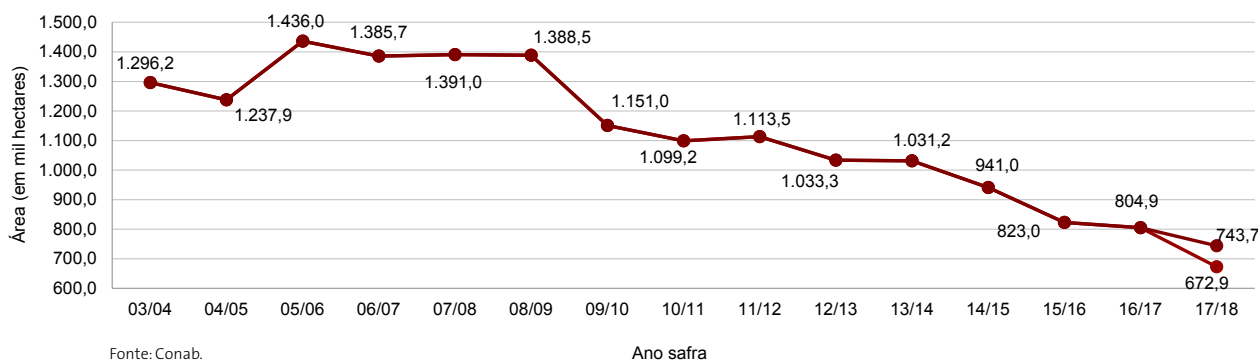


Gráfico 6 - Comportamento da área de milho 1ª safra – Paraná



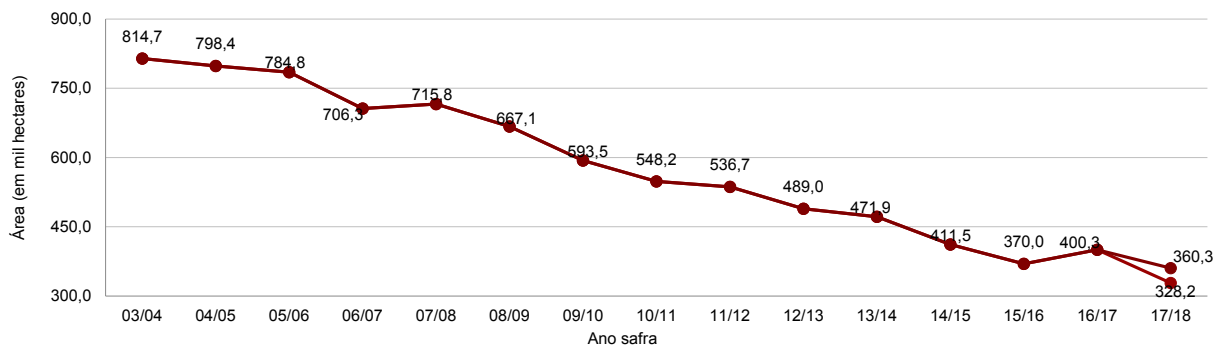
Fonte: Conab.

Gráfico 7 - Comportamento da área de milho 1ª safra – Rio Grande do Sul



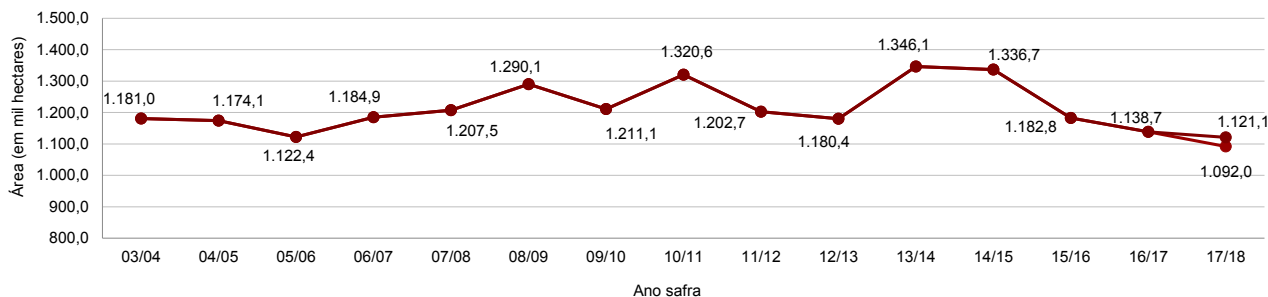
Fonte: Conab.

Gráfico 8 - Comportamento da área de milho 1ª safra – Santa Catarina



Fonte: Conab.

Gráfico 9 - Comportamento da área milho 1ª safra – Matopiba



Fonte: Conab.



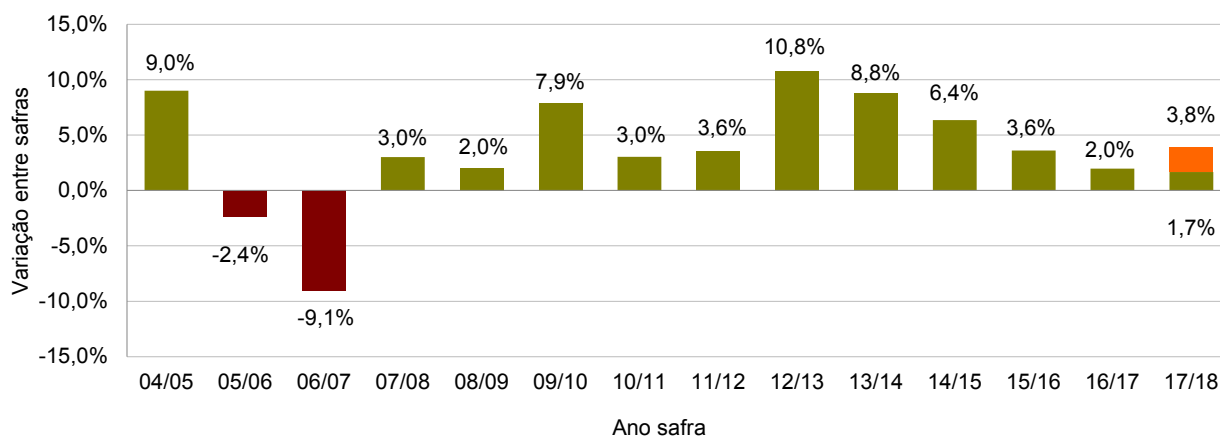
4.5. SOJA

A área tem sido a protagonista do aumento da produção de soja no Brasil nos últimos 20 anos¹. A sua maior liquidez e a possibilidade de melhor rentabilidade em relação a outras culturas fazem que a estimativa seja de crescimento de área de produção, podendo atingir entre 34,5 e 35,2 milhões de hectares, na safra 2017/18,

o que seria incremento médio de aproximadamente 2,7% em relação à safra anterior.

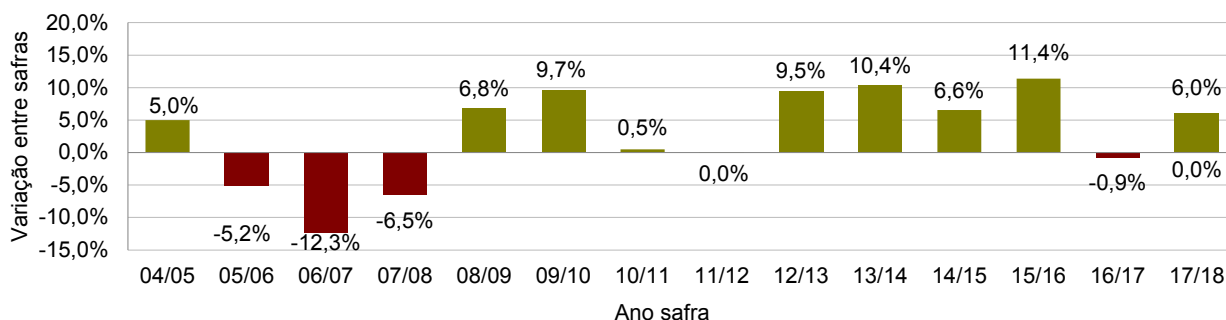
A tendência de crescimento tem sido observada em praticamente todos os principais estados produtores, o que corrobora com a assertiva anterior.

Gráfico 10 - Comportamento da área de soja – Brasil



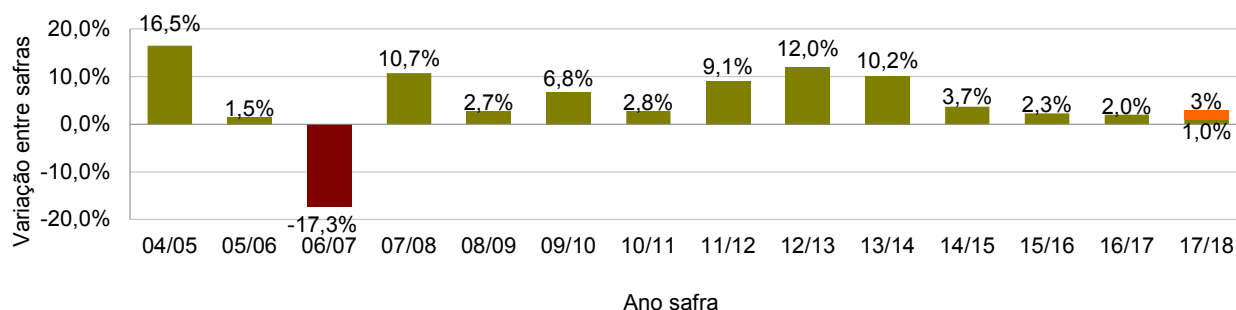
Fonte: Conab.

Gráfico 11 - Comportamento da área de soja – Minas Gerais



Fonte: Conab.

Gráfico 12 - Comportamento da área de Soja – Mato Grosso

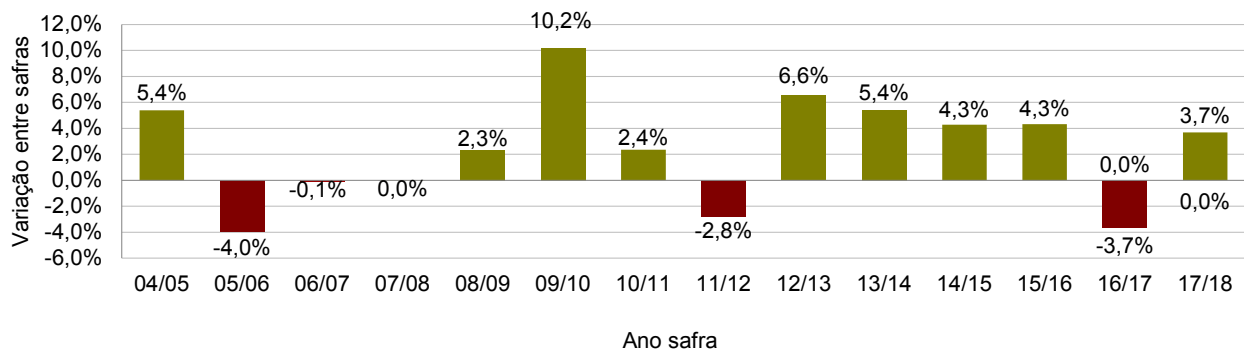


Fonte: Conab.

¹ COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **A produtividade da soja: Análise e perspectivas.** Brasília: CONAB, 2017. 34 p. (Compêndio de Estudos, v. 10)

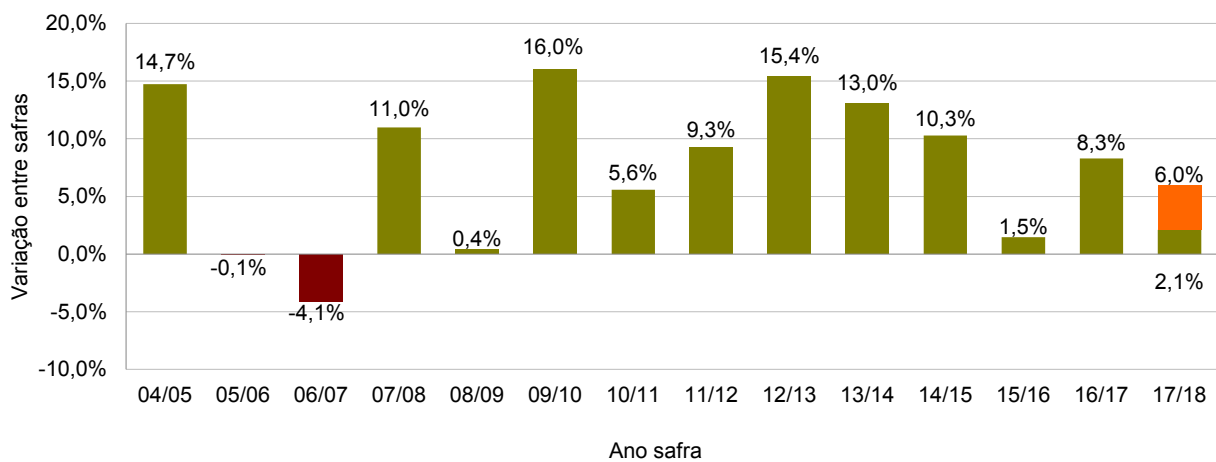


Gráfico 13 - Comportamento da área de soja – Paraná



Fonte: Conab.

Gráfico 14 - Comportamento da área de soja – Matopeba



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	16/17 (a)	17/18		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO	939,1	991,2	1.083,3	5,5	15,4	52,1	144,2
AMENDOIM TOTAL	129,3	128,6	129,0	(0,5)	(0,2)	(0,7)	(0,3)
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	117,6	118,0	(0,6)	(0,3)	(0,7)	(0,3)
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	11,0	11,0	-	-	-	-
ARROZ	1.980,9	1.955,7	1.986,4	(1,3)	0,3	(25,2)	5,5
ARROZ SEQUEIRO	524,4	502,3	526,7	(4,2)	0,4	(22,1)	2,3
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.453,4	1.459,7	(0,2)	0,2	(3,1)	3,2
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.146,0	3.185,8	(1,1)	0,2	(34,3)	5,5
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.431,3	1.449,1	(1,1)	0,1	(16,0)	1,8
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	329,3	331,9	1,7	2,5	5,6	8,2
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.385,4	1.404,8	(1,7)	(0,3)	(23,9)	(4,5)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	1.019,7	1.053,5	(8,2)	(5,2)	(91,3)	(57,5)
CARIOCA	478,2	452,7	469,5	(5,3)	(1,8)	(25,5)	(8,7)
PRETO	174,7	180,3	182,9	3,2	4,7	5,6	8,2
CAUPI	458,1	386,7	401,1	(15,6)	(12,4)	(71,4)	(57,0)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.483,9	1.489,9	4,0	4,4	57,0	63,0
CARIOCA	430,3	439,8	440,8	2,2	2,4	9,5	10,5
PRETO	134,7	134,7	134,7	-	-	-	-
CAUPI	861,9	909,4	914,4	5,5	6,1	47,5	52,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	642,4	642,4	-	-	-	-
CARIOCA	538,8	538,8	538,8	-	-	-	-
PRETO	14,3	14,3	14,3	-	-	-	-
CAUPI	89,3	89,3	89,3	-	-	-	-
GIRASSOL	62,7	62,7	62,7	-	-	-	-
MAMONA	28,0	28,1	30,3	0,4	8,2	0,1	2,3
MILHO TOTAL	17.591,7	17.039,2	17.255,4	(3,1)	(1,9)	(552,5)	(336,3)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	4.930,0	5.146,2	(10,1)	(6,1)	(552,5)	(336,3)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	12.109,2	12.109,2	-	-	-	-
SOJA	33.909,4	34.466,4	35.208,3	1,6	3,8	557,0	1.298,9
SORGO	628,5	629,2	634,1	0,1	0,9	0,7	5,6
SUBTOTAL	58.449,9	58.447,1	59.575,3	-	1,9	(2,8)	1.125,4
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2017 (a)	2018		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	340,1	340,1	340,1	-	-	-	-
CANOLA	48,1	48,1	48,1	-	-	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-	-	-
CEVADA	109,2	109,2	109,2	-	-	-	-
TRIGO	1.917,1	1.917,1	1.917,1	-	-	-	-
TRITICALE	22,7	22,7	22,7	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.440,8	2.440,8	2.440,8	-	-	-	-
BRASIL	60.890,7	60.887,9	62.016,1	-	1,8	(2,8)	1.125,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.





5. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Nesse primeiro levantamento de intenção de plantio, a Companhia se baseia nas análises estatísticas das séries históricas de produtividade e dos pacotes tecnológicos para se chegar à produtividade estimada, uma vez que, no atual momento, está se iniciando o plantio da próxima safra 2017/18.

A análise estatística leva em consideração todas as variáveis das últimas safras (safra recorde, quebra de safra e penalizações de manejo e clima), o que nos indica o comportamento dessa importante variável no período analisado. Essa avaliação é complementada com as análises dos pacotes tecnológicos levantados pela Conab, que são parâmetros fundamentais nessa avaliação, o que permite se ter diretrizes da produtividade modal e normal do processo produtivo.

A primeira intenção de plantio nos oferece a perspectiva de redução da produtividade para praticamente todas as culturas. Tal situação pode ser reconsiderada a partir do momento em que o plantio se desenvolve e os diversos parâmetros que compõe a produtividade (por exemplo: clima e tecnologia) tenham condições de ser melhor avaliados.

5.1. ALGODÃO

O plantio de algodão, para ter resultados positivos, exige alto padrão tecnológico e gestão profissional, o que resulta em alta produtividade. O método estatístico utilizado pela Conab, nesse momento, traduz essa característica e tem as penalidades climáticas das úl-

timas safras observadas nos resultados. A estimativa é de produtividade próxima da safra passada. Na Região Centro-Oeste, onde concentra 72% da produção brasileira, a estimativa é de melhores produtividades na atual safra, isso ocorre porque, nos estados dessa região, o algodão é uma cultura de custo de produção

maior do que as outras culturas e, por isso, é cultivado nas melhores áreas das fazendas, além da melhor tecnologia disponível, isso possibilita uma estabilidade de produtividade melhor do que em outras regiões do país. A Bahia e Mato Grosso são os maiores produtores de algodão e o comportamento da produtividade pode ser observado nos gráficos abaixo.

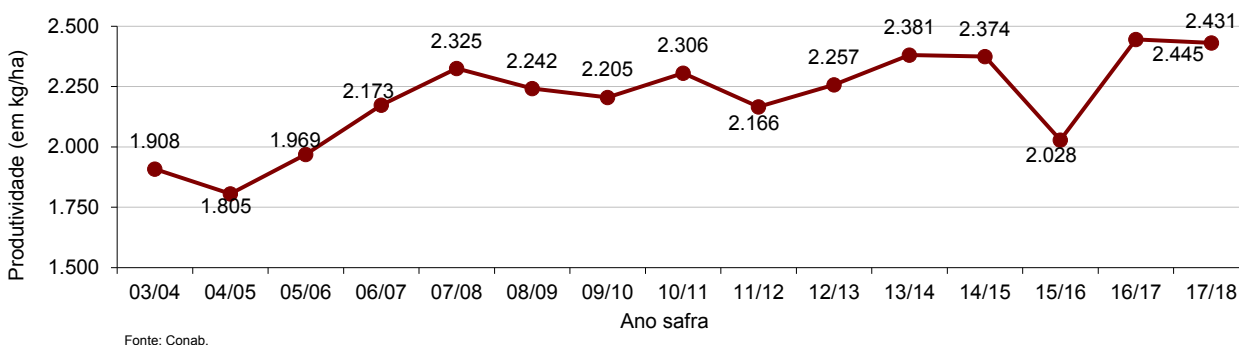
Gráfico 15 – Produtividade de algodão na Bahia



Gráfico 16 - Produtividade de algodão no Mato Grosso



Gráfico 17 - Produtividade de algodão no Brasil



5.2. ARROZ

No cômputo geral, a estimativa de produtividade é de redução, sendo menor apenas em relação à safra anterior, que teve bom comportamento. Nos principais

estados produtores, a estimativa de produtividade é compatível com os pacotes tecnológicos utilizados pelos produtores.



Gráfico 18 - Produtividade de arroz no Rio Grande do Sul

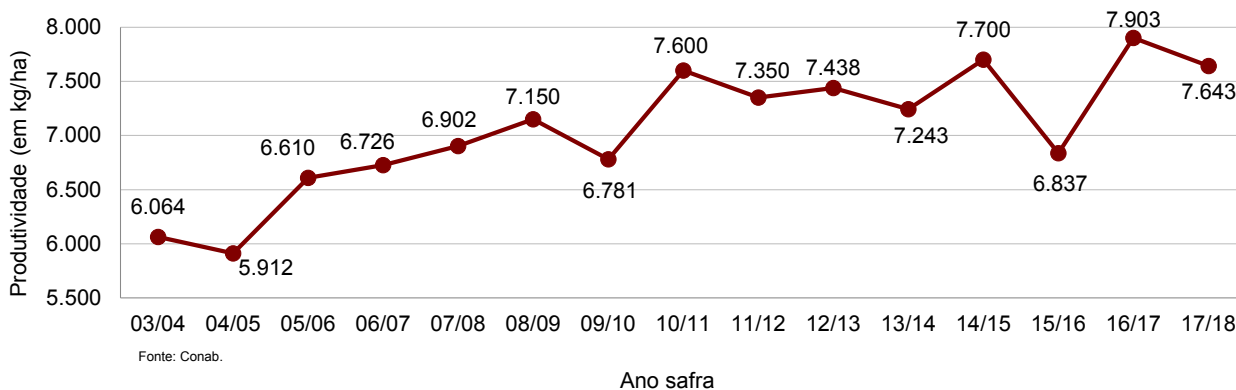


Gráfico 19 - Produtividade de arroz em Santa Catarina

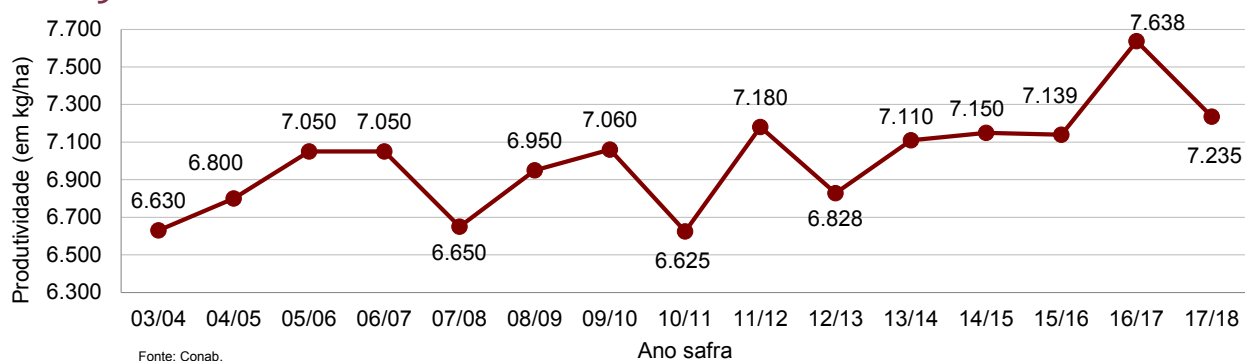


Gráfico 20 - Produtividade de arroz em Tocantins

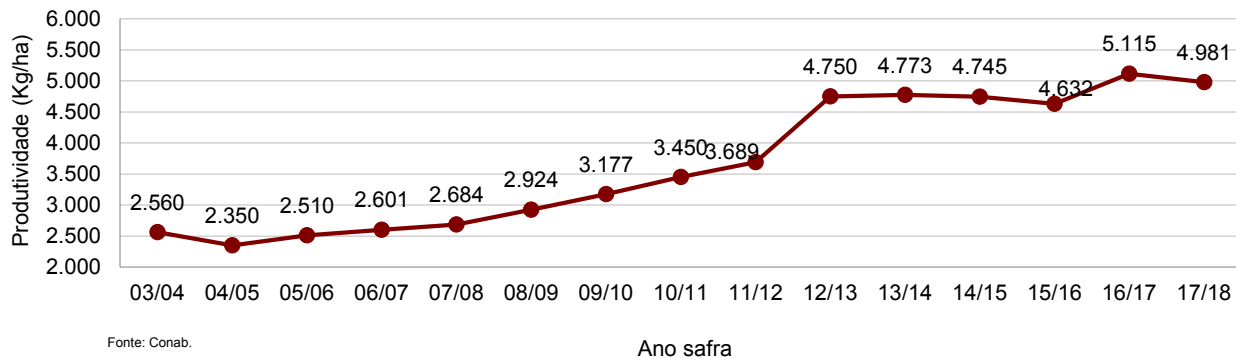
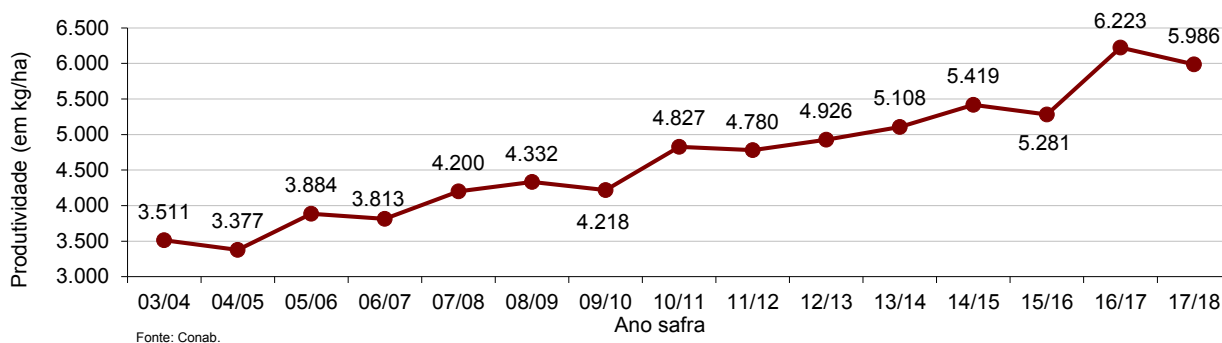


Gráfico 21 - Produtividade de arroz no Brasil

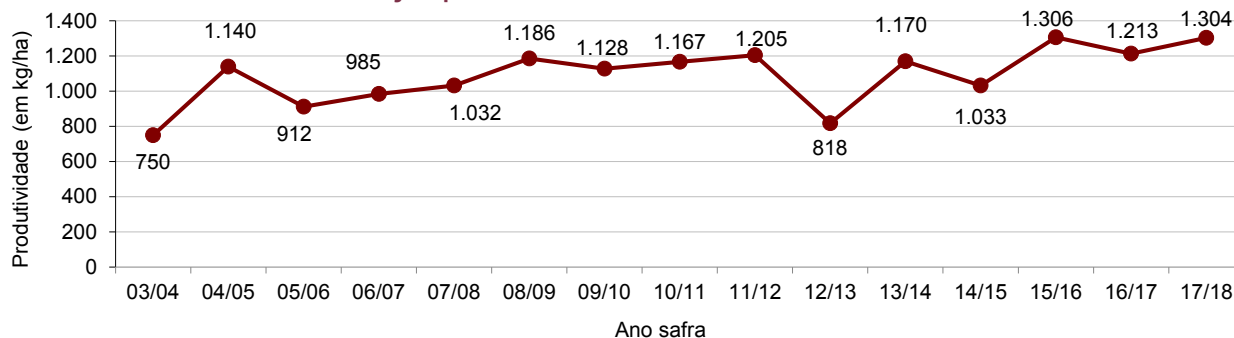


5.3. FEIJÃO

O cultivo é considerado de risco pela baixa tecnificação, pelos problemas climáticos e sanitários. A estimativa é de redução na produtividade do feijão-comum cores (0,8%) e feijão-comum preto (5%) sem que haja impacto de destaque na sua produção. No caso do feijão-caupi a proposta é de redução de produtivida-

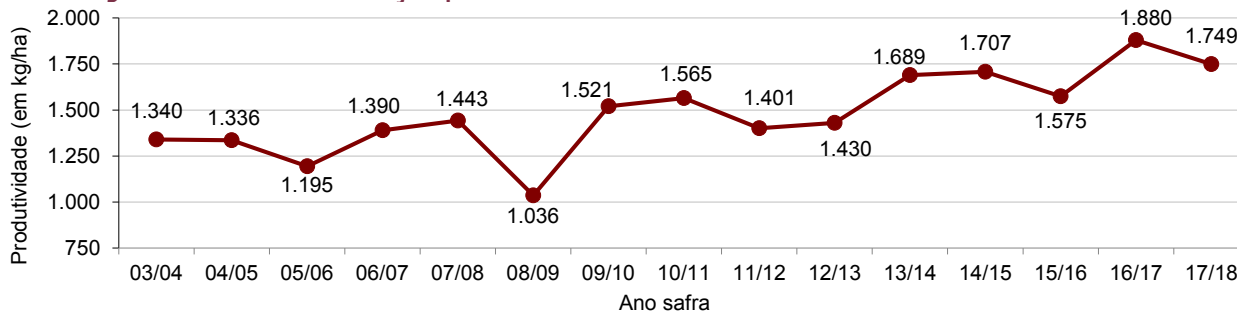
de, dada às condições de plantio e de baixa tecnologia utilizada para o seu plantio. Nos principais estados produtores se pode observar que a produtividade da primeira safra de feijão não reduz apenas em Minas Gerais, que apresenta condições melhores de plantio.

Gráfico 22 - Produtividade de feijão primeira safra em Minas Gerais



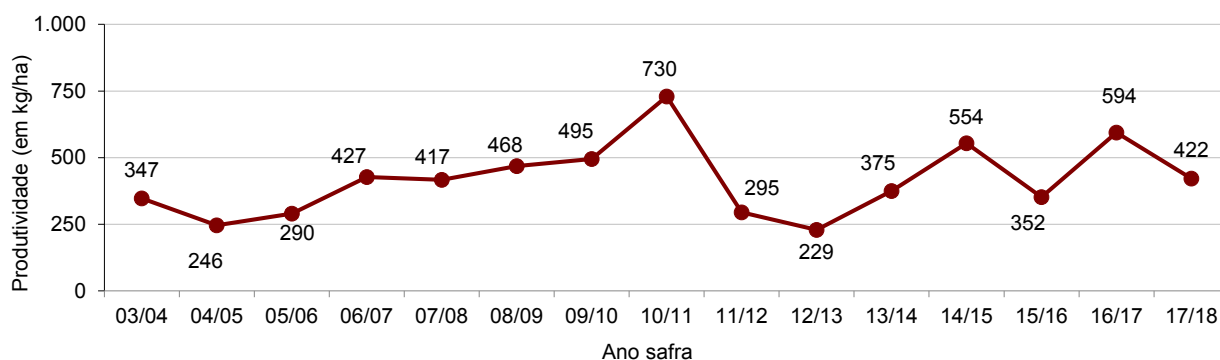
Fonte: Conab.

Gráfico 23 - Produtividade de feijão primeira safra no Paraná



Fonte: Conab.

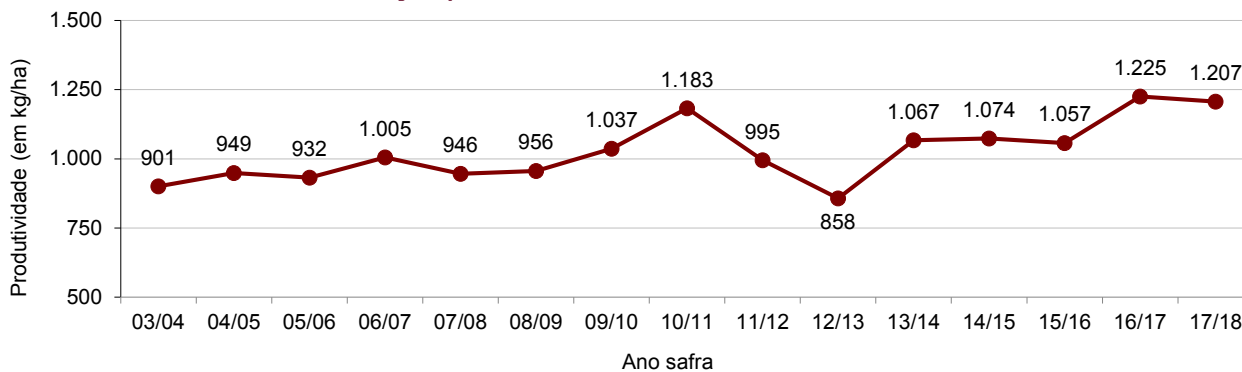
Gráfico 24 - Produtividade de feijão primeira safra na Bahia



Fonte: Conab.



Gráfico 25 - Produtividade de feijão primeira safra no Brasil



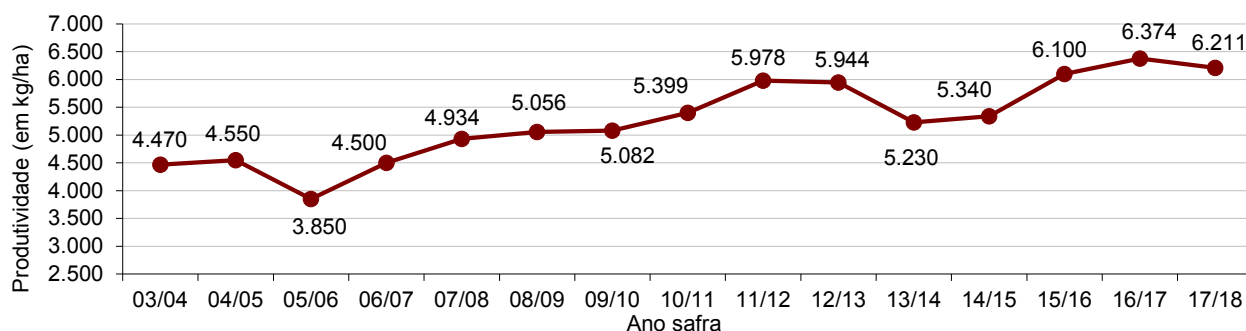
Fonte: Conab.

5.4. MILHO

A estimativa é de redução de 8,2% na produtividade do milho. Mesmo assim, a produtividade esperada é a segunda melhor no período entre 2003/04 a 2017/18.

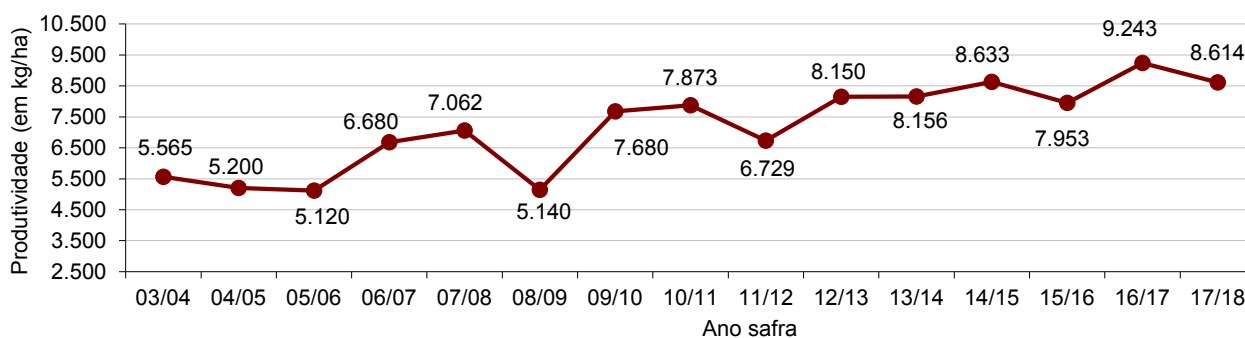
Nos estados da Região Sul, a estimativa da produtividade pode ser considerada normal, uma vez que na safra anterior o rendimento pode ser considerado ex-

Gráfico 26 - Produtividade de milho primeira safra em Minas Gerais



Fonte: Conab.

Gráfico 27 - Produtividade de milho primeira safra no Paraná



Fonte: Conab.



Gráfico 28 - Produtividade de milho primeira safra no Rio Grande do Sul

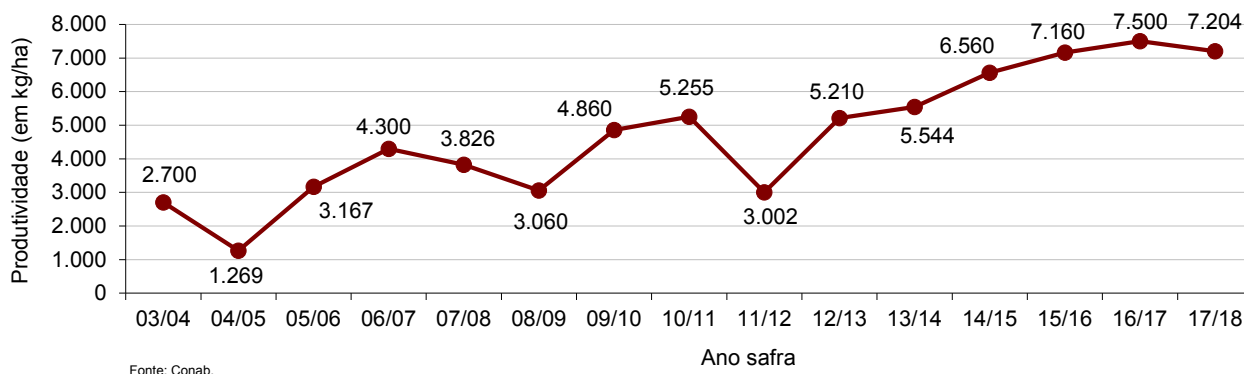


Gráfico 29 - Série histórica de milho primeira safra em Santa Catarina

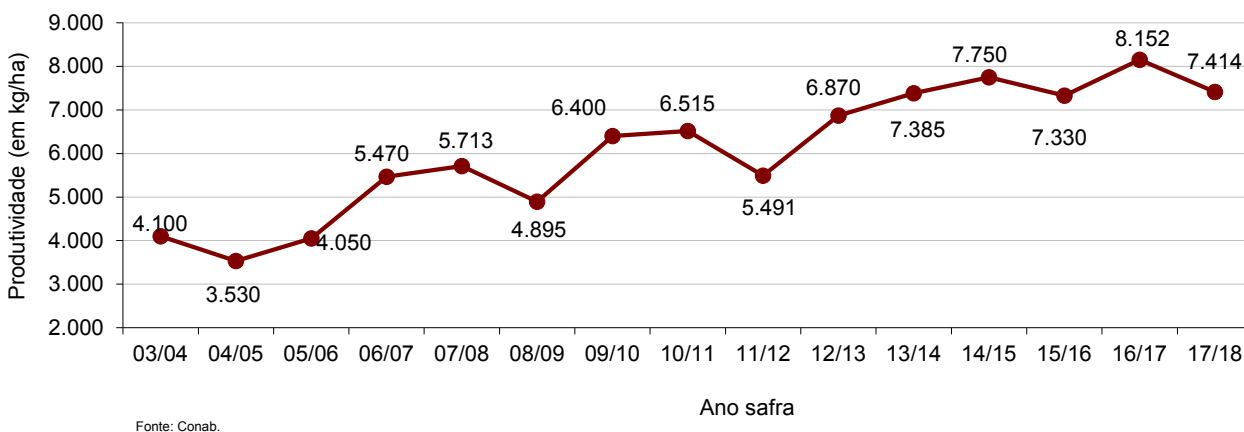


Gráfico 30 - Produtividade de milho primeira safra no Matopiba

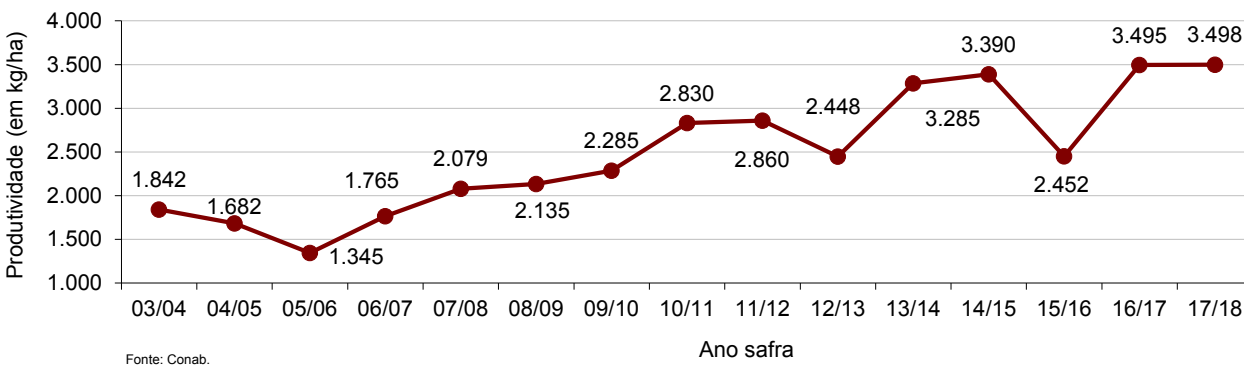
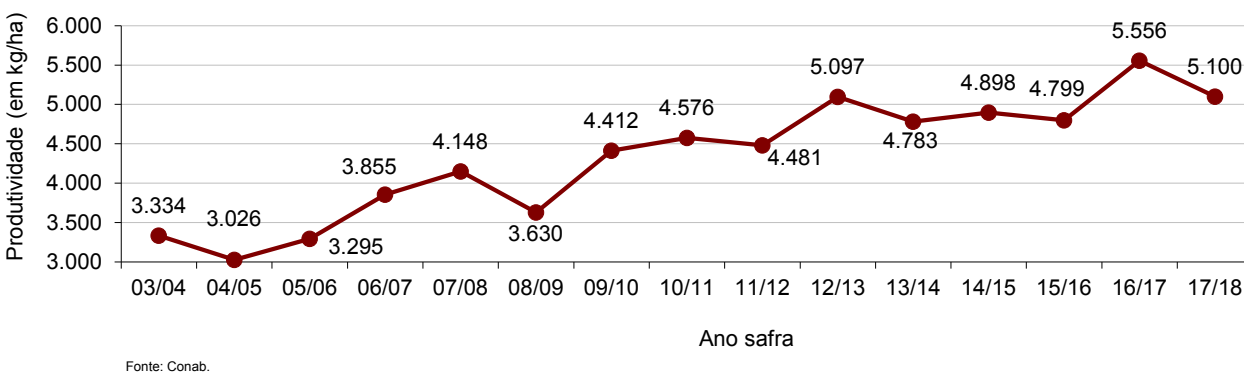


Gráfico 31 - Produtividade de milho primeira safra no Brasil



5.5. SOJA

Excluindo os resultados da safra 2016/17, a produtividade média nacional esteve entre 2,5 e 3 mil kg/ha, nos últimos dez anos¹. A estimativa do rendimento para a safra 2017/18 está de acordo com o pacote tecnológico utilizado e com o rendimento médio co-

mentado. Observando a estimativa de produtividade para os estados de Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e na região do Matopiba, percebe-se que todos estão próximos, no caso de Mato Grosso, ou acima da média nacional.

Gráfico 32 - Produtividade de soja em Minas Gerais

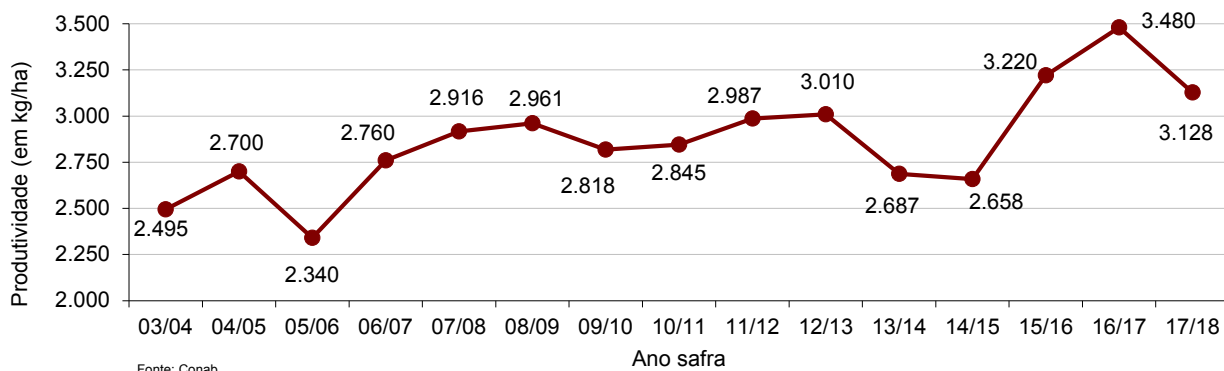


Gráfico 33 - Produtividade de soja em Mato Grosso

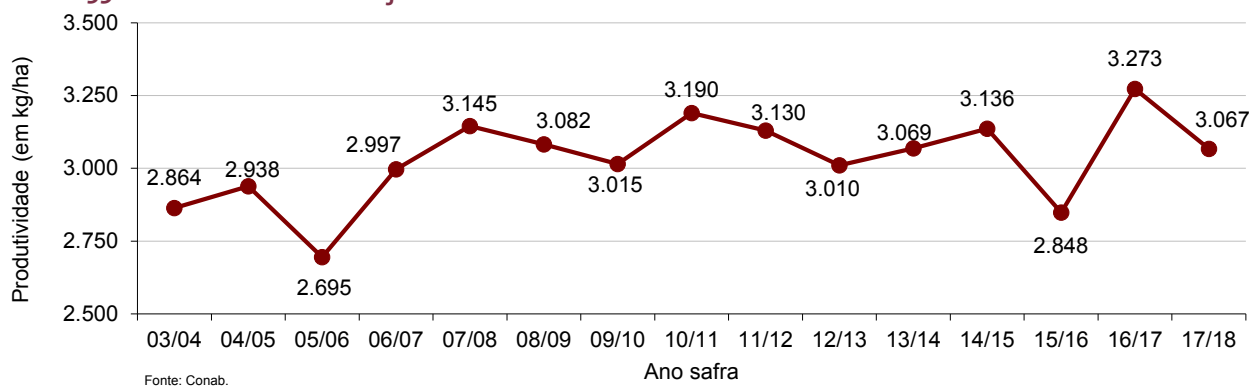


Gráfico 34 - Produtividade de soja no Paraná

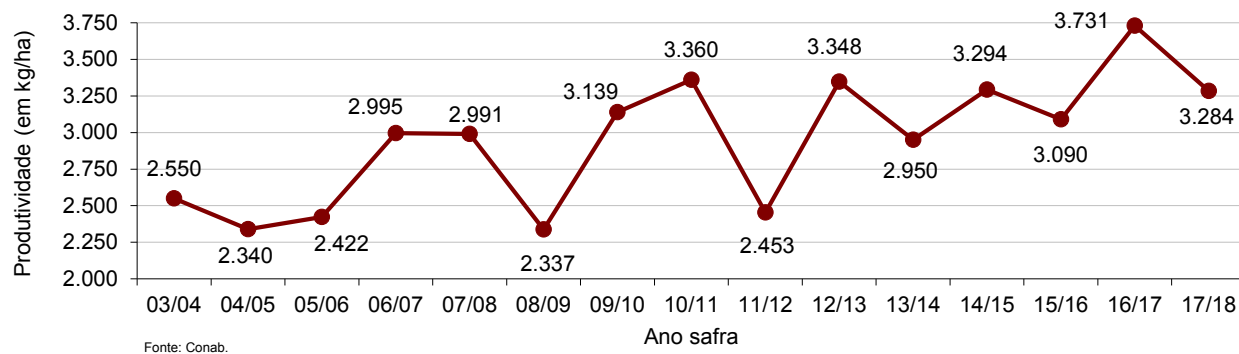


Gráfico 35 - Produtividade de soja em Santa Catarina

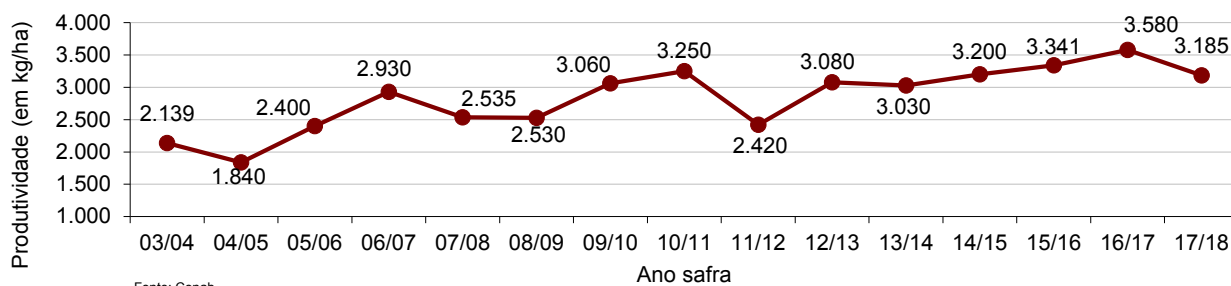


Gráfico 36 - Produtividade de soja em MATOPIBA

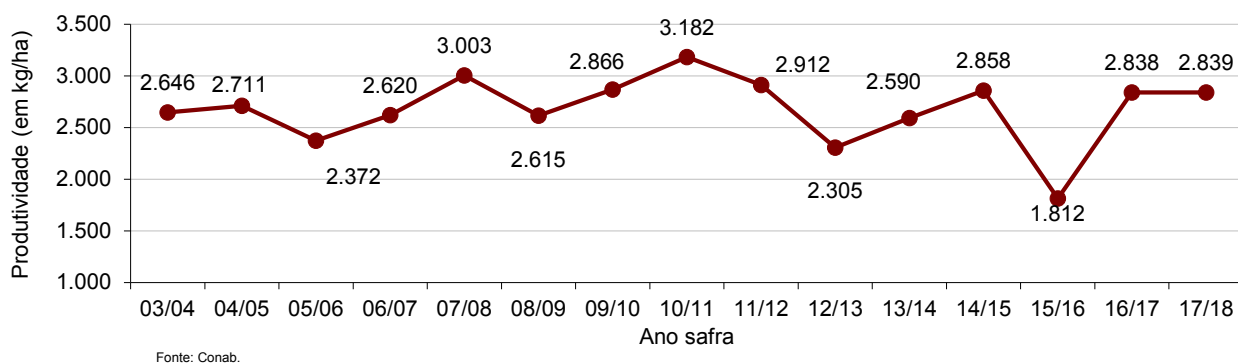


Gráfico 37 - Produtividade de soja no Brasil

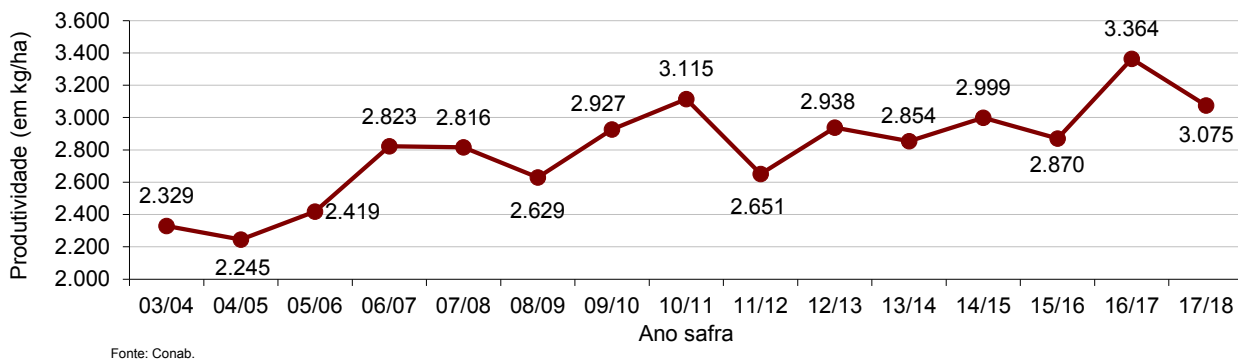


Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS		VARIÇÃO	
	16/17 (A)	17/18 (B)	Percentual (B/A)	Absoluta (B-A)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.445	2.431	(0,6)	(14,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.622	(0,4)	(7,0)
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.493	(3,1)	(112,9)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.594	(3,1)	(115,4)
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	2.413	(3,3)	(81,5)
ARROZ	6.223	5.989	(3,8)	(234,3)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.173	(7,4)	(173,5)
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.335	(3,7)	(284,0)
FEIJÃO TOTAL	1.069	1.050	(1,7)	(18,7)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.505	1.492	(0,9)	(13,2)
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.614	1.631	1,1	17,3
FEIJÃO TOTAL CAUPI	506	470	(7,2)	(36,4)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.209	(1,3)	(15,8)
CORES	1.779	1.764	(0,8)	(14,5)
PRETO	1.829	1.740	(4,9)	(89,0)
CAUPI	416	315	(24,5)	(101,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	847	0,6	5,4
CORES	1.338	1.356	1,4	18,3
PRETO	1.338	1.448	8,2	109,4
CAUPI	516	512	(0,8)	(3,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.264	(3,1)	(39,8)
CORES	1.396	1.370	(1,9)	(26,1)
PRETO	554	687	23,9	132,3
CAUPI	869	719	(17,2)	(149,8)
GIRASSOL	1.653	1.564	(5,4)	(88,7)
MAMONA	470	473	0,6	2,9
MILHO TOTAL	5.560	5.418	(2,6)	(142,6)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	5.107	(8,1)	(449,3)
MILHO 2ª SAFRA	5.562	5.547	(0,3)	(15,2)
SOJA	3.364	3.075	(8,6)	(288,9)
SORGO	2.967	2.859	(3,7)	(108,5)
SUBTOTAL	3.975	3.728	(6,2)	(247,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS		VARIÇÃO	
	16/17 (A)	17/18 (B)	Percentual (B/A)	Absoluta (B-A)
AVEIA	2.316	2.316	-	-
CANOLA	1.281	1.281	-	-
CENTEIO	2.222	2.222	-	-
CEVADA	3.129	3.129	-	-
TRIGO	2.546	2.546	-	-
TRITICALE	2.678	2.678	-	-
SUBTOTAL	2.516	2.516	-	-
BRASIL ⁽²⁾	3.908	3.750	(4,0)	-157,9

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.





6. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

Neste primeiro levantamento, para a safra 2017/18, a produção estimada indica um volume entre 224,17 a 228,21 milhões de toneladas. Variação entre 6 e 4,3% menor em relação à safra passada. Esse resultado representa uma possibilidade de redução na produção entre 14,3 e 10,3 milhões toneladas em virtude da última safra ter sido excepcional e, portanto, a expectativa é que a produção expresse o comportamento normal de safras anteriores.

A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas no país. Os dois produtos correspondem a quase 89% do que é produzido. A soja pode alcançar uma produção acima de 108 milhões de toneladas, enquanto o milho pode chegar à produção de até 93,5 milhões de toneladas, distribuídos entre primeira e segunda safras. Estima-se que a primeira safra de milho pode ser menor em relação à safra 2016/17 e alcançar entre 25 e 26,4 milhões de toneladas. A estimativa para feijão primeira safra é de até 1,27 milhões de toneladas.

Para a atual safra, destaca-se a estimativa de aumento da produção de algodão, feijão preto, girassol e mamona.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	16/17(a)	17/18		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.298,3	2.409,4	2.633,2	4,8	14,6	111,1	334,9
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.607,7	1.756,8	5,1	14,9	78,2	227,3
AMENDOIM TOTAL	466,2	449,1	450,6	(3,7)	(3,3)	(17,1)	(15,6)
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	422,6	424,1	(3,7)	(3,4)	(16,2)	(14,7)
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	26,5	26,5	(3,3)	(3,3)	(0,9)	(0,9)
ARROZ	12.327,8	11.752,5	11.857,4	(4,7)	(3,8)	(575,3)	(470,4)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.091,8	1.158,2	(11,3)	(5,9)	(138,9)	(72,5)
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.660,7	10.699,2	(3,9)	(3,6)	(436,4)	(397,9)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.304,5	3.345,5	(2,8)	(1,6)	(95,0)	(54,0)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	2.136	2.162	(1,9)	(0,8)	(42,1)	(16,6)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	519	523	2,2	3,0	11,1	15,1
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	650	661	(8,9)	(7,3)	(63,7)	(52,2)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.235,5	1.270,8	(9,2)	(6,6)	(125,1)	(89,8)
CORES	850,4	801,4	825,3	(5,8)	(3,0)	(49,0)	(25,1)
PRETO	319,5	313,8	317,8	(1,8)	(0,5)	(5,7)	(1,7)
CAUPI	190,7	120,1	127,6	(37,0)	(33,1)	(70,6)	(63,1)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.256,8	1.262,4	4,7	5,1	55,9	61,5
CORES	575,8	596,6	598,2	3,6	3,9	20,8	22,4
PRETO	180,2	195,1	195,1	8,3	8,3	14,9	14,9
CAUPI	445,0	465,2	469,2	4,5	5,4	20,2	24,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	812,4	812,4	(3,0)	(3,0)	(25,3)	(25,3)
CORES	752,1	738,2	738,2	(1,8)	(1,8)	(13,9)	(13,9)
PRETO	7,9	9,8	9,8	24,1	24,1	1,9	1,9
CAUPI	77,6	64,3	64,3	(17,1)	(17,1)	(13,3)	(13,3)
GIRASSOL	103,7	98,0	98,0	(5,5)	(5,5)	(5,7)	(5,7)
MAMONA	13,1	13,3	14,4	1,5	9,9	0,2	1,3
MILHO TOTAL	97.817,0	92.195,8	93.604,1	(5,7)	(4,3)	(5.621,2)	(4.212,9)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	25.024,9	26.433,2	(17,8)	(13,2)	(5.437,1)	(4.028,8)
MILHO 2ª SAFRA	67.355,1	67.170,9	67.170,9	(0,3)	(0,3)	(184,2)	(184,2)
SOJA	114.075,3	106.007,8	108.257,5	(7,1)	(5,1)	(8.067,5)	(5.817,8)
SORGO	1.864,8	1.803,2	1.808,1	(3,3)	(3,0)	(61,6)	(56,7)
SUBTOTAL	232.365,7	218.033,6	222.068,8	(6,2)	(4,4)	(14.332,1)	(10.296,9)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	16/17(a)	17/18		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	787,7	787,7	787,7	-	-	-	-
CANOLA	61,6	61,6	61,6	-	-	-	-
CENTEIO	8,0	8,0	8,0	-	-	-	-
CEVADA	341,7	341,7	341,7	-	-	-	-
TRIGO	4.881,3	4.881,3	4.881,3	-	-	-	-
TRITICALE	60,8	60,8	60,8	-	-	-	-
SUBTOTAL	6.141,1	6.141,1	6.141,1	-	-	-	-
BRASIL (2)	238.506,8	224.174,7	228.209,9	(6,0)	(4,3)	(14.332,1)	(10.296,9)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18		Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(e/d)	(e/d)
NORTE	2.934,9	2.952,2	3.047,2	0,6	3,8	3.246	3.161	(2,6)	9.527,5	9.337,7	9.627,2	(2,0)	1,0
RR	54,8	54,8	54,8	-	-	4.210	4.093	(2,8)	230,7	224,3	224,3	(2,8)	(2,8)
RO	553,0	551,1	560,4	(0,3)	1,3	3.371	3.434	1,9	1.864,0	1.893,7	1.923,0	1,6	3,2
AC	46,8	46,8	46,8	-	-	1.976	2.004	1,4	92,5	93,8	93,8	1,4	1,4
AM	19,2	19,2	19,2	-	-	2.214	2.214	-	42,5	42,5	42,5	-	-
AP	23,5	23,5	23,5	-	-	2.498	2.434	(2,6)	58,7	57,2	57,2	(2,6)	(2,6)
PA	861,5	886,5	914,7	2,9	6,2	3.129	2.972	(5,0)	2.696,0	2.635,4	2.718,1	(2,2)	0,8
TO	1.376,1	1.370,3	1.427,8	(0,4)	3,8	3.301	3.202	(3,0)	4.543,1	4.390,8	4.568,3	(3,4)	0,6
NORDESTE	7.852,4	7.909,6	8.103,8	0,7	3,2	2.315	2.147	(7,3)	18.180,3	16.939,9	17.437,8	(6,8)	(4,1)
MA	1.565,3	1.581,7	1.598,2	1,0	2,1	3.061	2.912	(4,9)	4.790,7	4.606,2	4.653,2	(3,9)	(2,9)
PI	1.476,8	1.471,2	1.493,4	(0,4)	1,1	2.469	2.115	(14,3)	3.645,5	3.107,9	3.162,6	(14,7)	(13,2)
CE	932,0	932,0	932,0	-	-	591	501	(15,2)	550,4	467,2	467,2	(15,1)	(15,1)
RN	67,6	67,6	67,6	-	-	426	454	6,6	28,8	30,7	30,7	6,6	6,6
PB	179,5	179,5	179,5	-	-	393	378	(3,7)	70,5	67,9	67,9	(3,7)	(3,7)
PE	344,3	344,3	344,3	-	-	329	382	16,2	113,4	131,6	131,6	16,0	16,0
AL	80,1	80,1	80,1	-	-	790	754	(4,5)	63,3	60,4	60,4	(4,6)	(4,6)
SE	193,0	193,0	193,0	-	-	4.335	3.325	(23,3)	836,6	641,7	641,7	(23,3)	(23,3)
BA	3.013,8	3.060,2	3.215,7	1,5	6,7	2.681	2.557	(4,6)	8.081,1	7.826,3	8.222,5	(3,2)	1,7
CENTRO-OESTE	24.963,6	25.039,0	25.459,3	0,3	2,0	4.145	3.953	(4,6)	103.462,0	99.142,2	100.487,0	(4,2)	(2,9)
MT	15.119,1	15.185,0	15.461,6	0,4	2,3	4.100	3.909	(4,7)	61.986,5	59.481,5	60.322,5	(4,0)	(2,7)
MS	4.441,3	4.464,7	4.531,3	0,5	2,0	4.232	3.980	(6,0)	18.796,4	17.793,8	18.007,9	(5,3)	(4,2)
GO	5.241,5	5.226,7	5.302,7	(0,3)	1,2	4.173	4.017	(3,7)	21.873,1	21.009,8	21.290,7	(3,9)	(2,7)
DF	161,7	162,6	163,7	0,6	1,2	4.985	5.280	5,9	806,0	857,1	865,9	6,3	7,4
SUDESTE	5.486,0	5.430,4	5.611,9	(1,0)	2,3	4.220	4.019	(4,8)	23.152,6	21.820,7	22.557,3	(5,8)	(2,6)
MG	3.372,7	3.298,4	3.449,0	(2,2)	2,3	4.175	4.031	(3,5)	14.080,0	13.290,7	13.906,5	(5,6)	(1,2)
ES	24,0	24,0	24,0	-	-	2.058	1.942	(5,7)	49,4	46,6	46,6	(5,7)	(5,7)
RJ	4,8	4,8	4,8	-	-	1.938	1.958	1,0	9,3	9,4	9,4	1,1	1,1
SP	2.084,5	2.103,2	2.134,1	0,9	2,4	4.324	4.028	(6,8)	9.013,9	8.474,0	8.594,8	(6,0)	(4,6)
SUL	19.653,8	19.556,7	19.793,9	(0,5)	0,7	4.283	3.940	(8,0)	84.184,4	76.934,0	78.100,5	(8,6)	(7,2)
PR	9.734,1	9.766,8	9.766,8	0,3	0,3	4.208	3.858	(8,3)	40.960,5	37.682,7	37.682,7	(8,0)	(8,0)
SC	1.312,8	1.259,3	1.312,7	(4,1)	-	5.318	4.698	(11,7)	6.981,5	5.886,0	6.196,8	(15,7)	(11,2)
RS	8.606,9	8.530,6	8.714,4	(0,9)	1,2	4.211	3.919	(6,9)	36.242,4	33.365,3	34.221,0	(7,9)	(5,6)
NORTE/NORDESTE	10.787,3	10.861,8	11.151,0	0,7	3,4	2.569	2.423	(5,7)	27.707,8	26.277,6	27.065,0	(5,2)	(2,3)
CENTRO-SUL	50.103,4	50.026,1	50.865,1	(0,2)	1,5	4.207	3.955	(6,0)	210.799,0	197.896,9	201.144,8	(6,1)	(4,6)
BRASIL	60.890,7	60.887,9	62.016,1	-	1,8	3.917	3.681	(6,0)	238.506,8	224.174,5	228.209,8	(6,0)	(4,3)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale. Fonte: Conab. Nota: Estimativa em outubro/2017.





7. CRÉDITO RURAL

Esse primeiro levantamento traz estimativas iniciais para a produção de grãos e para a área plantada das principais culturas brasileiras. Nesse escopo, uma variável fundamental para o entendimento do comportamento e dos posicionamentos e intenções dos produtores é a busca por crédito para o custeio.

É de conhecimento que o financiamento da agricultura não se prende apenas ao crédito de origem bancária. Outros agentes oferecem oportunidade aos produtores para utilização de seus recursos financeiros ou de troca de insumos e uso de pacotes tecnológicos contra entrega de determinado percentual do produto colhido como parte do pagamento.

Nesse espaço, a intenção é observar o posicionamento do crédito oriundo das instituições financeiras se utilizando do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) que disponibiliza informações acerca de variados produtos, dentre eles os presentes nesse levantamento, como valores, quantidades, programas de custeio por região e Unidade da Federação. Nesse sentido, em 20 de setembro de 2017, foram extraídas as informações atualizadas até agosto de 2017 no endereço eletrônico do Banco Central do Brasil, na internet.

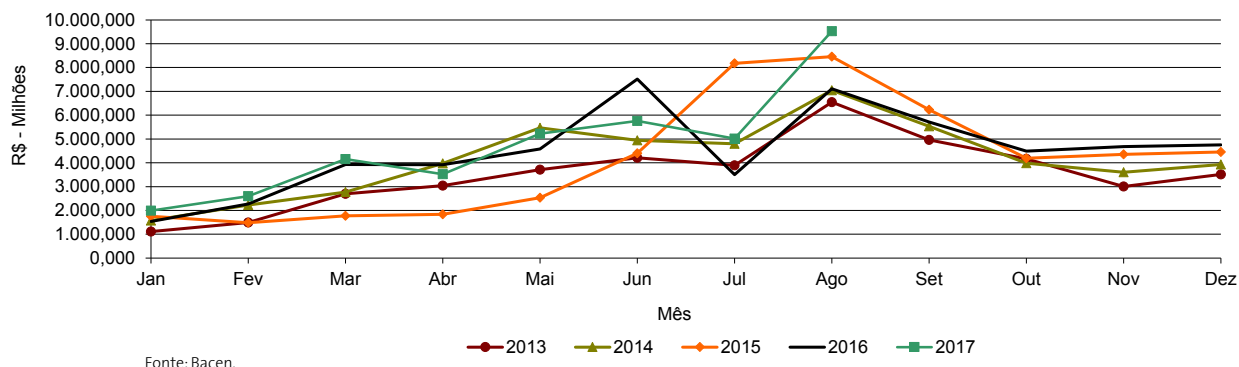
As informações utilizadas para esse documento são dos recursos oriundos do crédito ofertado do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), do Programa Nacional de Apoio ao Mé-

dio Produtor Rural (Pronamp) e na modalidade Sem Vínculo a Programa Específico.

No acumulado, janeiro a agosto, o valor observado é de R\$ 37,8 bilhões, 10% superior ao montante utilizado no mesmo período no exercício de 2016 (34,35 bilhões

de reais). Uma das hipóteses para tal situação indica a antecipação dos produtores no uso de crédito para melhor adquirir os insumos necessários para o plantio. Esse movimento é observado na Figura 1, quando se verifica a tendência de aumento do financiamento a partir de maio, com pico em agosto.

Gráfico 38 – Total de investimentos – 2013 a 2017 – Em R\$ milhões

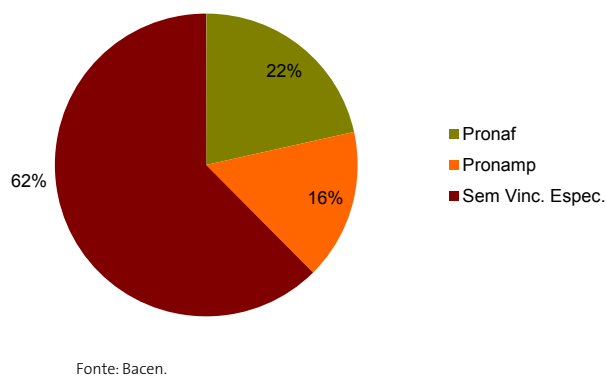


A curva destacada na figura anterior demonstra forte crescimento do uso de crédito no mês de agosto onde foram aportados, para custeio, R\$ 9,5 bilhões, um aumento de 34% em relação ao mesmo período do ano anterior, representando a procura de crédito em momento de início de plantio da próxima safra agrícola. A intensidade da procura indica tomada de decisão

quanto ao cultivo (por exemplo produto e/ou pacote tecnológico), dado os cenários e perspectivas internas e externas.

O gráfico abaixo indica a participação de cada tipo de modalidade de financiamento no mês de agosto de 2017.

Gráfico 39 – Total de investimentos – 2013 a 2017 – Em R\$ milhões



7.1. A CULTURA DO ARROZ

A safra brasileira de grãos tem na produção de arroz, milho e soja as principais culturas que tem relação direta com o hábito alimentar nacional e o atendi-

mento ao mercado externo. Nesse contexto, as análises a seguir serão focadas nessas culturas que representam aproximadamente 90% da produção.



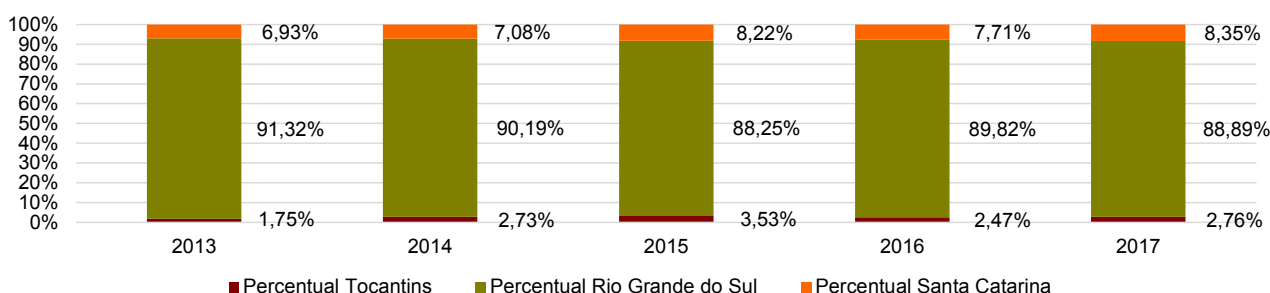
A Região Sul, onde se destacam os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, concentra a produção nacional de arroz e, de acordo com o calendário agrícola, tem o início do plantio em agosto. Outro estado que tem apresentado força na produção do cereal é o Tocantins, com início do plantio previsto para outubro. Os comentários abaixo estão restritos a esses estados produtores.

O financiamento de custeio para a cultura do arroz ocorre, prioritariamente, via aporte sem vínculo a pro-

grama específico, o que demonstra o perfil do produtor de arroz que utiliza de mecanização e tecnologia para o cultivo desse cereal.

O maior produtor do cereal no Brasil é o estado do Rio Grande do Sul, seguido pelo estado de Santa Catarina e pelo Tocantins. Nesse sentido, o gráfico abaixo corrobora a distribuição dos aportes pelos estados supracitados, ratificando a forte presença do estado do Rio Grande do Sul.

Gráfico 40 – Distribuição do aporte total – Arroz – RS, SC e TO

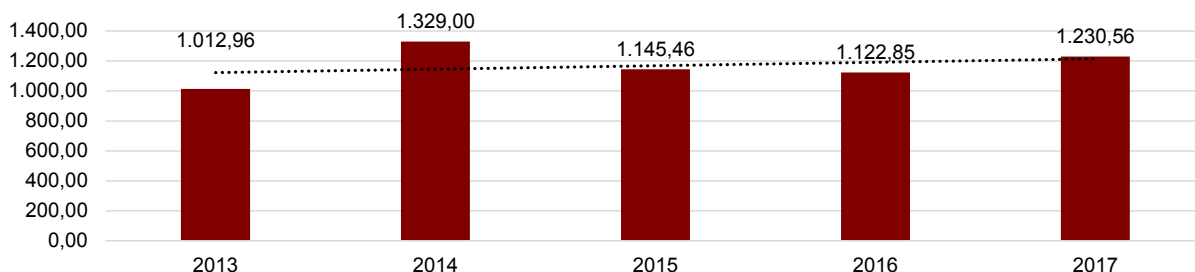


Fonte: Bacen.

O gráfico abaixo apresenta os valores acumulados de janeiro a agosto para o conjunto de estados, apresen-

tando tendência de crescimento nos últimos 5 anos.

Gráfico 41 – Total de aporte – Arroz – RS, SC e TO – Janeiro a agosto



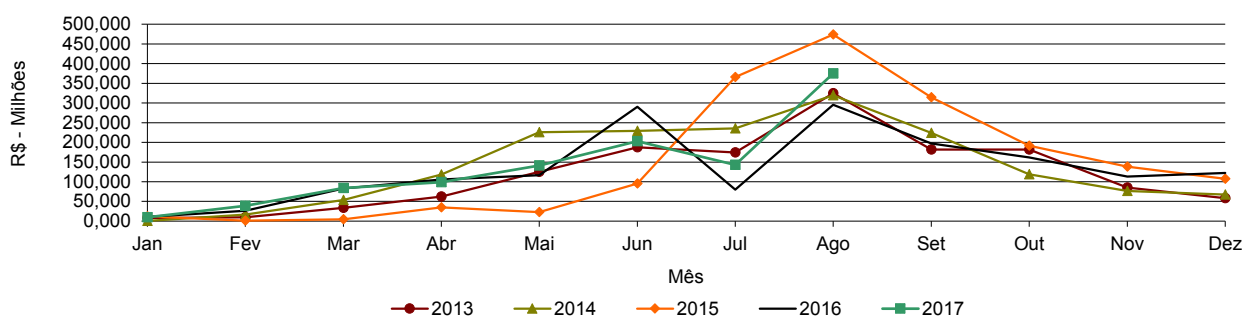
Fonte: Bacen.

Além disso, para cada unidade da federação em específico observa-se aumento na obtenção de crédito de custeio, no acumulado Janeiro a agosto, em comparação com o mesmo período do ano anterior. O Rio Grande do Sul apresenta R\$ 1.093,86 milhões, Santa Catarina teve R\$ 102,75 milhões e Tocantins com R\$ 33,95 milhões; valores que representam crescimento de 8,46%, 18,70% e 22,17%, respectivamente.

É importante ressaltar a tendência de crescimento na obtenção de crédito de custeio no conjunto das unidades da federação mencionadas. O total de aporte para os três estados foi, no mês de agosto, de R\$ 433,50 milhões, valor esse 25% superior ao aportado no mesmo período de 2016. Observa-se nos dois gráficos a seguir que esse comportamento tem relação com o início de plantio no sul do país.

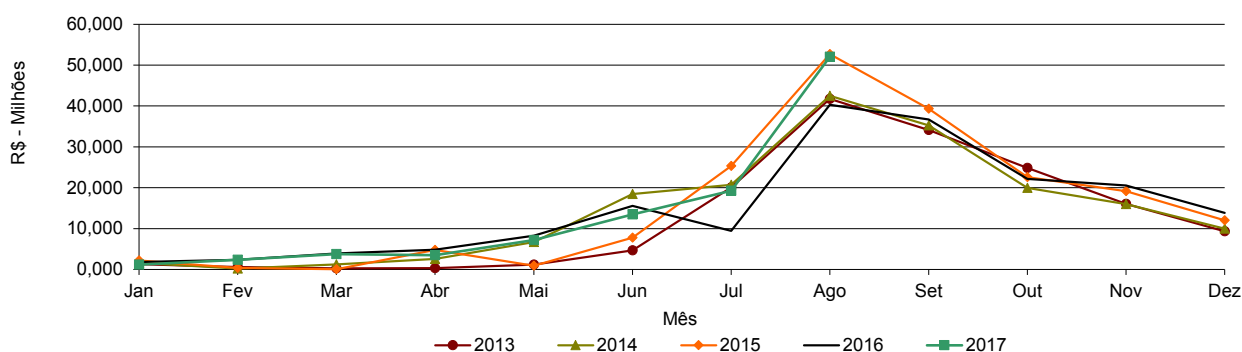


Gráfico 42 – Total de Aporte – Arroz – Rio Grande do Sul – Agosto



Fonte: Bacen.

Gráfico 43 – Total de aporte – Arroz – Santa Catarina – Agosto



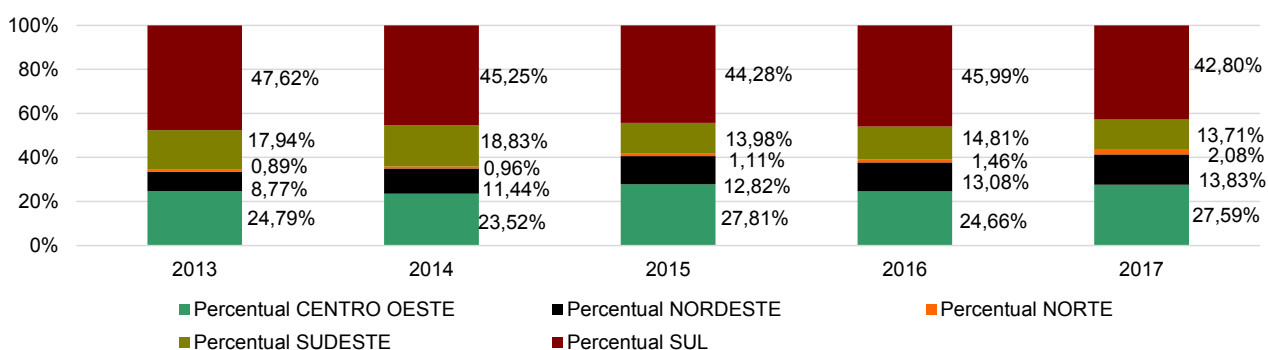
Fonte: Bacen.

7.2. A CULTURA DO MILHO

A cultura do milho se apresenta em duas safras; a primeira com início de plantio entre julho para o Centro-Sul e Setembro no Norte/Nordeste. Já a segunda safra é plantada no verão. A análise terá como foco a Região Centro-Sul, maior produtora de milho na primeira safra.

O gráfico abaixo apresenta a distribuição do crédito pelas regiões brasileiras entre 2013 e 2017 (janeiro a agosto), corroborando a forte participação das regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste.

Gráfico 44 – Distribuição do aporte – Milho - Regiões – Janeiro a agosto – 2013 a 2017



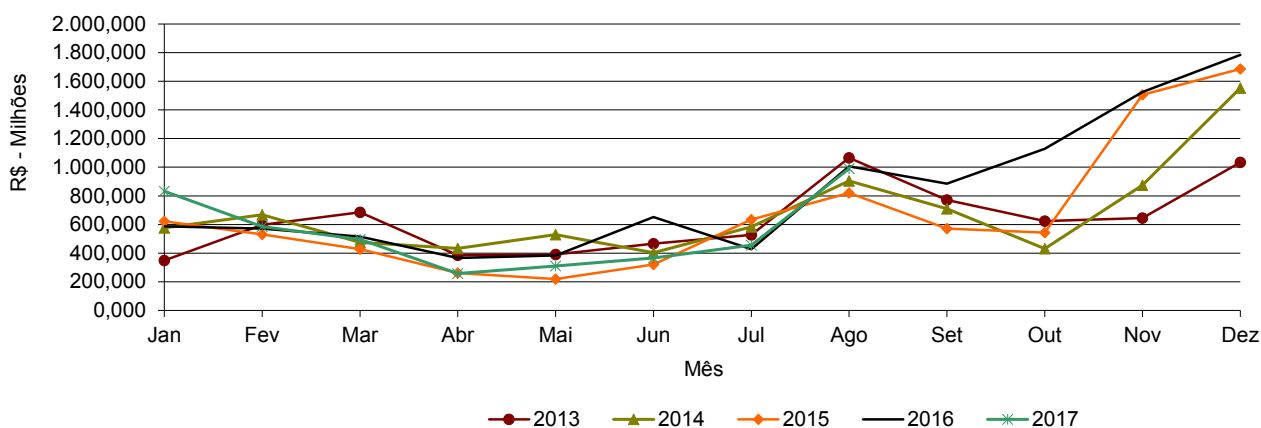
Fonte: Bacen.

No ano de 2017 – janeiro a agosto - os recursos utilizados no custeio de milho atingiram o montante de 4,3 bilhões de reais. Pelo que se depreende do comportamento do crédito em 2017, o montante envolvido é inferior a 2016. A partir de abril percebe-se aumento no

uso do crédito, o que é compatível com os preparativos de plantio da safra 2017/18, sem perder a realidade que nesse período ainda se observa o desenvolvimento da 2ª safra de milho 2016/17 (Gráfico a seguir).



Gráfico 45 - Total de investimentos – Milho – Janeiro a agosto – 2013 a 2017

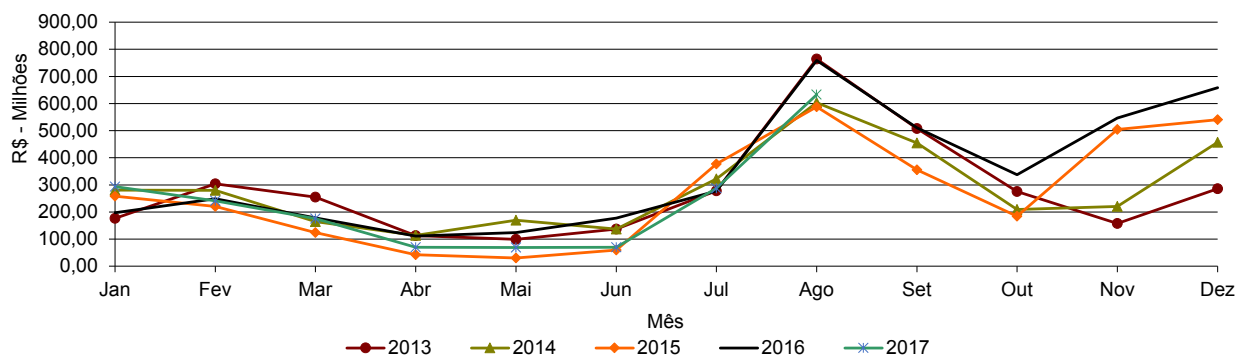


Fonte: Bacen.

Os três gráficos seguintes apresentam os valores mensais aportados, de 2013 a 2017, para a região Sul, Centro-Oeste e Sudeste, respectivamente. O valor aportado para o conjunto das regiões Centro-Oeste,

Sul e Sudeste foi de R\$ 880 milhões, divididos em R\$ 632 milhões para o Sul, R\$ 146 milhões para o Centro-Oeste e R\$ 101 milhões para o Sudeste.

Gráfico 46 - Série temporal do aporte – Milho – Sul – 2013 a 2017

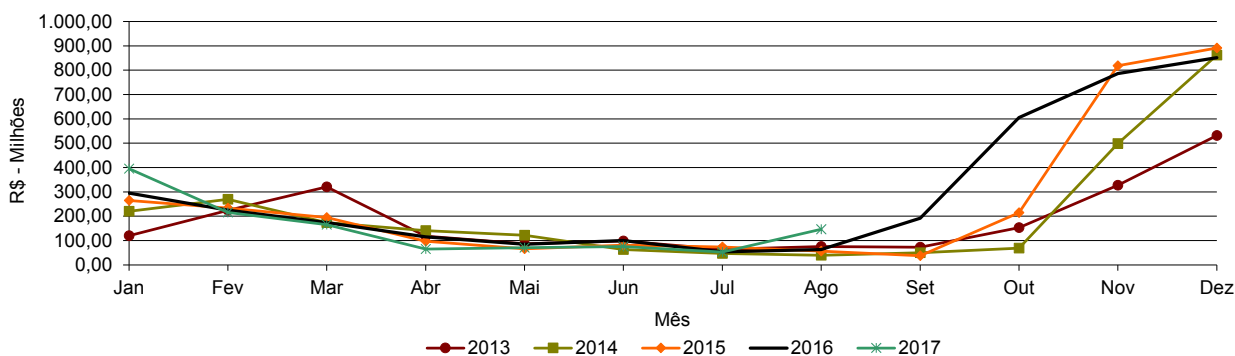


Fonte: Bacen.

A partir das informações gráficas acima apresentadas podemos depreender redução do crédito (11,31%) em relação a 2016. O processo de financiamento tem iní-

cio a partir de julho, o que compatível com o calendário de plantio. A região sul é historicamente a maior produtora de milho na primeira safra.

Gráfico 47 - Série temporal do aporte – Milho – Centro-Oeste – 2013 a 2017



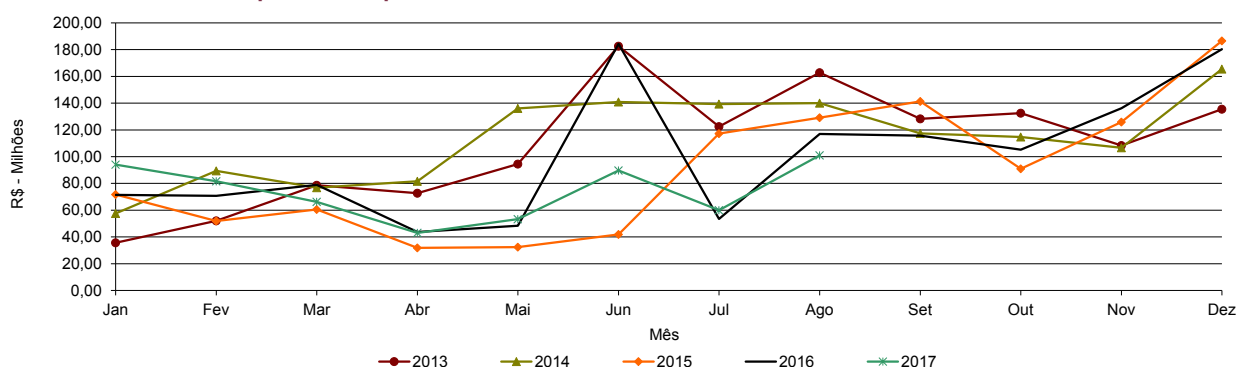
Fonte: Bacen.



A Região Centro-Oeste tem como característica o plantio de milho na primeira safra em quantidade inferior ao de segunda safra. As informações do gráfico

acima demonstram movimento semelhante aos anos anteriores e se observa o crescimento em agosto, o que tem relação com o calendário de plantio.

Gráfico 48 - Série temporal do aporte – Milho – Sudeste – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Por fim, o comportamento mensal de aportes para a região Sudeste é relativamente inconstante nos anos analisados e para 2017, observa-se um patamar infe-

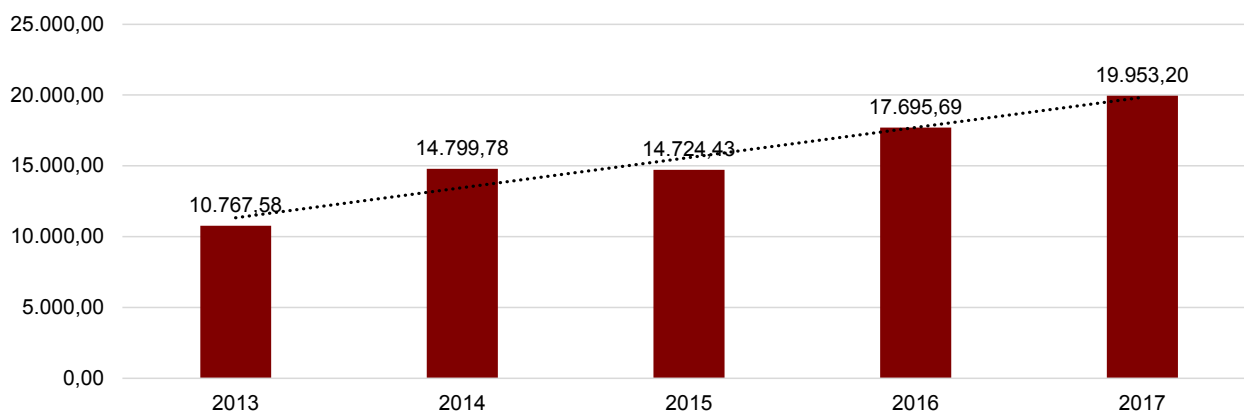
rior a quase todos os anos anteriores com uma retomada especificadamente em agosto, dado o calendário de plantio.

7.3. A CULTURA DA SOJA

Segundo o calendário agrícola, para a cultura de soja, o plantio tem início em setembro. Observando as informações constantes da Figura 12, pode-se perceber o aumento da utilização do crédito no período de ja-

neiro a agosto de 2017 em relação a todos os anos da série. Neste ano o montante de 19,9 bilhões de reais representa 12,76% acima do ano de 2016.

Gráfico 49 - Aporte acumulado – Soja – 2013 a 2017 – Janeiro a agosto



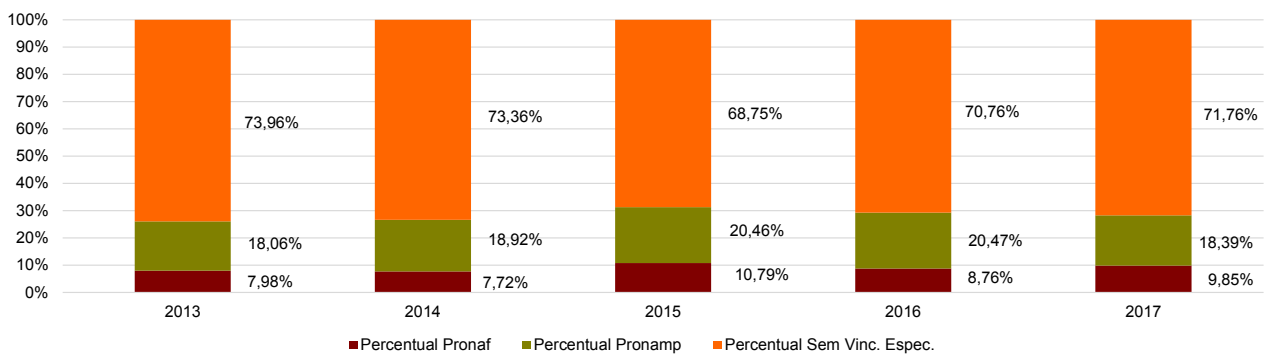
Fonte: Bacen.

O financiamento da safra de soja é concentrado no programa sem vínculo específico, como se observa no

gráfico seguinte.



Gráfico 50 - Distribuição do aporte total – Soja

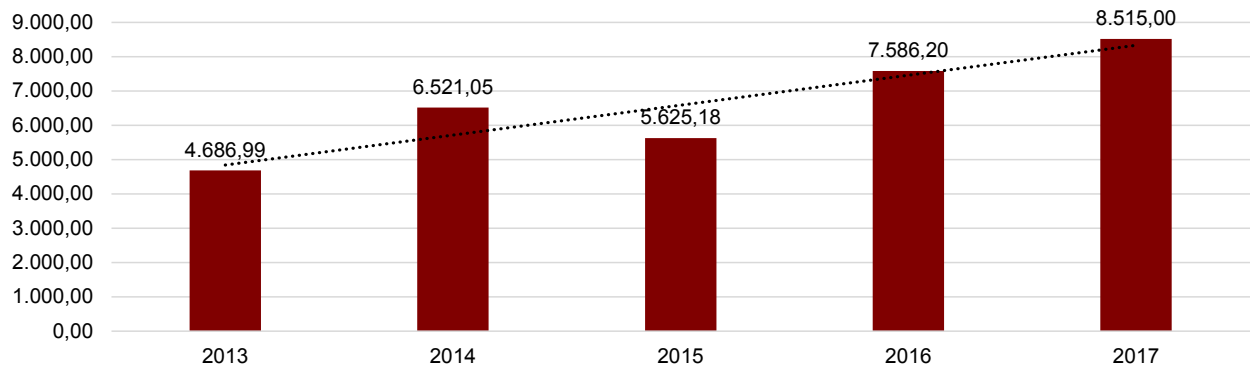


Fonte: Bacen.

A produção de soja é concentrada no Centro-Sul e os três gráficos a seguir apresentam o total aportado entre 2013 e 2017 para essas regiões. Para as regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste, no acumulado do ano,

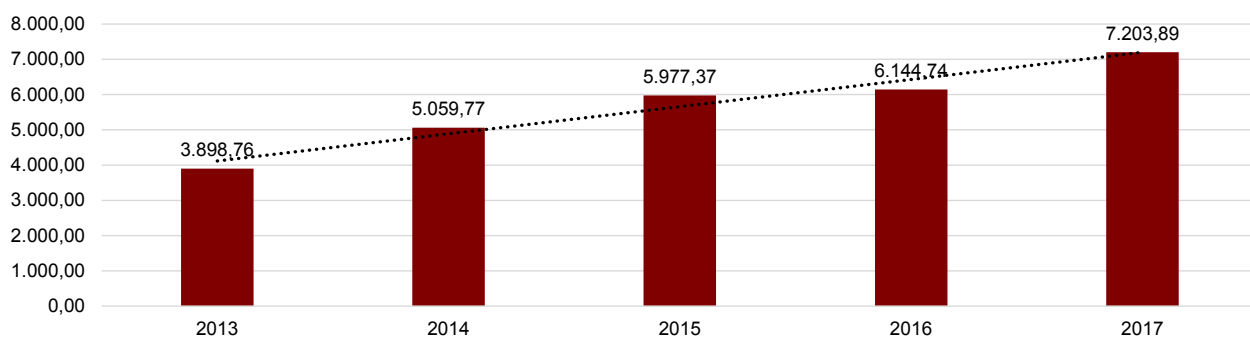
janeiro a agosto de 2017, foram disponibilizados para o custeio R\$ 17,20 bilhões e para o mesmo período de 2016 observou-se o total de R\$ 14,98 bilhões, o que representa um aumento de 15%.

Gráfico 51 - Aporte acumulado – Soja – Centro-Oeste – 2013 a 2017 – Janeiro a agosto



Fonte: Bacen.

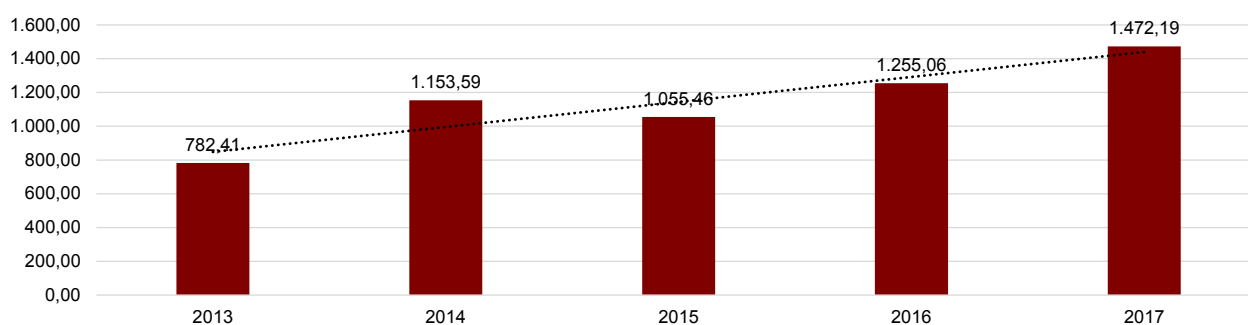
Gráfico 52 - Aporte acumulado – Soja – Sul – 2013 a 2017 – Janeiro a agosto



Fonte: Bacen.



Gráfico 53 - Aporte acumulado – Soja – Sudeste – 2013 a 2017 – Janeiro a agosto



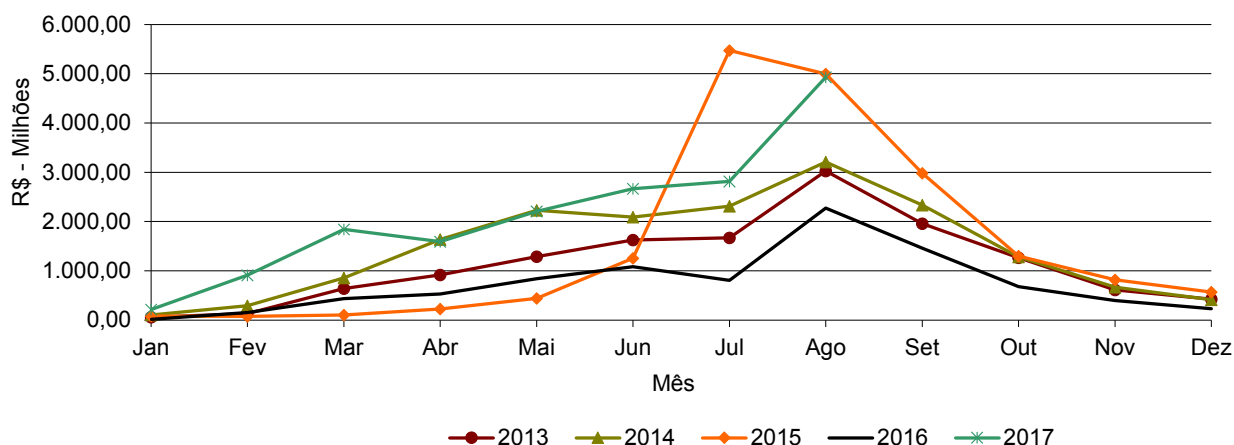
Fonte: Bacen.

Percebe-se, pelas informações gráficas, uma tendência de crescimento no aporte para as três regiões em análise. Na região Centro-Oeste percebe-se que o crédito até agosto deste ano foi superior a 2016 em 12,24%. É a região onde se encontra a maior produção de soja. A região Sul representa a segunda maior região na produção de soja e o crescimento do montante de recursos utilizados em 2017 em relação a 2016 foi da ordem de R\$ 1,1 bilhões de reais, o que representa incremento de 17,24%. No Sudeste o crescimento do

crédito foi de 17,30%.

No gráfico abaixo pode-se perceber o comportamento do uso do crédito na região Centro-Sul. Observa-se o crescimento na utilização do financiamento inicia a partir de maio, o que pode ser explicado pela antecipação na compra de insumos para o plantio da safra 2017/18. O incremento observado em agosto tem relação com o início do plantio na forma do calendário de produção.

Gráfico 54 - Série temporal do Aporte – Soja – Centro-Sul – 2013 a 2017



Fonte: Bacen.





8. MERCADO DE INSUMOS E CUSTOS DE PRODUÇÃO

Os custos de produção têm relação direta com as escolhas feitas pelo produtor, pois a rentabilidade futura de determinada cultura tem reflexos na decisão do plantio. A Conab elabora os custos de produção de diversas culturas e tem o acompanhamento dos preços dos insumos, das máquinas e implementos agrícolas, de forma sistemática. O momento de início do ano-safra 2017/18 é propício para observar o comportamento dos preços desses importantes recursos na produção agrícola.

8.1. COMPORTAMENTO DOS PREÇOS DOS INSUMOS AGRÍCOLAS

A Conab tem realizado estudos que demonstram o comportamento dos insumos agrícolas nos custos de produção de diversos produtos da agropecuária (CONAB, 2017¹). Dentre esses insumos, os agrotóxicos e os fertilizantes apresentam relevância no dimensionamento dos coeficientes do pacote tecnológico aplicado na produção agrícola de grãos, destacando-se como importante fator nos processos desde a preparação do solo até a colheita da cultura.

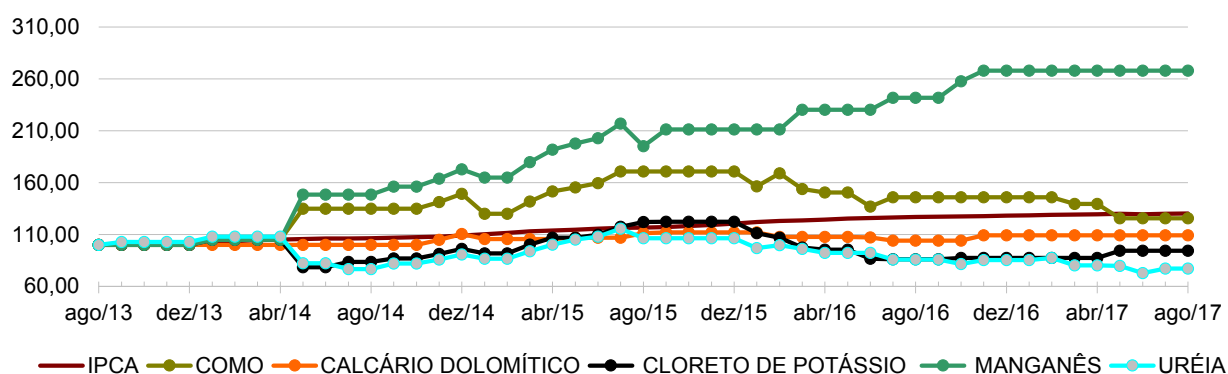
Considerando o início de um novo ciclo de produção, safra 2017/18, as principais atividades estão concentradas no preparo do solo e no manejo da cultura de cobertura. Dessa forma, convém a avaliação objetiva do comportamento dos preços dos fertilizantes, óleos, espalhantes e herbicidas principalmente neste momento de plantio.

Nesse contexto, abaixo são analisados os preços dos principais fertilizantes, óleos e espalhantes e herbicidas nas safras de milho e soja nas principais regiões produtoras, compreendendo o período dos anos-safras 2013/14 e o início da safra 2017/18. Os gráficos a

seguir mostram, em números-índices, a evolução dos preços dos principais insumos utilizados durante o plantio, comparados com o IPCA, que é o índice oficial de inflação no país, para observar o comportamento dos preços. O gráfico tem como período base agosto de 2013. A linha vermelha vertical está fixa em janeiro de 2017, de modo a se observar o comportamento desses índices neste ano.

Em Mato Grosso, os preços dos fertilizantes estão constantes desde o início deste ano e somente o manganês tem seus preços acima da inflação. Os preços dos óleos e espalhantes apresentaram queda no início do ano, no entanto, houve uma recuperação dos preços nos níveis praticados no ano passado e atualmente estão constantes e se encontram acima do IPCA. Com relação aos herbicidas, os preços também estão praticamente constantes e em queda a partir de julho de 2017, com exceção do Roundup, cujo princípio ativo é o glifosato, que apresentou aumento no início do ano, mas atualmente o comportamento é de queda.

Gráfico 55 - Mato Grosso - Evolução do IPCA e dos fertilizantes



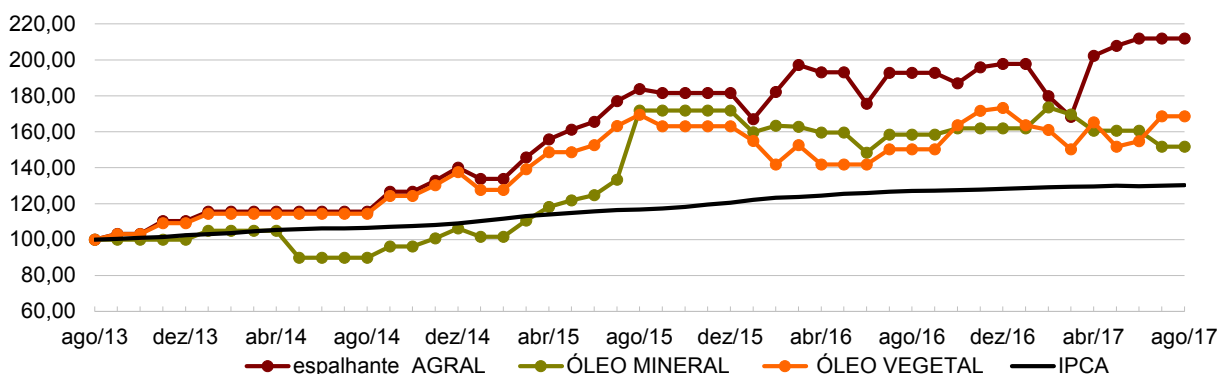
Fonte: Conab.

Nota: (Ago/13=100) - Ago/13-Ago/17.

1 COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. O comportamento dos preços dos insumos agrícolas na produção de milho e soja. Brasília: CONAB, 2017. 63 p. (Compêndio de Estudos Conab. Volume 7).

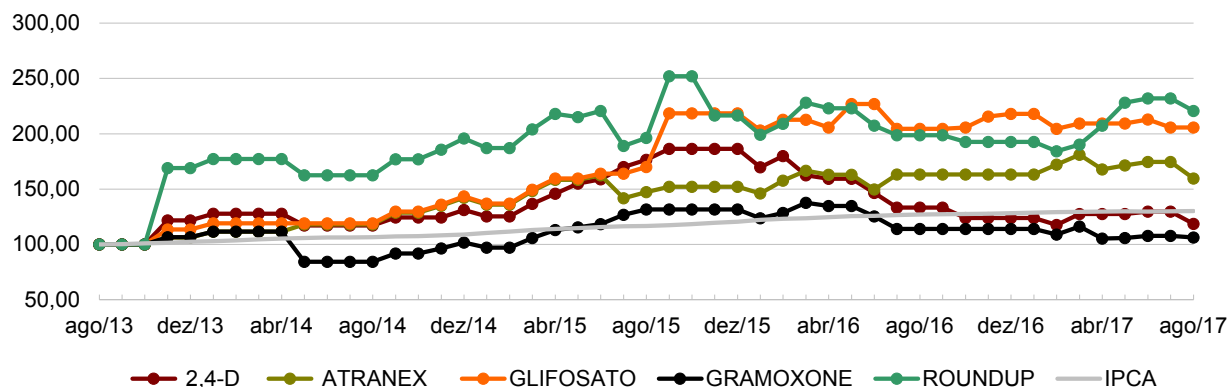


Gráfico 56 - Mato Grosso - Evolução do IPCA e dos óleos e espalhantes



Fonte: Conab.
Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

Gráfico 57 - Mato Grosso - Evolução do IPCA e dos herbicidas

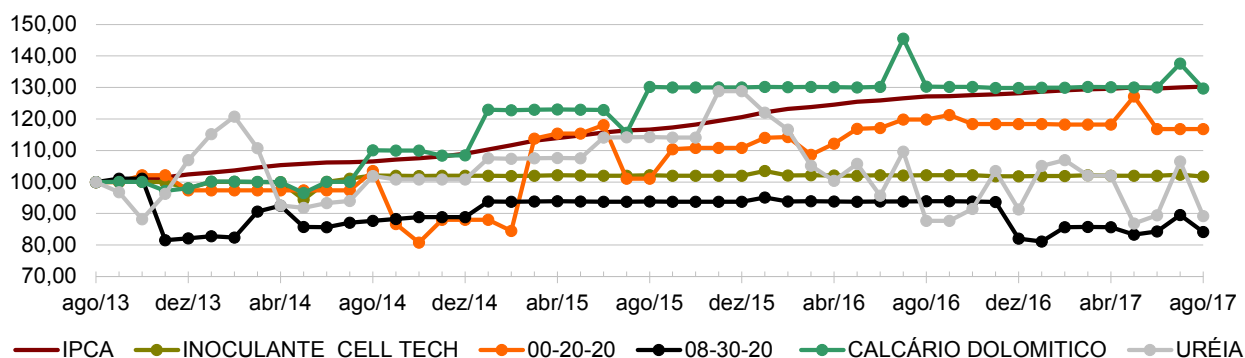


Fonte: Conab.
Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

No Paraná, os preços dos fertilizantes estão praticamente constantes desde o início deste ano, com picos de alta em maio e julho, com tendência de queda a partir de julho de 2017. Praticamente todos os preços estão abaixo da inflação (Gráfico 58). Com relação aos herbicidas, os preços apresentam comportamento es-

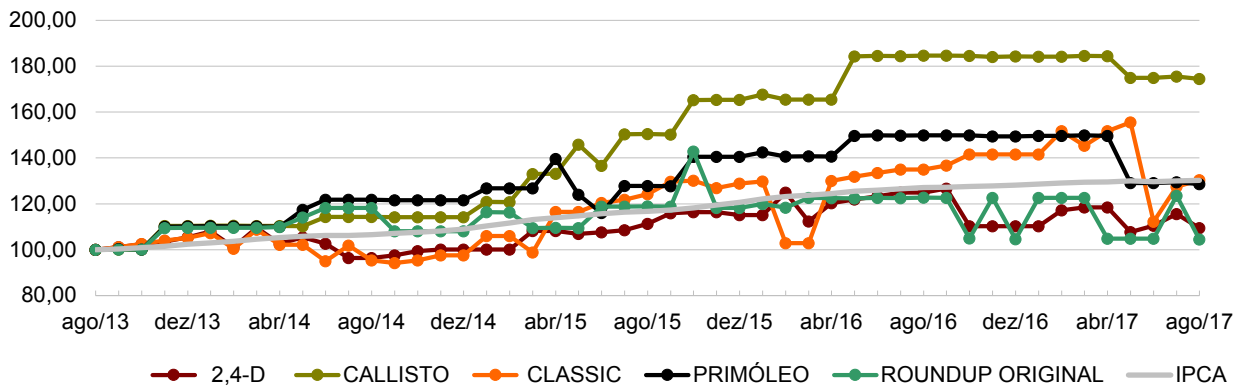
tável, com queda em abril e junho do Primóleo e Classic, respectivamente, ambos utilizados no controle de plantas daninhas, e pico de alta em julho no preço do Roundup. Com exceção do Callisto, os demais preços estão corrigidos abaixo do IPCA (Gráfico 59).

Gráfico 58 - Paraná - Evolução do IPCA e dos fertilizantes



Fonte: Conab.
Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

Gráfico 59 - Paraná - Evolução do IPCA e dos herbicidas



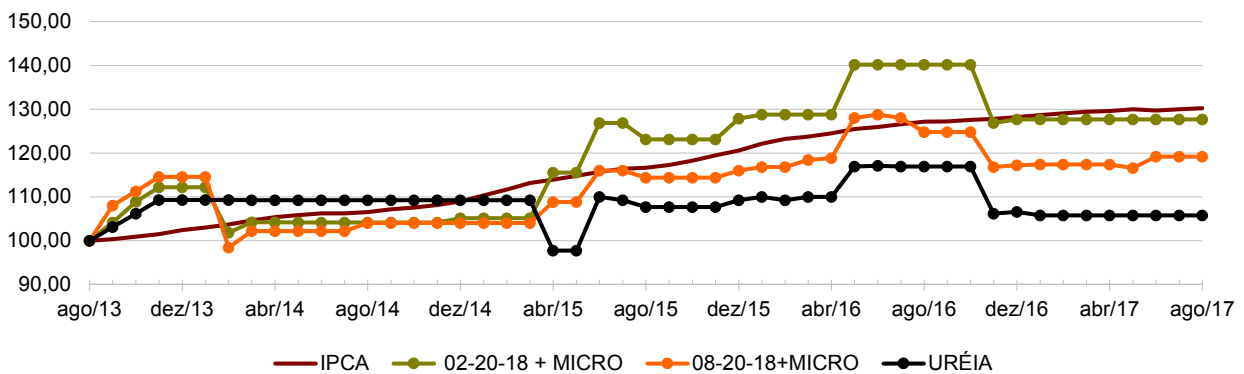
Fonte: Conab.

Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

Em Goiás, os preços dos fertilizantes estão constantes desde o início deste ano, inclusive com preços abaixo da inflação (Gráfico 6o). Com relação aos herbicidas, os preços apresentam comportamento estável, com

queda em janeiro e fevereiro do Roundup, que, inclusive, encontra-se com os preços acompanhando a inflação. Os demais estão com comportamento acima do IPCA (Gráfico 61).

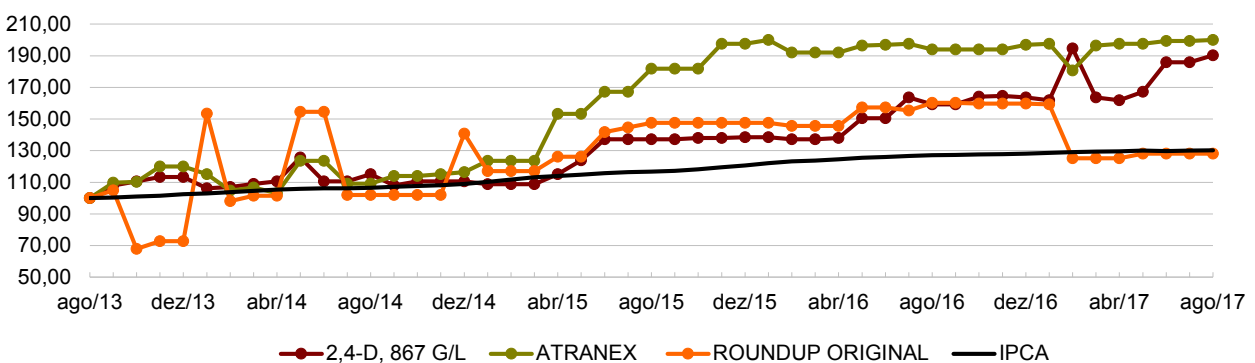
Gráfico 6o - Goiás - Evolução do IPCA e dos fertilizantes



Fonte: Conab.

Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

Gráfico 61 - Goiás - Evolução do IPCA e dos herbicidas



Fonte: Conab.

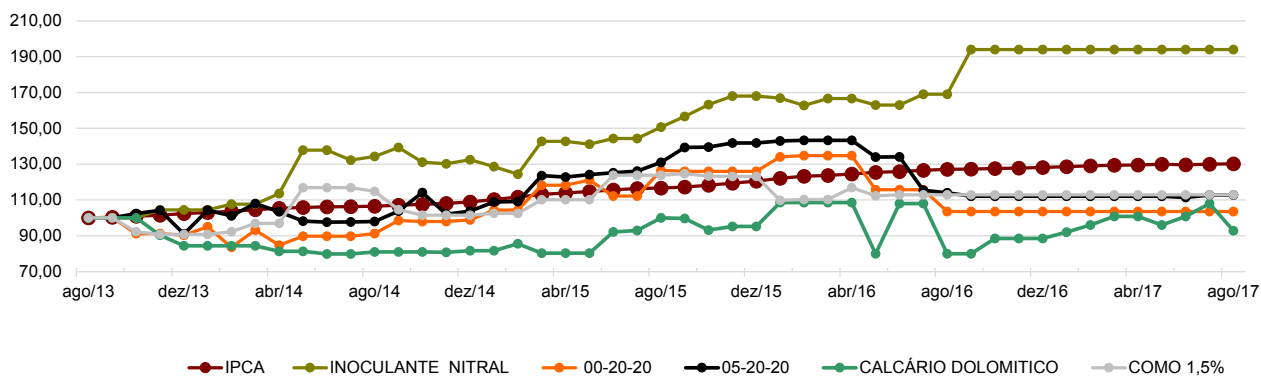
Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.



No Rio Grande do Sul, os preços dos fertilizantes estão estáveis desde o início deste ano, com exceção do calcário, condicionante do solo, que apresentou pico de alta em julho de 2016. O inoculante é o único com preços superiores ao IPCA (Gráfico 62). Com relação

aos herbicidas, o comportamento dos preços é instável, com alta em julho do glifosato e queda em junho do Roundup e Aminol, todos utilizados no controle de plantas daninhas (Gráfico 63).

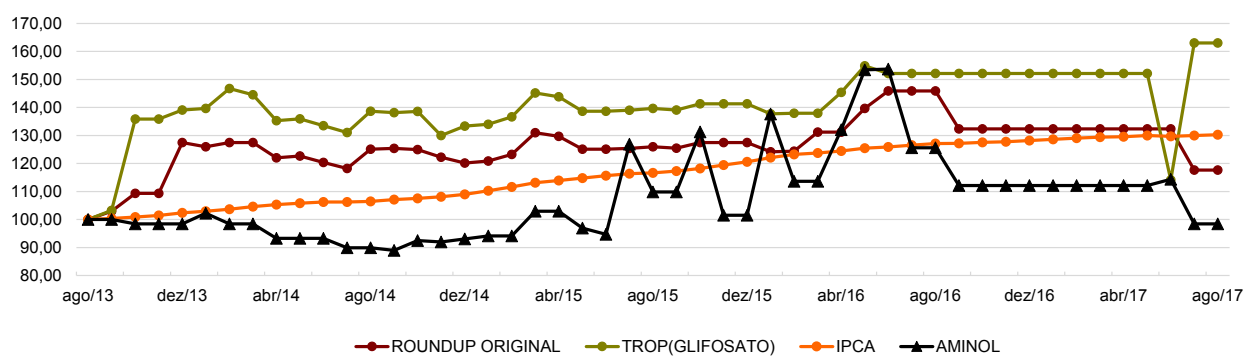
Gráfico 62 - Rio Grande do Sul - Evolução do IPCA e dos fertilizantes



Fonte: Conab.

Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

Gráfico 63 - Rio Grande do Sul - Evolução do IPCA e dos herbicidas



Fonte: Conab.

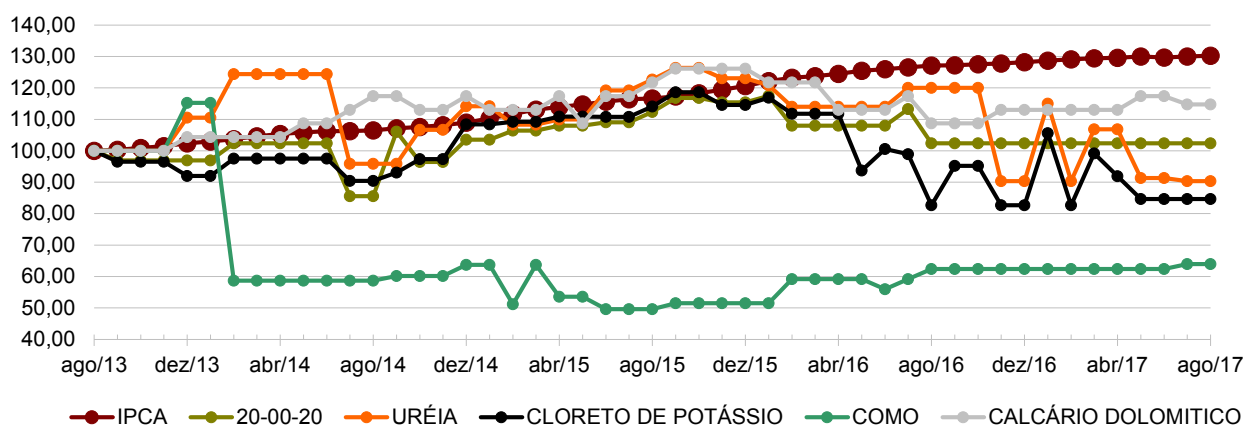
Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

Em Mato Grosso do Sul, os preços dos fertilizantes estão praticamente constantes desde o início deste ano. Apesar dos picos de alta em março do cloreto de potássio e da uréia, que são importantes fontes de nutrientes, ambos retornaram aos preços praticados em

maio. Todos os preços estão abaixo da inflação (Gráfico 64). Com relação aos herbicidas, o comportamento dos preços é instável, com alta em março e queda em maio e junho, mas todos apresentam comportamento abaixo do IPCA (Gráfico 65).



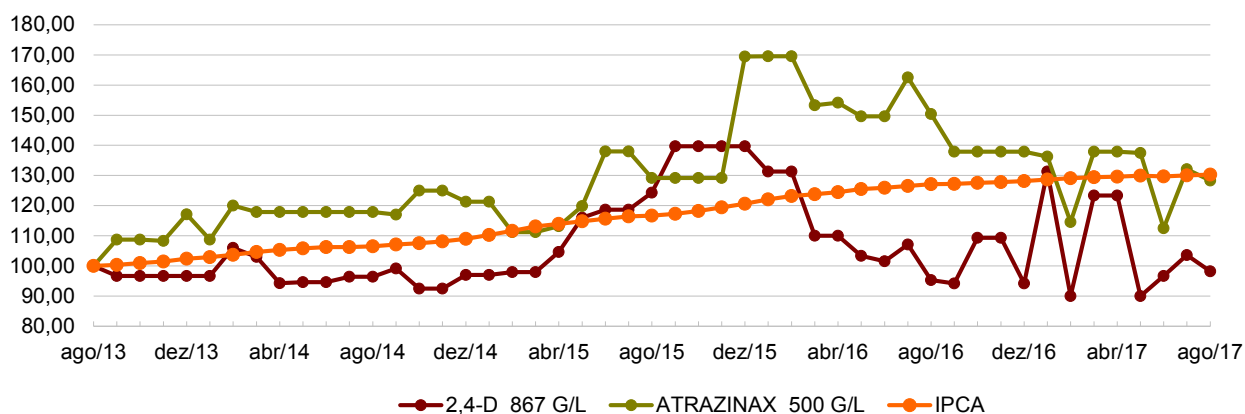
Gráfico 64 - Mato Grosso do Sul - Evolução do IPCA e dos fertilizantes



Fonte: Conab.

Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

Gráfico 65 - Mato Grosso do Sul - Evolução do IPCA e dos herbicidas



Fonte: Conab.

Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

De maneira geral, o comportamento estável dos preços oferece maior segurança ao produtor na implementação da safra. Infere-se que o fornecedor desses insumos acompanha os preços recebidos pelo produtor, adequando o seu preço, de forma a facilitar a sua

aquisição. Assim, o comportamento dos preços dos insumos analisados no período pode contribuir com a estabilidade dos custos de produção para a atual safra.

8.2. COMPORTAMENTO DOS PREÇOS DE MÁQUINAS E IMPLEMENTOS

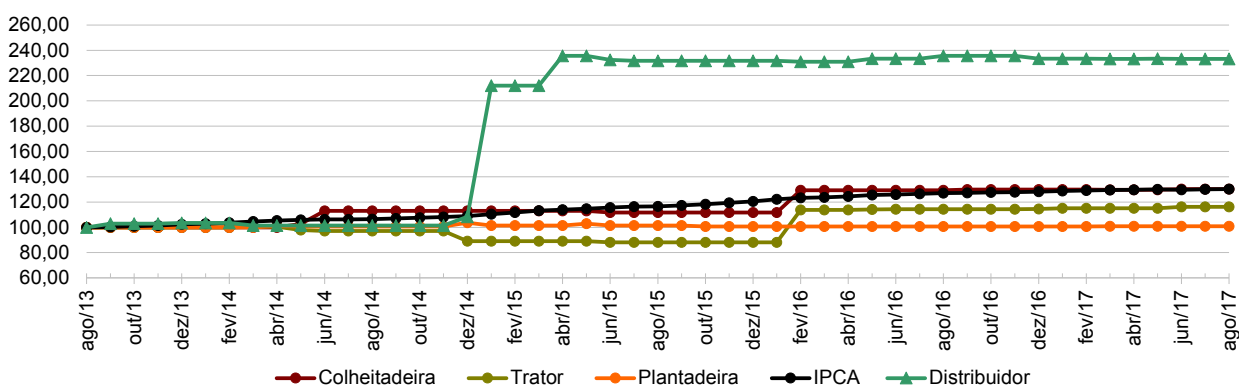
O setor de máquinas e implementos tem controle no que se refere à oferta de seus produtos. Daí, não se observa um comportamento tipicamente sazonal nos preços. Dentre as máquinas e implementos agrícolas, utilizados no processo produtivo agrícola, serão analisados os comportamentos dos preços, isso é, da sua variação em números-índices, de tratores, colhedoras, no que se refere a máquinas, e distribuidor de adubo e calcário e plantadeira, em se tratando de im-

plementos.

Entre agosto de 2013 e agosto de 2017, período de cinco anos, o IPCA, que é o índice oficial de preços adotado pelo governo brasileiro teve variação de 30,25%. Isso quer dizer que, se a variação dos preços das máquinas e implementos supracitados forem maiores do que 30,25%, houve aumentos reais de preços; caso contrário, queda real.



Gráfico 66 - Goiás - Evolução do IPCA e das máquinas e implementos



Fonte: Conab.

Nota: (Ago/13=100) - Ago/13-Ago/17.

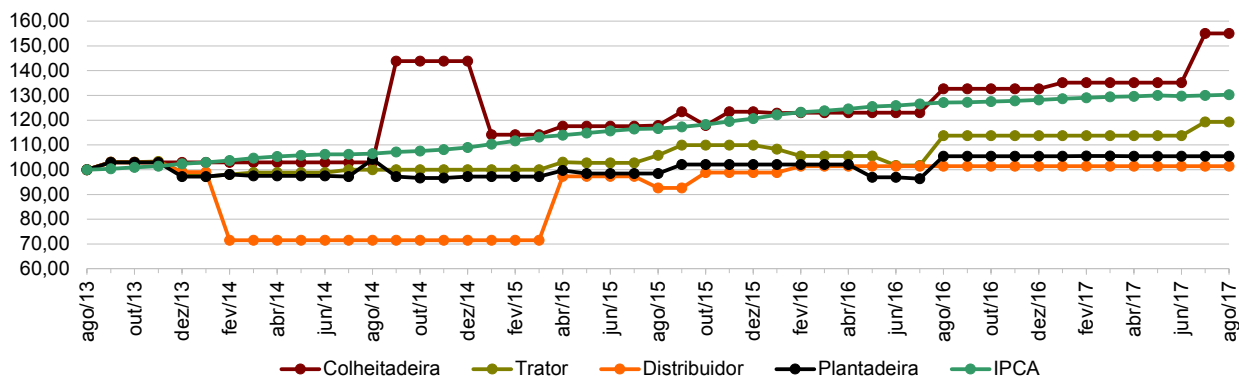
Nesse gráfico, como nos seguintes, os preços foram tratados como números-índices e a sua variação que está retratada no gráfico e comparada com a evolução do IPCA. A base é agosto de 2013, que toma o valor de 100. A linha vermelha vertical está fixa em janeiro de 2017, de modo a se observar o comportamento desses índices a partir de então.

O que mais chama atenção nesse gráfico é o aumento de quase 100% nos preços nominais do distribuidor de adubo e calcário, entre dezembro de 2014 e janeiro de 2015. Tais preços mantiveram-se nesse patamar desde

então, ficando bem acima do índice oficial da inflação. Nesse período, tratores e plantadeiras tiveram perdas reais de preços e as colhedoras praticamente seguiram de perto o IPCA, no que refere à variação.

A partir de janeiro de 2017, a inflação acumulada, medida pelo IPCA foi de 1,24%. Os índices acumulados relativos a máquinas e implementos são os que seguem: colhedoras – 0,32%; tratores – 1,07%; distribuidores – -0,8%; e plantadeira – 0,7%. Dessa forma, houve decréscimos reais nos preços que seriam pagos pelos produtores na aquisição de tais itens.

Gráfico 67 - Mato Grosso do Sul - Evolução do IPCA e das máquinas e implementos



Fonte: Conab.

Nota: (Ago/13=100) - Ago/13-Ago/17.

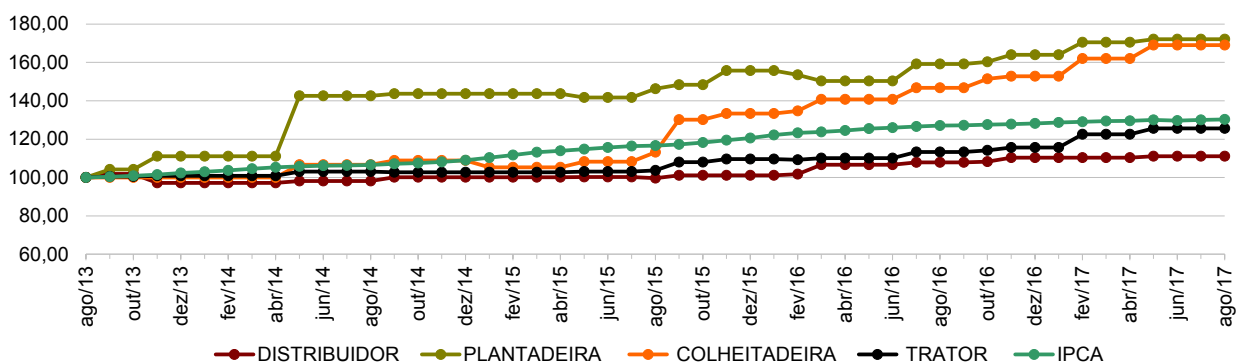
Nesse gráfico, observam-se dois movimentos opostos no início da série: forte queda real do distribuidor de adubo e calcário, entre fevereiro de 2014 e março de 2015; e a alta real da colhedora entre setembro e dezembro de 2014. Basicamente apenas a linha que corresponde à colhedora, mantém-se acima da linha do IPCA durante o período.

A partir de janeiro de 2017, observa-se que os preços

das colhedora e plantadoras se mantêm constantes. Há um salto de 14,68% no preço do distribuidor de adubo e calcário entre junho e julho de 2017, após manterem o mesmo preço no primeiro semestre deste ano. Os tratores mantiveram o mesmo preço desde agosto de 2016, vindo a majorá-lo em 4,88% também em julho de 2017. Foram os dois que tiveram aumentos reais de preços.



Gráfico 68 - MT - Evolução do IPCA e das máquinas e implementos



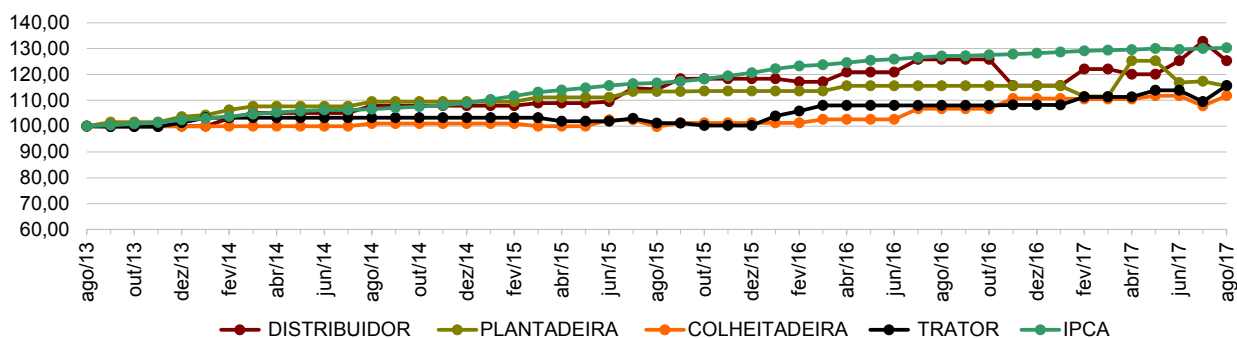
Fonte: Conab.

Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

Nesse caso, a linha relativa à plantadeira mantém-se sempre acima da linha do IPCA. Esse comportamento é seguido pela linha da colhedora a partir de setembro de 2015, o que implica em aumento de preços reais. Raciocínio inverso se aplica aos preços dos tratores e distribuidores de adubo e calcário, que ficaram abaixo da linha do IPCA, significando preços reais menores.

Em relação a janeiro de 2017, para uma inflação acumulada de 1,24%, apenas os preços do distribuidor de adubo e calcário mantiveram-se abaixo – variação de 0,6%. Todos os outros tiveram recuperação real de preços, a saber: plantadeiras – 4,91%, tratores – 8,6%, e colhedoras – 10,61%.

Gráfico 69 - PR - Evolução do IPCA e das máquinas e implementos



Fonte: Conab.

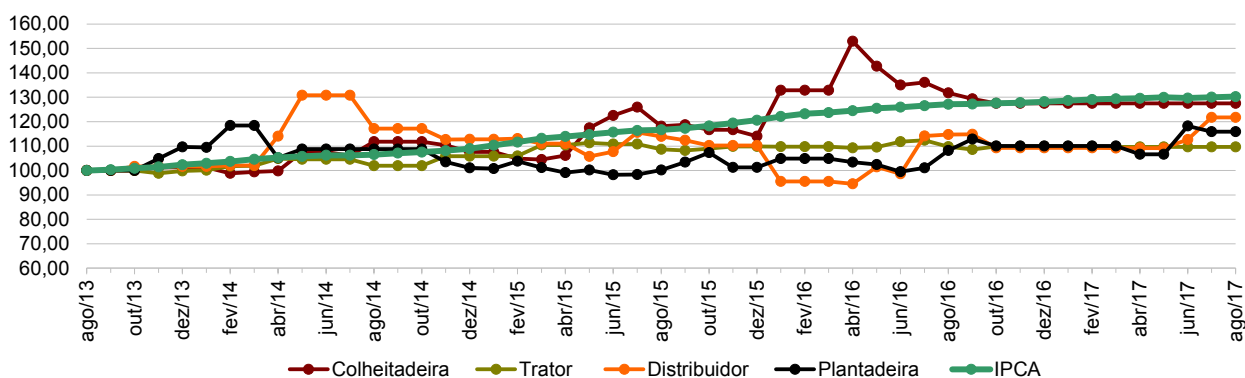
Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

Nessa Unidade da Federação, as variações dos preços mantiveram-se abaixo da linha do IPCA. A plantadeira ficou acima da linha do IPCA, entre dezembro de 2013 e novembro de 2014. Pode-se afirmar então que houve queda real de preços de um modo geral. Colhedora e tratores tiveram os maiores decréscimos.

A partir de janeiro de 2017, a plantadeira teve queda real de preços e a correção do preço da colhedora foi próximo da inflação do período. Os preços dos tratores (aumento de 6,89%) e dos distribuidores de adubo e calcário (aumento de 8,26%) ficaram bem acima da inflação do período, que, como já dito, foi de 1,24%.



Gráfico 70 - RS - Evolução do IPCA e das máquinas e implementos



Fonte: Conab.

Nota: (Ago/13=100) -Ago/13-Ago/17.

No início da série, a plantadeira e o distribuidor de adubo e calcário ficaram acima da linha da inflação: o primeiro item entre novembro de 2013 e outubro de 2014; e o segundo entre abril de 2014 e janeiro de 2015. A partir de novembro de 2014 os preços da plantadeira mantiveram-se abaixo da linha da variação do IPCA até o final do período. A colhedora teve períodos acima da inflação entre maio de 2015 e setembro de 2016. Tanto máquinas como implementos tiveram perdas reais ao longo do período. A partir do ponto de corte de janeiro de 2017 apenas os implementos tive-

ram ganhos reais, conforme se vê no final do gráfico.

O comportamento dos preços das máquinas e implementos pode ser explicado pela recuperação dos preços e dos lucros pelo distribuidor, pela demanda a partir das necessidades do produtor e pelo acompanhamento das condições econômicas a partir dos resultados obtidos pelo produtor na comercialização dos produtos. Pode-se generalizar que boa parte dos preços está se comportando abaixo da inflação, o que pode contribuir com os custos de plantio da atual safra.





9. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

9.1. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE PRIMAVERA

9.1.1. CARACTERÍSTICAS DA PRIMAVERA

A primavera no Hemisfério Sul inicia-se no dia 22 de setembro de 2017 às 17h28min e termina no dia 21 de dezembro às 14h28min (horário de Brasília). Climatologicamente, é um período de transição entre as estações seca e chuvosa no setor central do Brasil, onde há o início da convergência de umidade, que define a qualidade do período chuvoso sobre as Regiões Centro-Oeste e Sudeste, bem como a parte centro-sul da Região Norte. Os volumes de precipitação no norte da Região Nordeste costumam ser inferiores a 100 mm, principalmente para o norte do Piauí e noroeste do Ceará. Já na Região Sul, podem ocorrer episódios de Complexos Convectivos de Mesoescala (CCM), que estão associados a chuvas fortes, rajadas de vento, descargas atmosféricas e eventual granizo. Com o gradativo aumento das chuvas em grande parte do país, nesta época do ano, tem-se o início do plantio das principais culturas de verão.

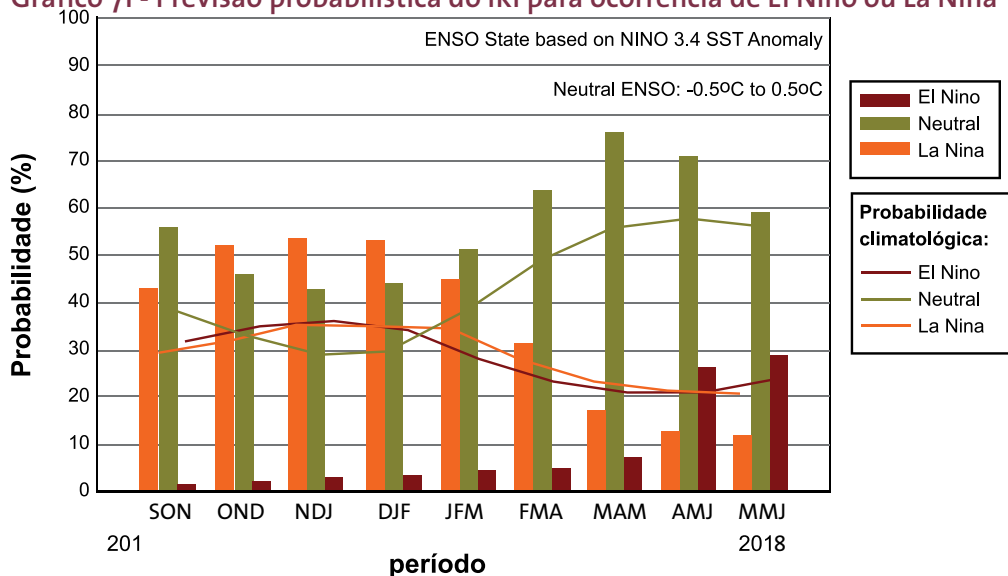
¹ Instituto Nacional de Meteorologia - Coordenação-Geral de Meteorologia

9.1.2. PREVISÃO CLIMÁTICA PARA A PRIMAVERA

Devido a um acentuado resfriamento da Temperatura da Superfície do Mar no Oceano Pacífico Equatorial, durante o final de agosto e início de setembro de 2017, houve um pequeno aumento da probabilidade de ocorrência de um fenômeno La Niña no final da primavera e início do verão de 2017/18. Entretanto, caso haja uma confirmação do fenômeno, provavelmente esse será de curta duração. A partir de janeiro, as

probabilidades de ocorrência de La Niña decrescem, à medida em que as probabilidades de condições de neutralidade aumentam nos meses seguintes, conforme a Figura 1. Outros fatores, como a temperatura na superfície do Oceano Atlântico Tropical e no sudoeste do Atlântico Sul, também poderão influenciar o regime de chuvas no país, dependendo das suas características climáticas durante esta estação.

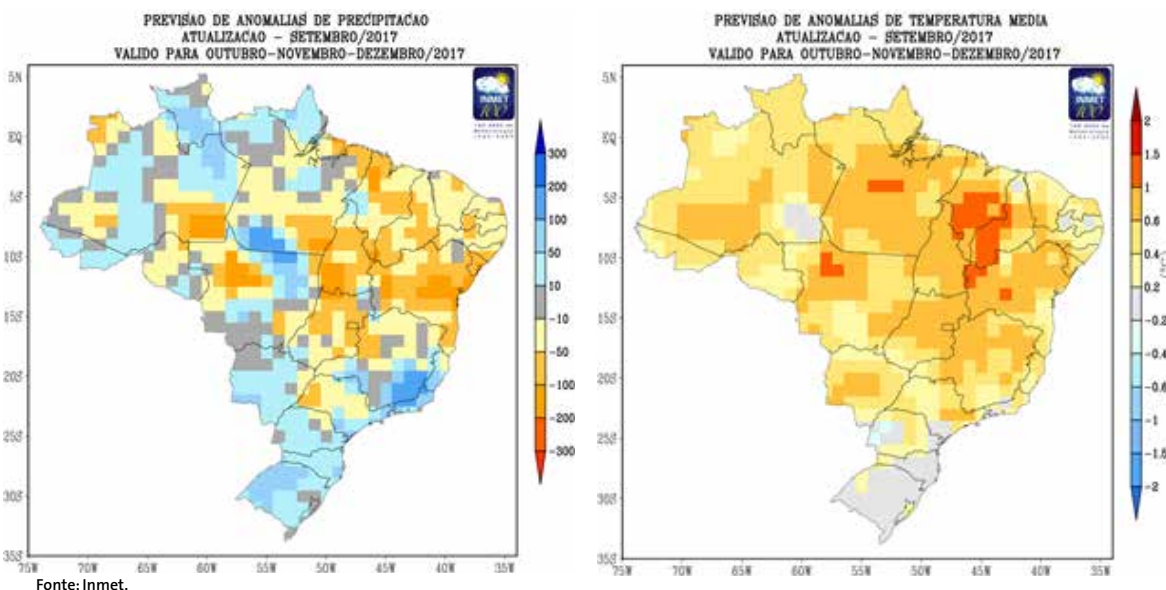
Gráfico 71 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI.

9.1.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO POR REGIÃO PARA O PERÍODO OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO/2017

Figura 1 - Previsão de anomalias de precipitação e temperatura média do ar do modelo estatístico do Inmet para o trimestre outubro, novembro e dezembro/2017



Fonte: Inmet.



9.1.3.1. REGIÃO NORTE

O período de março a julho é considerado o mais chuvoso sobre o extremo-norte da Região Norte. Entretanto, apresentou um déficit de precipitação em 2017, em particular no noroeste do Amazonas e Pará, além de Roraima e Amapá. Também foram registrados alguns episódios de friagem durante os meses de inverno (junho a agosto), que atingiram o Acre, Rondônia e

sul do Amazonas.

Para a primavera, os modelos climáticos indicam que a Região Norte deve apresentar forte variabilidade espacial na distribuição de chuvas, com significativa probabilidade de áreas com chuvas dentro da faixa normal ou acima, exceto nas áreas do sudeste do Pará e Amazonas.

9.1.3.2. REGIÃO NORDESTE

Na Região Nordeste, durante os meses de inverno, houve um aumento da convergência de umidade oriunda do Atlântico Sul e alguns episódios de Distúrbios Ondulatórios de Leste (DOL), que favoreceram os elevados totais de chuvas no leste da região, principalmente Pernambuco, Alagoas e Sergipe, que se encontram em fase final de sua estação chuvosa. Na parte norte da Região Nordeste, a situação foi inversa, pois os volumes de chuvas ficaram abaixo da média nos

últimos meses, agravando a situação hídrica, principalmente no Ceará.

A previsão do modelo estatístico do Inmet para a primavera, indica o predomínio de áreas com maior probabilidade de chuvas abaixo da média durante a estação. As temperaturas estarão mais elevadas sobre a região sul do Maranhão e do Piauí e oeste da Bahia.

9.1.3.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

Na Região Centro-Oeste se destacou o frio intenso ocorrido na segunda quinzena de julho devido à massa de ar frio que passou pelo Brasil. Ocorreram chuvas mais localizadas em Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, já que em algumas localidades não houve a ocorrência de chuvas e a umidade relativa foi abaixo de 30% nos horários com temperaturas mais elevadas. Com a chegada da seca nos meses de inverno, os reservatórios do Distrito Federal atingiram o nível de 40%, sendo considerado o pior índice dos últimos 20

anos (Fonte: Correio Braziliense).

A previsão para a primavera indica alta probabilidade de as chuvas ocorrerem acima do normal em grande parte do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul devido à atuação da formação de sistemas de baixa pressão atmosférica, que geralmente estão associados à ocorrência de chuvas regulares e intensas. Nas demais áreas, os acumulados de chuva permanecerão abaixo da média.

9.1.3.4. REGIÃO SUDESTE

De forma geral, a distribuição espacial das chuvas durante o inverno seguiu as suas características típicas do período, com ausência de precipitação no interior. Entretanto, foram registradas temperaturas elevadas no final deste inverno em grande parte do Brasil. Durante junho e julho foram registrados alguns episódios de geadas, com intensidade variando de fraca à moderada em São Paulo e Minas Gerais.

A previsão para os próximos três meses indica que

devem permanecer áreas com chuvas dentro da faixa normal ou acima, nesta estação, exceto em algumas áreas de Minas Gerais e São Paulo. Vale ressaltar que as primeiras chuvas geralmente ocorrem na segunda quinzena de setembro sobre a área central do Brasil, porém as previsões a curto prazo indicam que existe uma tendência de atraso no início da estação chuvosa. De modo geral, os modelos climáticos indicam que as temperaturas devem permanecer acima da média em grande parte da região, no mesmo período.

9.1.3.5. REGIÃO SUL

Durante os meses de inverno, algumas cidades de Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram atingidas por inundações e tempestades convectivas devido à

passagem de frentes frias. Exceto em julho, que foi marcado por poucas chuvas e predominância de dias quentes e secos consecutivos, resultando num mês



com temperatura acima da média, mesmo havendo registro de temperaturas abaixo de zero em algumas localidades da Região Sul.

O prognóstico da primavera indica que as chuvas de-

vem ficar acima ou dentro da faixa normal nos três estados da região. Devem predominar áreas com temperaturas dentro da faixa normal.

Para maiores detalhes acesse: <http://www.inmet.gov.br/portal>





10. VAZIO SANITÁRIO

O vazio sanitário é definido como um período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Nesse período apenas áreas de pesquisa científica e de produção de sementes, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. A medida é adotada com objetivo específico para cada cultura.

10.1. SOJA

Na soja o vazio sanitário visa reduzir a quantidade de uredósporos (esporos que aparecem na fase epidêmica da doença) no ambiente durante a entressafra e, dessa forma, diminuir a possibilidade de incidência precoce da ferrugem asiática, doença causada pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*, que já provocou um prejuízo de bilhões de reais à sojicultura brasileira, seja pela perda de produtividade, seja pelo aumento do custo de produção. A pesquisa identificou que o tempo máximo de permanência da ferrugem asiática em plantas vivas (soja tiguera ou guaxa¹) é de 55 dias. Por isso, o período mínimo de vazio sanitário da soja é de 60 dias, podendo alcançar 90 dias em alguns estados. Atualmente 13 estados adotam o período do vazio sanitário regulamentado: Rondônia, Pará, Tocantins, Maranhão, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina além do Paraguai, país que também é produtor de soja e faz fronteira com o Brasil.

¹As plantas voluntárias que germinam por si só na lavoura, a partir de grãos perdidos na colheita e assim, tornam-se hospedeiras de doenças.

Apenas quatro estados produtores não adotam o vazio sanitário: Roraima, Amapá, Piauí e Rio Grande do Sul. Em Roraima, segundo o Consórcio Antiferrugem/Sistema (www.cnpso.embrapa.br/alerta), a doença ainda não foi detectada nas lavouras do estado. Isso se deve, provavelmente, devido a sua localização geográfica e sua diferente época de semeadura (maio a junho), em relação ao restante do país (outubro a dezembro) e, por isso, não adota o vazio sanitário. No Piauí a região produtora sofre escassez de chuvas e

temperaturas elevadas na entressafra, o que torna o ambiente desfavorável ao desenvolvimento da doença (Meyer, 2007), uma vez que nessas condições a soja tiguera não sobrevive. De acordo com o Consórcio Antiferrugem, não houve relato de foco da doença nas últimas safras no estado. No Rio Grande do Sul as baixas temperaturas (geadas) na entressafra também são desfavoráveis à permanência de soja tiguera, então se optou pelo não estabelecimento do vazio sanitário, o que ocorre também na Argentina.

Quadro 1 – Período de vazio sanitário para a soja

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		Início	Fim
	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.		
RO													15/06	15/09
PA/Sul													15/07	15/09
PA/Nordeste													01/09	30/10
PA/Noroeste													01/10	30/11
TO													01/07	30/09
MA/Norte													15/09	15/11
MA/Sudeste													15/08	15/10
BA													01/07	07/10
MT													15/06	15/09
MS														
GO														
DF													01/07	30/09
MG														
SP													15/06	15/09
PR													10/06	10/09
SC													15/06	15/09
PARAGUAI													01/06	30/08

Legenda: PA/Sul: microrregiões de Conceição do Araguaia, Redenção, Marabá, São Félix do Xingu, Parauapebas, Itaituba (com exceção dos municípios de Rurópolis e Trairão) e de Altamira (Distritos e Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

PA/Nordeste: microrregiões de Paragominas, Bragançinha, Guamá, Tomé-Açu, Salgado, Tucuruí, Castanhal, Arari, Salgado, Belém, Cametá, Furos de Breves e de Portel

PA/Noroeste: microrregião de Santarém, Almeirim, Óbidos, Itaituba (municípios de Rurópolis e Trairão), e de Altamira (com exceção dos Distritos de Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

MA/Norte: Baixada Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó, Coelho Neto, Gurupi, Itapecuru Mirim, Pindaré, Presidente Dutra, Rosário, Paço do Lumiar, S. J. de Ribamar e São Luis.

MA/Sudeste: Alto Mearim, Grajaú, Balsas, Imperatriz e Porto Franco.

Fonte: Agências de defesa vegetal.

10.2. ALGODÃO

Para o algodão, o vazio sanitário é uma das medidas fitossanitárias para a prevenção e controle do Bicudo do Algodoeiro (*Anthonomus grandis*), visando proteger a produção do estado de prejuízos ocasionados pela praga. Considerado a principal praga da cultura, além de grande capacidade destrutiva, possui habilidade para permanecer nessas lavouras durante a entressafra. Ela foi responsável pela migração do cultivo da cultura do Paraná para o Centro-Oeste do país. No início da década de 90 esse estado era o maior pro-

dutor nacional, cultivando mais de 700 mil hectares, enquanto em Mato Grosso, por exemplo, plantava-se cerca de 30 mil hectares. Na safra 2014/15 o Mato Grosso, maior produtor do país, plantou 562,7 mil hectares, enquanto a área do Paraná não chega a 1.000 hectares. Dos estados que adotam o vazio sanitário, a Bahia é o único onde ele é opcional. Os outros que também adotam o período de vazio sanitário são: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná.



Quadro 2 – Período de vazio sanitário para o algodão

UF	JUL		AGO			SET			OUT			NOV			DEZ			JAN		Início	Fim
	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez		
BA																				20/09	20/11
MT																				01/10	30/11
MS																				15/09	30/11
GO – 1																				05/09	25/11
GO – 2																				10/09	30/11
GO – 3																				15/09	05/12
GO – 4																				20/08	10/11
GO – 5																				01/11	20/01
MG																				20/09	20/11
SP																				10/07	10/10
PR																				10/07	20/09

Legenda: GO 1: Acreúna, Bom Jesus de Goiás, Buriti Alegre, Cachoeira Dourada, Campo Alegre de Goiás, Cesarina, Edealina, Edeia, Firminópolis, Goiatuba, Inaciolândia, Indiará, Ipameri, Jandaia, Itumbiara, Joviânia, Maurilândia, Morrinhos, Palmeiras de Goiás, Palminópolis, Panamá, Piraçanjuba, Pontalina, Porteirão, Santa Helena de Goiás, Santo Antônio da Barra, São João da Paraúna, Santo Antônio de Goiás, Trindade, Turvelândia, Vicentinópolis e as lavouras localizadas nos municípios de Paraúna e Caiapônia que estiverem abaixo de 600 metros de altitude.

GO 2: Chapadão do Céu, Doverlândia, Jataí, Mineiros, Montividiu, Rio Verde, Santa Rita do Araguaia, e as lavouras localizadas em Paraúna e Caiapônia que estiverem acima de 600 metros de altitude.

GO 3: Perolândia, Portelândia e Mineiros, exceto a porção de área descontínua limítrofe com o município de Chapadão do Céu, que segue a mesma data de vazia de GO 2.

GO 4: Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Silvânia e Minaçu

GO 5: Britânia, Jussara, Matrinchã, Montes Claros de Goiás, Santa Fé de Goiás e São Miguel do Araguaia

Fonte: Agências de defesa vegetal.

10.3. FEIJÃO

Para o feijão, o vazio sanitário tem como objetivo o controle da mosca-branca (*Bemisia tabaci*) e diminuir a quantidade de alimento para esse inseto, considerado uma das pragas mais prejudiciais para os produtores dessa cultura. A eliminação de plantas vivas nesse período evita que o inseto se mantenha ativo e

provoque danos às próximas safras, uma vez que ele é vetor de doenças, como o vírus do mosaico dourado do feijoeiro e o transmite no momento da sucção da seiva da planta. Nesta safra, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais determinaram período de vazio sanitário para o feijão.

Quadro 3 – Período de vazio sanitário para o feijão

UF	AGO			SET			OUT			NOV			Início	Fim
	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez		
GO 1													05/09	05/10
GO 2														
DF													20/09	20/10
MG 3														

Legenda: GO 1: sudoeste, sul e sudeste;

GO 2: entorno do DF, Norte, Nordeste, Centro, Noroeste e Metropolitana de Goiania;

MG 3: noroeste

Fonte: Agências de defesa vegetal.

O descumprimento de qualquer vazio sanitário acarreta multa ao produtor, interdição da propriedade e destruição do plantio. É de responsabilidade do produtor, proprietário, arrendatário ou ocupante das pro-

priedades produtoras de soja, algodão e/ou feijão, a eliminação das plantas durante o período do vazio sanitário, bem como a destruição de todos os restos culturais ou soqueira.





11. ANÁLISE DAS CULTURAS

11.1 CULTURAS DE VERÃO

11.1.1. ALGODÃO

A primeira intenção de plantio da lavoura de algodão, nesta temporada, aponta para crescimento na área, variando de 5,5 a 15,4% em relação ao exercício anterior. A comercialização da safra 2016/17, condizente com as intenções dos produtores, aliado às boas perspectivas futuras de mercado, gerou um ambiente de otimismo no setor.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está estimada apresentar aumento na área plantada de até 9,4%.

Em Mato Grosso, maior produtor nacional, apesar de muito cedo para estimativas da safra 2017/18, o mercado já trabalha com expectativa de crescimento de até 10%, podendo atingir cerca de 690,6 mil hectares. Ademais, a dinâmica dos ciclos produtivos continuará se acentuando, através da migração de área de algodão de primeira safra para a segunda safra. O cultivo da segunda safra de algodão, cujo predomínio é na região oeste, deve crescer mais uma vez, tendência que ocorre há anos. Em contrapartida, as áreas de primeira safra poderão sofrer quedas proporcionais, principalmente na região sudeste do estado, perdendo espaço para o cultivo da soja.

Em Mato Grosso do Sul há uma tendência de aumento da área com a cultura devido às boas perspectivas de mercado. Estima-se até o momento uma área entre

28,9 e 30 mil hectares, um valor de 1 a 5% maior que o da safra anterior. O plantio ainda não foi iniciado no estado, apesar do término do vazio sanitário no município de Aral Moreira. Nos municípios de Sidrolândia e Campo Grande, atualmente vigora o período do vazio sanitário, o qual compreende o período de 1º de agosto até 15 de outubro, enquanto nos municípios de Chapadão do Sul e Costa Rica o período varia de 15 de setembro até 30 de novembro. Além do embasamento legal e fitotécnico do vazio sanitário, ainda não houve plantios no estado pela falta de chuva. Atualmente, os produtores estão dedicados em processar e comercializar o algodão da safra anterior.

Em Goiás, estima-se pela manutenção da área de plantio para a safra 2017/18, permanecendo em 26,2 mil hectares. Os produtores esperam que as condições climáticas sejam favoráveis até dezembro. Nas últimas safras a cultura tem sido viabilizada na safrinha, visto os bons rendimentos da soja na primeira safra. De acordo com os produtores, os preços dos insumos como adubos sofreram uma significativa redução nos preços praticados em relação à safra anterior, porém os demais itens sofreram considerável aumento.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão deverá apresentar forte crescimento, estimado entre 42,9 e 51,6%, sustentado pelas novas áreas em Minas Gerais e São Paulo.

Em Minas Gerais, os levantamentos preliminares apontam para um crescimento da área plantada de 26,4 a 34%, quando comparada com a safra anterior, podendo atingir 20,9 mil hectares. Ainda que prematura, a estimativa de crescimento reflete os bons preços alcançados pelos cotonicultores do estado, ao longo de 2017. De modo geral, o crescimento de área ocorreu na região noroeste de Minas Gerais, onde também se verifica aumento significativo de investimentos na cultura. Por outro lado, na região norte projeta-se uma migração do cultivo de irrigado para sequeiro, o que influenciará na produtividade média do estado.

Em São Paulo, a intenção de plantio, na maior região produtora do estado, o município de Avaré e adjacên-

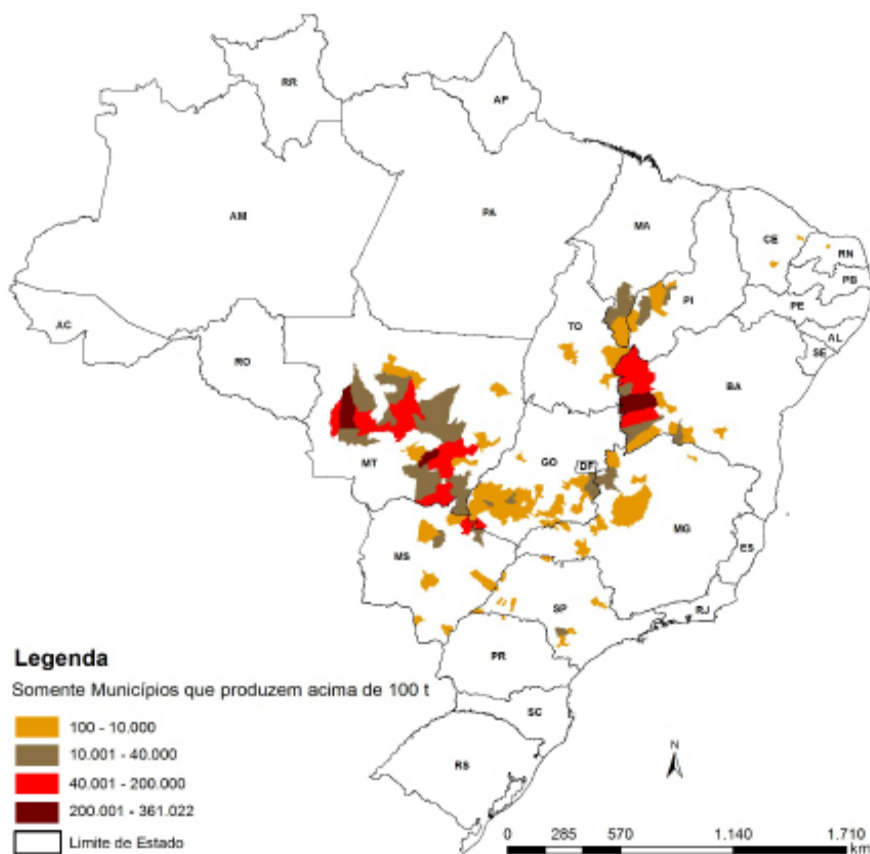
cias mencionam uma retomada significativa de área. Para o estado, estima-se um crescimento de 35 a 150% na área a ser cultivada com a cultura, passando de 2,8 mil hectares para 6,6 ou 7 mil hectares. A procura pela cultura, para esta safra, está diretamente ligada aos preços praticados no mercado. A Cooperativa dos produtores informa que os valores estão favoráveis, e esta já está com a produção toda negociada, estimulando, dessa forma, os produtores a intensificar o plantio, que deverá acontecer na primeira quinzena de outubro e segue as demais culturas de verão. Os produtores estão esperando pelas chuvas, para começar o plantio.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a expectativa inicial é de forte ganho na área a ser plantada, variando de 19 a 30,2%, passando de 230,8 mil hectares em 2016/17, para 274,7 a 300,6 mil hectares, sustentado pelas boas perspectivas de mercado, com isso, os produtores baianos devem recuperar as áreas que deixaram de ser cultivadas com algodão e cedidas para a soja nas duas últimas safras.

Na Bahia, a área de algodão está estimada entre 245,6 e 271,4 mil hectares, com crescimento de 21,8% a 34,6% em relação à área cultivada, na safra passada. Essa estimativa se deve aos bons resultados da safra que findou e ao otimismo gerado no ambiente da cottonicultura. Os plantios deverão ocorrer a partir de 20 de novembro. O programa de combate à praga do bicudo do algodoeiro, estabelece o vazio sanitário de 20 de setembro a 20 de novembro, não sendo permitido a presença de plantas vivas nos campos de cultivo. Os campos de algodão estão espalhados pelo extremo-oeste e centro-sul do estado. No extremo-oeste deve ser cultivado cerca de 250 mil hectares entre cultivos de sequeiro e irrigados com pivô central, empregando sofisticados pacotes tecnológicos, com rendimentos que podem atingir até 4.500 kg/ha de algodão em caroço. No centro-sul deve ser cultivado cerca de 12 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado, de plantios novos ou lavouras remanescentes das safras anteriores, e dentre as irrigações é possível encontrar manejo de gotejamento e pivô central. Nos cultivos de sequeiro, os rendimentos atingiram 750 kg/ha e nos irrigados 4.500 kg/ha.



Figura 2 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 5 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,3	7,3	8,0	-	9,6	3.540	3.475	(1,8)	25,8	25,5	27,7	(1,2)	7,4
RR	2,5	2,5	2,5	-	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)
TO	4,8	4,8	5,5	-	14,1	3.196	3.220	0,8	15,3	15,5	17,7	1,3	15,7
NORDESTE	230,8	274,7	300,6	19,0	30,2	4.226	3.959	(6,3)	975,3	1.087,7	1.190,2	11,5	22,0
MA	22,5	22,5	22,5	-	-	3.915	4.122	5,3	88,1	92,7	92,7	5,2	5,2
PI	5,6	5,6	5,6	-	-	3.514	3.851	9,6	19,7	21,6	21,6	9,6	9,6
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	1.083	625	(42,3)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	1,4	7,7	7,7
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	819	669	(18,3)	0,3	0,3	0,3	-	-
BA	201,6	245,5	271,4	21,8	34,6	4.293	3.957	(7,8)	865,5	971,4	1.073,9	12,2	24,1
CENTRO-OESTE	682,6	682,9	746,8	-	9,4	4.042	4.113	1,8	2.758,9	2.809,0	3.071,4	1,8	11,3
MT	627,8	627,8	690,6	-	10,0	4.027	4.100	1,8	2.528,2	2.574,0	2.831,5	1,8	12,0
MS	28,6	28,9	30,0	1,0	5,0	4.350	4.425	1,7	124,4	127,9	132,8	2,8	6,8
GO	26,2	26,2	26,2	-	-	4.056	4.087	0,8	106,3	107,1	107,1	0,8	0,8
SUDESTE	18,4	26,3	27,9	42,9	51,6	3.684	3.609	(2,0)	67,8	94,9	100,7	40,0	48,5
MG	15,6	19,7	20,9	26,4	34,0	3.739	3.675	(1,7)	58,3	72,4	76,8	24,2	31,7
SP	2,8	6,6	7,0	35,0	150,0	3.377	3.413	1,1	9,5	22,5	23,9	136,8	151,6
NORTE/NORDESTE	238,1	282,0	308,6	18,4	29,6	4.205	3.947	(6,1)	1.001,1	1.113,2	1.217,9	11,2	21,7
CENTRO-SUL	701,0	709,2	774,7	1,2	10,5	4.032	4.095	1,5	2.826,7	2.903,9	3.172,1	2,7	12,2
BRASIL	939,1	991,2	1.083,3	5,5	15,4	4.076	4.052	(0,6)	3.827,8	4.017,1	4.390,0	4,9	14,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,3	7,3	8,0	-	9,6	1.387	1.364	(1,7)	10,1	10,0	10,9	(1,0)	7,9
RR	2,5	2,5	2,5	-	-	1.596	1.520	(4,8)	4,0	3,8	3,8	(5,0)	(5,0)
TO	4,8	4,8	5,5	-	14,1	1.278	1.288	0,8	6,1	6,2	7,1	1,6	16,4
NORDESTE	230,8	274,7	300,6	19,0	30,2	1.693	1.586	(6,3)	390,7	435,7	476,7	11,5	22,0
MA	22,5	22,5	22,5	-	-	1.566	1.649	5,3	35,2	37,1	37,1	5,4	5,4
PI	5,6	5,6	5,6	-	-	1.511	1.656	9,6	8,5	9,3	9,3	9,4	9,4
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	379	219	(42,2)	0,2	0,1	0,1	(50,0)	(50,0)
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	0,5	-	-
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	295	241	(18,3)	0,1	0,1	0,1	-	-
BA	201,6	245,5	271,4	21,8	34,6	1.717	1.583	(7,8)	346,2	388,6	429,6	12,2	24,1
CENTRO-OESTE	682,6	682,9	746,8	-	9,4	1.615	1.646	1,9	1.102,3	1.124,2	1.229,2	2,0	11,5
MT	627,8	627,8	690,6	-	10,0	1.611	1.640	1,8	1.011,3	1.029,6	1.132,6	1,8	12,0
MS	28,6	28,9	30,0	1,0	5,0	1.784	1.814	1,7	49,1	52,4	54,4	6,7	10,8
GO	26,2	26,2	26,2	-	-	1.598	1.610	0,8	41,9	42,2	42,2	0,7	0,7
SUDESTE	18,4	26,3	27,9	42,9	51,6	1.435	1.435	-	26,4	37,8	40,0	43,2	51,5
MG	15,6	19,7	20,9	26,4	34,0	1.496	1.470	(1,7)	22,7	29,0	30,7	27,8	35,2
SP	2,8	6,6	7,0	135,0	150,0	1.317	1.331	1,1	3,7	8,8	9,3	137,8	151,4
NORTE/NORDESTE	238,1	282,0	308,6	18,4	29,6	1.683	1.580	(6,1)	400,8	445,7	487,6	11,2	21,7
CENTRO-SUL	701,0	709,2	774,7	1,2	10,5	1.610	1.638	1,7	1.128,7	1.162,0	1.269,2	3,0	12,4
BRASIL	939,1	991,2	1.083,3	5,5	15,4	1.629	1.622	(0,4)	1.529,5	1.607,7	1.756,8	5,1	14,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carozo de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,3	7,3	8,0	-	9,6	2.153	2.111	(1,9)	15,7	15,5	16,8	(1,3)	7,0
RR	2,5	2,5	2,5	-	-	2.604	2.480	(4,8)	6,5	6,2	6,2	(4,6)	(4,6)
TO	4,8	4,8	5,5	-	14,1	1.918	1.932	0,7	9,2	9,3	10,6	1,1	15,2
NORDESTE	230,8	274,7	300,6	19,0	30,2	2.533	2.374	(6,3)	584,6	652,0	713,5	11,5	22,0
MA	22,5	22,5	22,5	-	-	2.349	2.473	5,3	52,9	55,6	55,6	5,1	5,1
PI	5,6	5,6	5,6	-	-	2.003	2.195	9,6	11,2	12,3	12,3	9,8	9,8
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	704	406	(42,3)	0,2	0,2	0,2	-	-
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	0,9	12,5	12,5
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	524	428	(18,3)	0,2	0,2	0,2	-	-
BA	201,6	245,5	271,4	21,8	34,6	2.576	2.374	(7,8)	519,3	582,8	644,3	12,2	24,1
CENTRO-OESTE	682,6	682,9	746,8	-	9,4	2.424	2.467	1,8	1.656,6	1.684,8	1.842,2	1,7	11,2
MT	627,8	627,8	690,6	-	10,0	2.416	2.460	1,8	1.516,9	1.544,4	1.698,9	1,8	12,0
MS	28,6	28,9	30,0	1,0	5,0	2.567	2.611	1,7	75,3	75,5	78,4	0,3	4,1
GO	26,2	26,2	26,2	-	-	2.458	2.477	0,8	64,4	64,9	64,9	0,8	0,8
SUDESTE	18,4	26,3	27,9	42,9	51,6	2.215	2.174	(1,9)	41,4	57,1	60,7	37,9	46,6
MG	15,6	19,7	20,9	26,4	34,0	2.243	2.205	(1,7)	35,6	43,4	46,1	21,9	29,5
SP	2,8	6,6	7,0	35,0	150,0	2.060	2.082	1,1	5,8	13,7	14,6	136,2	151,7
NORTE/NORDESTE	238,1	282,0	308,6	18,4	29,6	2.522	2.367	(6,1)	600,3	667,5	730,3	11,2	21,7
CENTRO-SUL	701,0	709,2	774,7	1,2	10,5	2.419	2.456	1,5	1.698,0	1.741,9	1.902,9	2,6	12,1
BRASIL	939,1	991,2	1.083,3	5,5	15,4	2.445	2.431	(0,6)	2.298,3	2.409,4	2.633,2	4,8	14,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)										RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO					ALGODÃO EM PLUMA					Safr 16/17	Safr 17/18	VAR. %
	Safr 16/17	Safr 17/18		VAR. %		Safr 16/17	Safr 17/18		VAR. %				
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,8	25,5	27,7	(1,2)	7,4	10,1	10,0	10,9	(1,0)	7,9	39,2	39,2	-
RR	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)	4,0	3,8	3,8	(5,0)	(5,0)	38,0	38,0	-
TO	15,3	15,5	17,7	1,3	15,7	6,1	6,2	7,1	1,6	16,4	40,0	40,0	-
NORDESTE	975,3	1.087,7	1.190,2	11,5	22,0	390,7	435,7	476,7	11,5	22,0	40,1	40,1	-
MA	88,1	92,7	92,7	5,2	5,2	35,2	37,1	37,1	5,4	5,4	40,0	40,0	-
PI	19,7	21,6	21,6	9,6	9,6	8,5	9,3	9,3	9,4	9,4	43,0	43,0	-
CE	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)	0,2	0,1	0,1	(50,0)	(50,0)	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	1,4	7,7	7,7	0,5	0,5	0,5	-	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,3	0,3	-	-	0,1	0,1	0,1	-	-	36,0	36,0	-
BA	865,5	971,4	1.073,9	12,2	24,1	346,2	388,6	429,6	12,2	24,1	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	2.758,9	2.809,0	3.071,4	1,8	11,3	1.102,3	1.124,2	1.229,2	2,0	11,5	40,0	40,0	-
MT	2.528,2	2.574,0	2.831,5	1,8	12,0	1.011,3	1.029,6	1.132,6	1,8	12,0	40,0	40,0	-
MS	124,4	127,9	132,8	2,8	6,8	49,1	52,4	54,4	6,7	10,8	41,0	41,0	-
GO	106,3	107,1	107,1	0,8	0,8	41,9	42,2	42,2	0,7	0,7	39,4	39,4	-
SUDESTE	67,8	94,9	100,7	40,0	48,5	26,4	37,8	40,0	43,2	51,5	39,8	39,8	-
MG	58,3	72,4	76,8	24,2	31,7	22,7	29,0	30,7	27,8	35,2	40,0	40,0	-
SP	9,5	22,5	23,9	136,8	151,6	3,7	8,8	9,3	137,8	151,4	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.001,1	1.113,2	1.217,9	11,2	21,7	400,8	445,7	487,6	11,2	21,7	40,0	40,0	-
CENTRO-SUL	2.826,7	2.903,9	3.172,1	2,7	12,2	1.128,7	1.162,0	1.269,2	3,0	12,4	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

11.1.2. AMENDOIM

11.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A intenção de plantio da lavoura de amendoim sinaliza com estabilidade na área a ser plantada, em todo o Brasil.

Em São Paulo esta cultura também é conhecida pela sua tolerância a diversas espécies de pragas, contribuindo para diminuir a quantidade dessas infestações nas áreas plantadas. O seu cultivo é conduzido principalmente em rotação com cana-de-açúcar e pastagens. O seu plantio nessas áreas de renovação de cana proporciona à cultura principal, entre outros benefícios, a baixa incidência de infestação de plantas daninhas, além de deixar resíduos de nutrientes no solo, contribuindo para amenizar os custos de implantação dos canaviais. No caso do plantio em rotação com a cana é importante que os cultivares de amendoim sejam de ciclo compatível com a duração do período de rotação do canavial.

Os principais polos de cultivo de amendoim de São Paulo são as regiões da Alta Mogiana (Ribeirão Preto, Dumont, Jaboticabal e Sertãozinho) e Alta Paulista (Tupã e Marília). Cerca de 80% da colheita é destinada às exportações (a maior parte para os países europeus) e o restante é consumido internamente pelas indústrias de doces. O estado paulista concentra tam-

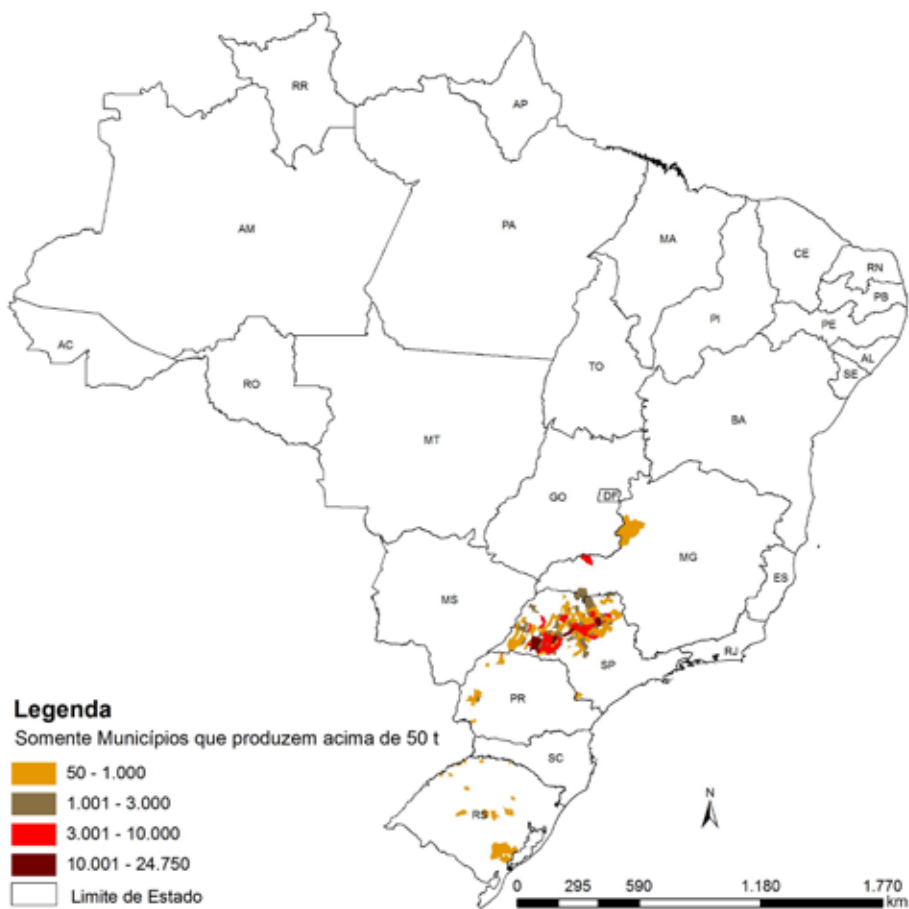
bém os demais elos da cadeia agroindustrial do amendoim, ou seja, o beneficiamento, indústria confeitaria e a indústria de óleo vegetal. Menor disponibilidade de área por parte das usinas de cana-de-açúcar, com as quais o amendoim faz rotação, bem como preços pouco atraentes são as razões para essa estabilidade. Nesse primeiro levantamento, a intenção de plantio da lavoura de amendoim sinaliza com estabilidade na área a ser plantada.

Em Minas Gerais, estima-se para a cultura do amendoim uma redução de área na ordem de 3,8%, quando comparada à safra anterior. A cultura do amendoim no estado se concentra principalmente na região do Triângulo Mineiro, que em 2017, respondeu por aproximadamente 93% da área e 99% da produção estadual. Estimando-se uma produtividade média de 3.723 kg/ha, e na produção uma variação entre menos 1,1% a um crescimento de 3,2%.

No Paraná, a cultura é destinada à subsistência e ao comércio local, sem expressão econômica. A área estimada é de 1,7 mil hectares, pouco acima da safra passada, visto que 13% da área já foi semeada. As lavouras estão em boas condições, nas fases de germinação e desenvolvimento vegetativo.



Figura 3 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
SUDESTE	112,9	112,5	112,9	(0,4)	-	3.721	3.611	(3,0)	420,2	406,2	407,7	(3,3)	(3,0)
MG	2,6	2,5	2,6	(3,8)	-	3.615	3.723	3,0	9,4	9,3	9,7	(1,1)	3,2
SP	110,3	110,0	110,3	(0,3)	-	3.724	3.608	(3,1)	410,8	396,9	398,0	(3,4)	(3,1)
SUL	5,4	5,1	5,1	(5,6)	(5,6)	3.447	3.216	(6,7)	18,6	16,4	16,4	(11,8)	(11,8)
PR	2,0	1,7	1,7	(16,8)	(16,8)	3.406	3.097	(9,1)	6,8	5,3	5,3	(22,1)	(22,1)
RS	3,4	3,4	3,4	-	-	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,1	11,1	(5,9)	(5,9)
CENTRO-SUL	118,3	117,6	118,0	(0,6)	(0,3)	3.709	3.594	(3,1)	438,8	422,6	424,1	(3,7)	(3,4)
BRASIL	118,3	117,6	118,0	(0,6)	(0,3)	3.709	3.594	(3,1)	438,8	422,6	424,1	(3,7)	(3,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Figura 4 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,3	0,3	0,3	-	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	1,1	(21,4)	(21,4)
TO	0,3	0,3	0,3	-	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	1,1	(21,4)	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,3	3,3	-	-	1.201	1.096	(8,8)	4,0	3,6	3,6	(10,0)	(10,0)
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	1.269	881	(30,6)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
SE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	1,6	(11,1)	(11,1)
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	942	957	1,6	1,4	1,4	1,4	-	-
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	2,5	-	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)
MS	2,5	2,5	2,5	-	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)
SUDESTE	4,9	4,9	4,9	-	-	2.354	2.406	2,2	11,5	11,8	11,8	2,6	2,6
SP	4,9	4,9	4,9	-	-	2.354	2.406	2,2	11,5	11,8	11,8	2,6	2,6
NORTE/NORDESTE	3,6	3,6	3,6	-	-	1.410	1.320	(6,4)	5,4	4,7	4,7	(13,0)	(13,0)
CENTRO-SUL	7,4	7,4	7,4	-	-	2.978	2.945	(1,1)	22,0	21,8	21,8	(0,9)	(0,9)
BRASIL	11,0	11,0	11,0	-	-	2.494	2.413	(3,3)	27,4	26,5	26,5	(3,3)	(3,3)

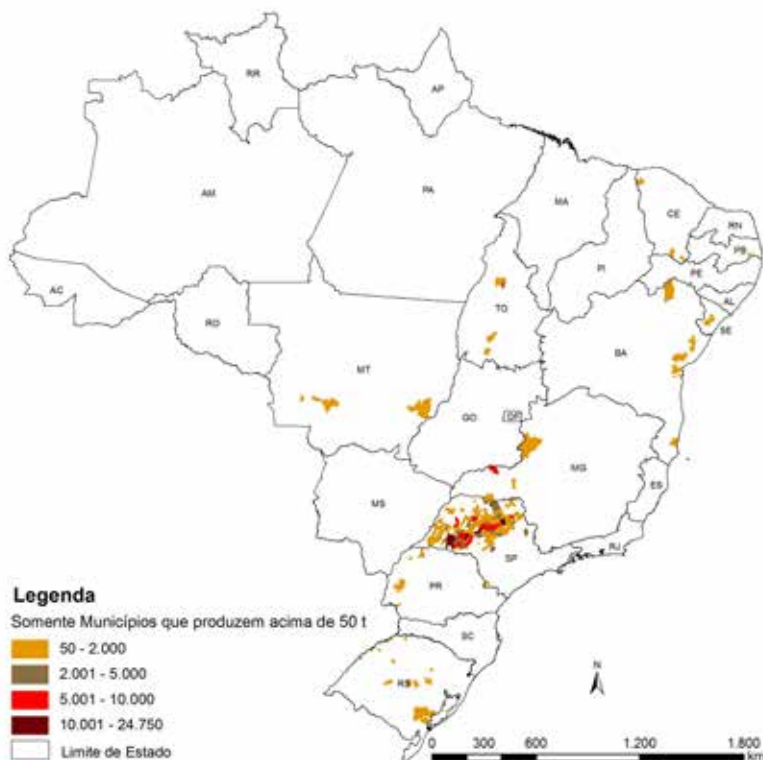
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 5 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,3	0,3	0,3	-	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	1,1	(21,4)	(21,4)
TO	0,3	0,3	0,3	-	-	4.800	3.667	(23,6)	1,4	1,1	1,1	(21,4)	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,3	3,3	-	-	1.201	1.096	(8,8)	4,0	3,6	3,6	(10,0)	(10,0)
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	1.269	1.000	(21,2)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	985	750	(23,9)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
SE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.613	1.455	(9,8)	1,8	1,6	1,6	(11,1)	(11,1)
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	942	933	(0,9)	1,4	1,4	1,4	-	-
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	2,5	-	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)
MS	2,5	2,5	2,5	-	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	10,0	(4,8)	(4,8)
SUDESTE	117,8	117,4	117,8	(0,3)	-	3.665	3.560	(2,8)	431,7	418,0	419,5	(3,2)	(2,8)
MG	2,6	2,5	2,6	-	-	3.615	3.725	3,1	9,4	9,3	9,7	(1,1)	3,2
SP	115,2	114,9	115,2	-	-	3.666	3.557	(3,0)	422,3	408,7	409,8	(3,2)	(3,0)
SUL	5,4	5,1	5,1	(5,6)	(5,6)	3.447	3.216	(6,7)	18,6	16,4	16,4	(11,8)	(11,8)
PR	2,0	1,7	1,7	-	-	3.406	3.118	(8,5)	6,8	5,3	5,3	(22,1)	(22,1)
RS	3,4	3,4	3,4	-	-	3.471	3.265	(5,9)	11,8	11,1	11,1	(5,9)	(5,9)
NORTE/NORDESTE	3,6	3,6	3,6	-	-	1.501	1.320	(12,1)	5,4	4,7	4,7	(13,0)	(13,0)
CENTRO-SUL	125,7	125,0	125,4	(0,6)	(0,2)	3.666	3.555	(3,0)	460,8	444,4	445,9	(3,6)	(3,2)
BRASIL	129,3	128,6	129,0	(0,5)	(0,2)	3.606	3.493	(3,1)	466,2	449,1	450,6	(3,7)	(3,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.1.3. ARROZ

As primeiras análises dos números da cultura de arroz da safra 2017/18 indicam que a área plantada deverá estar no intervalo entre 1.955,7 a 1.986,4 mil hectares. Na produtividade, a previsão da média nacional é de 5.989 kg/ha, redução de 3,8% em relação à última safra, com variações positivas ou negativas nos estados, a ser conferida no decorrer da safra. A mesma tendência pode ser verificada na estimativa de produção, onde os números nacionais apontam para redução entre 4,7% a 3,8% em relação à safra passada.

Na Região Norte, a avaliação é de que a área plantada seja em torno de 264,5 mil hectares, incremento de 0,6% na área em relação à safra passada. Com isso, a região configura-se como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Roraima, a estimativa é de que a área não sofra alterações em relação à última safra. A estimativa de produção para o estado é de 87,3 mil toneladas do grão.

Em Rondônia, em grande parte dos imóveis rurais destinados ao estabelecimento desta cultura, a calagem já ocorreu e os produtores estão atentos no valor das commodities, principalmente na época em que iniciar as chuvas, para então iniciar a semeadura. A área de plantio ainda não está definida, pois os produtores estão mais esperançosos em implantar culturas com maior margem de lucro, como a soja. O estado registrou queda em relação à área cultivada com arroz ao longo das safras, dessa forma, a estimativa é de que haja redução de 4,2% em relação à safra passada. O plantio deve iniciar na segunda quinzena de outubro.

No Acre, o plantio do arroz de sequeiro acontece no início do período chuvoso, entre outubro e dezembro, quando o solo apresenta umidade adequada para o desenvolvimento da cultura. A perspectiva é de manutenção da área plantada devido à dificuldade de acesso ao crédito agrícola e ao custo de produção elevado.

No Amazonas, a estimativa é de que a área plantada seja igual à da safra passada, estimada em 3,2 mil hectares. Espera-se uma produtividade 3% maior, quando comparada à safra 2016/17

No Pará, a expectativa do setor é de que a área a ser plantada, nessa safra, supere a safra anterior, motivada pela demanda de mercado. Esse aumento de área é esperado em áreas de arroz de sequeiro, enquanto o arroz irrigado, concentrado na Mesorregião do Marajó, deverá manter a área da safra passada.

Em Tocantins, a área cultivada com arroz é estimada em 1,2% maior que na safra 2016/17. A previsão do ar-

roz de sequeiro deve sofrer pequena variação na área. No estado, a cultura é semeada tanto por agricultores familiares, para subsistência e alimentação de pequenos animais, quanto pelos produtores empresariais em áreas de primeiro cultivo. Para esses, a área cultivada é mais flutuante de uma safra para outra, visto que alguns produtores já estão optando por plantar soja nas áreas de primeiro cultivo, com emprego de alta tecnologia. Para aqueles, a tendência é de manutenção de área com pouca variação. Com relação ao plantio irrigado, há uma tendência inicial de aumento na área cultivada, porém a efetivação desse crescimento depende de outras variáveis, como o poder aquisitivo dos produtores, visto que o preço do produto praticado no mercado está cerca de 20% inferior ao mesmo período do ano passado, levando os produtores a manter maiores estoques e, com isso, um menor volume é comercializado em relação ao mesmo período do ano passado.

Na Região Nordeste, a expectativa é de redução da área plantada com arroz, principalmente nas áreas de sequeiro.

No Maranhão, a estimativa é de que a área cultivada seja a mesma da safra anterior.

Em Sergipe, o calendário de plantio avançou 25% e 35% da área total em agosto e setembro, impulsionado pelas boas perspectivas de preço e produção, estando semeados atualmente cerca de 90% das lavouras, com previsão de conclusão na primeira quinzena de outubro, uma vez que o excesso de chuvas na região, ocorrido no último mês, dificultou e atrasou o restante do plantio. Muitas áreas tiveram o apoio da Codevasf na retirada na drenagem de áreas excessivamente alagadas, o que permitiu que a semeadura em setembro pudesse ser menos impactada. A estimativa é de que a área plantada seja mantida nessa safra, totalizando 4,7 mil hectares. De modo geral, as lavouras são consideradas boas, e foram utilizadas apenas sementes certificadas de primeira geração, estando 30% em estágio de germinação, 53% em desenvolvimento vegetativo e outros 17% em floração.

Na Bahia, na região do oeste baiano, a cultura do arroz é tradicionalmente cultivada nas áreas recém-abertas devido principalmente a sua tolerância à acidez. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. A primeira intenção de plantio da lavoura de arroz aponta para uma redução de área em relação à safra passada. Na safra anterior a estimativa é de que tenha sido cultivados 8,1 mil hectares. No entanto, para a atual safra, a estimativa é de que sejam cultivados entre 7,1 e 7,9



mil hectares. Essa redução se deve basicamente à redução da velocidade de abertura de novas áreas.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é de que ocorra redução na área plantada, quando comparada com a última safra, tanto nas áreas de arroz de sequeiro quanto nas destinadas a arroz irrigado.

Em Mato Grosso, o plantio acontece a partir de outubro. A expectativa é que a área dedicada ao arroz seja menor que no ciclo passado. O arroz deverá perder área para o cultivo de soja. Assim, estima-se que Mato Grosso plante cerca de 154,8 mil hectares de arroz, ante aos 162,3 mil hectares na safra passada.

Em Mato Grosso do Sul, com o início da safra para a cultura, por questões climáticas, o plantio em vários municípios será concluído em outubro. Produtores estão acessando o financiamento de custeio para o cultivo do cereal, mantendo, na maioria, pacotes tecnológicos semelhantes ao da safra 2016/17, com algumas alterações em relação às variedades de sementes, que poderão apresentar alto potencial de produtividade e resistência em relação a pragas e doenças. O levantamento atual aponta para uma área em torno de 14,3 mil hectares, cerca de 7,7% menor que na safra passada, redução decorrente de questões mercadológicas de preço e também ambientais.

Em Goiás, o cultivo do arroz de sequeiro depende de fornecimento de sementes e projetos executados pela Secretaria de Agricultura do Estado – Programa Lavoura Comunitária. Trata-se de lavouras executadas por pequenos agricultores assentados da reforma agrária, com baixo rendimento por hectare. Parte da produção é entregue ao estado (2%) e o restante fica com o produtor. A cultura de arroz de terras altas, ou de sequeiro, encontram-se em um forte declínio sendo cultivadas em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência. O cultivo de arroz irrigado localiza-se, em sua maioria, na região leste e parte norte do estado. A expectativa é de manutenção da área cultivada em relação à safra passada.

Na Região Sudeste, a área plantada deve se manter igual à área da última safra.

São Paulo é o maior produtor de arroz do Sudeste. Nessa safra, a área deverá se manter em 9,7 mil hectares, a mesma da última safra. A produção estimada é 3,1% maior que na safra passada e se concentra na região do Vale do Paraíba, que participa com mais de 60% da produção do estado. Devido às dificuldades enfrentadas, o produtor paulista tem migrado para culturas mais rentáveis, como soja e milho, na espec-

tativa de ganhos maiores.

Na Região Sul, onde o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro, a área deve sofrer pequena redução, quando comparada à safra passada, principalmente no Paraná, sobretudo nas áreas de arroz de sequeiro.

No Paraná, a área total cultivada com arroz é estimada em 23,7 mil hectares. O arroz de sequeiro está espalhado por todo o estado e a previsão de área plantada é de 3,9 mil hectares, com produtividade de 1.916 kg/ha, ou seja, 5,7% inferior à safra anterior. Porém, apesar da redução, considera-se que esse rendimento está dentro do esperado, visto que a safra passada foi de produtividades acima da média. Trata-se de uma cultura de subsistência onde a informação é de difícil controle. Geralmente, o arroz de sequeiro, é cultivado de forma intercalada entre outras culturas. O arroz de cultivo irrigado, diferentemente do arroz de sequeiro, é altamente tecnificado. O plantio já foi iniciado e aproximadamente 46% da área, estimada em 19,8 mil hectares, já foi semeada. A produtividade esperada é de 7.255 kg/ha.

Em Santa Catarina, o plantio de arroz foi antecipado, nessa safra, ocorrendo, em alguns municípios, ainda em julho, fora do zoneamento agroclimático para a cultura. O que possibilitou essa prática foi o inverno mais ameno e a disponibilidade hídrica no final de julho e parte de agosto. Dessa forma, já é possível observar lavouras plantadas há mais de 60 dias, enquanto a maior parte das lavouras já implantadas estão em fase inicial de desenvolvimento. No momento do levantamento de informações, cerca de 50% da área destinada ao cultivo já havia sido semeada. Nas últimas semanas, o clima está mais seco, com menos disponibilidade de água devido à estiagem, principalmente na região sul do estado. A falta de água para o plantio e tratamentos culturais iniciais desacelerou a implantação das lavouras, mas até o momento não há registro de perdas ou danos, já que a cultura se encontra em fase inicial de desenvolvimento.

Nessa safra, com o clima mais seco, observa-se o aumento do interesse por parte de alguns produtores em fazer uso do sistema de plantio em solo seco, entretanto, esse valor ainda é baixo, se comparado ao sistema de plantio pré-germinado, que representa em torno de 80% da área cultivada. Até o momento não foram verificados problemas com doenças e pragas. Em relação à área destinada para a cultura, não foram observadas grandes alterações em relação à safra passada, e a estimativa é que fique no intervalo entre 146,1 e 147,5 mil hectares. Os créditos de custeio estão sendo ofertados dentro da normalidade, assim como



a liberação de financiamento para aquisição de maquinários, equipamentos e insumos.

No Rio Grande do Sul foi iniciado o processo de semeadura em algumas regiões, o que deve se intensificar nos próximos dias caso não haja chuvas em excesso, visto que já há relatos de lavouras semeadas em Pelotas, Arroio Grande e Santa Vitória do Palmar. As demais regiões seguem com a finalização no processo

de preparo do solo, que se encontra atrasado em algumas regiões devido à má distribuição das chuvas. A boa produção da safra passada, a queda na relação de troca devido aos preços baixos e a dificuldade financeira que passam os produtores que financiam a produção com a indústria, o que pode chegar até 80% dos produtores, faz com que a intenção de plantio não esteja definida para essa safra. A previsão é de manutenção de área em relação à safra passada.

Figura 6 – Mapa da produção agrícola – Arroz

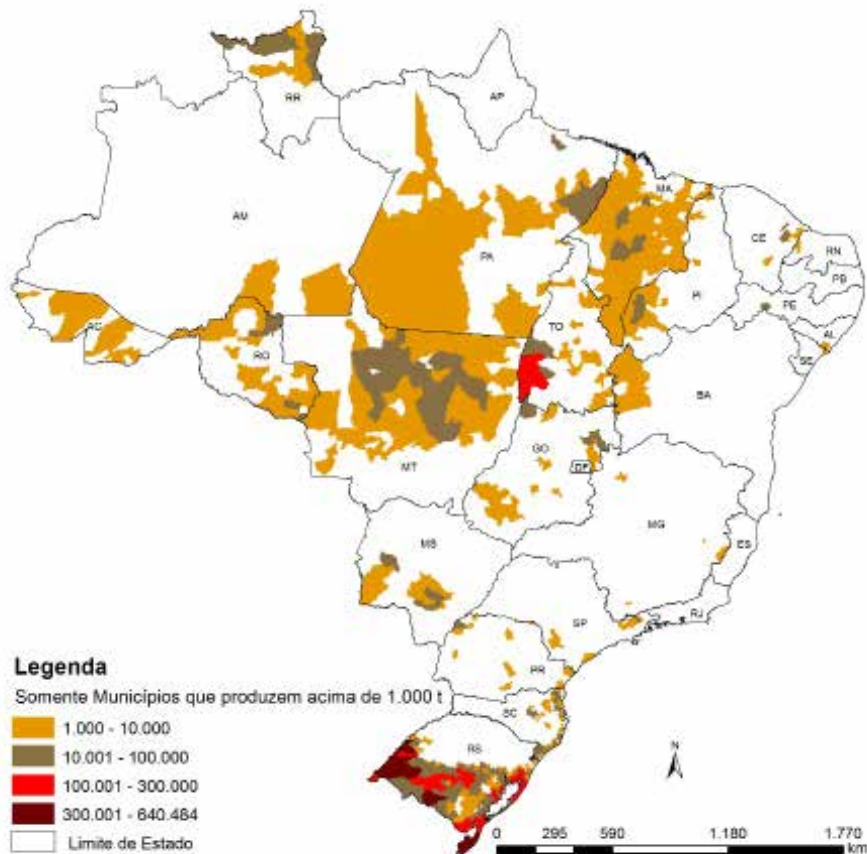


Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	263,0	257,9	271,1	(1,9)	3,1	4.129	4.079	(1,2)	1.085,8	1.055,9	1.102,0	(2,8)	1,5
RR	12,3	12,3	12,3	-	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	87,3	0,3	0,3
RO	40,6	38,7	39,1	(4,7)	(3,7)	2.956	3.181	7,6	120,0	123,1	124,4	2,6	3,7
AC	4,3	4,3	4,3	-	-	1.399	1.375	(1,7)	6,0	5,9	5,9	(1,7)	(1,7)
AM	3,2	3,2	3,2	-	-	2.183	2.248	3,0	7,0	7,2	7,2	2,9	2,9
AP	1,5	1,5	1,5	-	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	1,4	-	-
PA	68,8	68,8	72,0	-	4,7	2.728	2.648	(3,0)	187,7	182,4	190,5	(2,8)	1,5
TO	132,3	129,1	138,7	(2,4)	4,8	5.115	4.981	(2,6)	676,7	648,6	685,3	(4,2)	1,3
NORDESTE	229,2	228,2	229,0	(0,4)	(0,1)	1.908	1.610	(15,6)	437,3	367,9	368,5	(15,9)	(15,7)
MA	141,6	141,6	141,6	-	-	1.807	1.568	(13,2)	255,9	222,0	222,0	(13,2)	(13,2)
PI	65,2	65,2	65,2	-	-	1.629	1.151	(29,3)	106,2	75,1	75,1	(29,3)	(29,3)
CE	4,7	4,7	4,7	-	-	2.076	2.262	9,0	9,7	10,7	10,7	10,3	10,3
RN	1,0	1,0	1,0	-	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	3,3	(13,2)	(13,2)
PB	0,9	0,9	0,9	-	-	875	767	(12,3)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
PE	0,2	0,2	0,2	-	-	4.000	5.259	31,5	0,8	1,1	1,1	37,5	37,5
AL	2,8	2,8	2,8	-	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	16,2	(6,9)	(6,9)
SE	4,7	4,7	4,7	-	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	33,5	(5,4)	(5,4)
BA	8,1	7,1	7,9	(12,3)	(2,5)	900	741	(17,7)	7,3	5,3	5,9	(27,4)	(19,2)
CENTRO-OESTE	199,4	183,0	198,3	(8,2)	(0,6)	3.672	3.553	(3,2)	732,3	653,4	701,4	(10,8)	(4,2)
MT	162,3	147,2	162,3	(9,3)	-	3.266	3.129	(4,2)	530,0	460,8	507,5	(13,1)	(4,2)
MS	15,5	14,2	14,4	(8,4)	(7,1)	6.000	6.137	2,3	93,0	87,1	88,4	(6,3)	(4,9)
GO	21,6	21,6	21,6	-	-	5.059	4.884	(3,5)	109,3	105,5	105,5	(3,5)	(3,5)
SUDESTE	16,1	16,1	16,1	-	-	3.399	3.383	(0,5)	54,7	54,5	54,5	(0,4)	(0,4)
MG	6,0	6,0	6,0	-	-	2.534	2.322	(8,4)	15,2	13,9	13,9	(8,6)	(8,6)
ES	0,1	0,1	0,1	-	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	0,2	-	-
RJ	0,3	0,3	0,3	-	-	3.667	3.194	(12,9)	1,1	1,0	1,0	(9,1)	(9,1)
SP	9,7	9,7	9,7	-	-	3.935	4.055	3,0	38,2	39,4	39,4	3,1	3,1
SUL	1.273,2	1.270,5	1.271,9	(0,2)	(0,1)	7.868	7.572	(3,8)	10.017,7	9.620,8	9.631,0	(4,0)	(3,9)
PR	25,1	23,7	23,7	(5,6)	(5,6)	6.506	6.376	(2,0)	163,3	151,1	151,1	(7,5)	(7,5)
SC	147,4	146,1	147,5	(0,9)	0,1	7.638	7.235	(5,3)	1.125,8	1.057,0	1.067,2	(6,1)	(5,2)
RS	1.100,7	1.100,7	1.100,7	-	-	7.930	7.643	(3,6)	8.728,6	8.412,7	8.412,7	(3,6)	(3,6)
NORTE/NORDESTE	492,2	486,1	500,1	(1,2)	1,6	3.095	2.935	(5,2)	1.523,1	1.423,8	1.470,5	(6,5)	(3,5)
CENTRO-SUL	1.488,7	1.469,6	1.486,3	(1,3)	(0,2)	7.258	7.008	(3,4)	10.804,7	10.328,7	10.386,9	(4,4)	(3,9)
BRASIL	1.980,9	1.955,7	1.986,4	(1,3)	0,3	6.223	5.989	(3,8)	12.327,8	11.752,5	11.857,4	(4,7)	(3,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	140,6	136,0	144,5	(3,3)	2,8	2.526	2.549	0,9	355,1	346,6	365,7	(2,4)	3,0
RO	40,6	38,7	39,1	(4,7)	(3,8)	2.956	3.181	7,6	120,0	123,1	124,4	2,6	3,7
AC	4,3	4,3	4,3	-	-	1.399	1.375	(1,7)	6,0	5,9	5,9	(1,7)	(1,7)
AM	3,2	3,2	3,2	-	-	2.183	2.248	3,0	7,0	7,2	7,2	2,9	2,9
AP	1,5	1,5	1,5	-	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	1,4	-	-
PA	63,7	63,7	66,9	-	5,0	2.592	2.518	(2,9)	165,1	160,4	168,5	(2,8)	2,1
TO	27,3	24,6	29,5	(10,0)	8,0	2.036	1.977	(2,9)	55,6	48,6	58,3	(12,6)	4,9
NORDESTE	213,3	212,3	213,1	(0,5)	(0,1)	1.623	1.354	(16,6)	346,2	287,5	288,1	(17,0)	(16,8)
MA	140,2	140,2	140,2	-	-	1.775	1.541	(13,2)	248,9	216,0	216,0	(13,2)	(13,2)
PI	60,0	60,0	60,0	-	-	1.384	978	(29,3)	83,0	58,7	58,7	(29,3)	(29,3)
CE	4,1	4,1	4,1	-	-	1.516	1.652	9,0	6,2	6,8	6,8	9,7	9,7
PB	0,9	0,9	0,9	-	-	875	767	(12,3)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
BA	8,1	7,1	7,9	(12,0)	(2,8)	900	741	(17,7)	7,3	5,3	5,9	(27,4)	(19,2)
CENTRO-OESTE	158,1	143,0	158,1	(9,6)	-	3.187	3.048	(4,3)	503,8	435,9	482,6	(13,5)	(4,2)
MT	151,4	136,3	151,4	(10,0)	-	3.226	3.089	(4,2)	488,4	421,0	467,7	(13,8)	(4,2)
GO	6,7	6,7	6,7	-	-	2.300	2.220	(3,5)	15,4	14,9	14,9	(3,2)	(3,2)
SUDESTE	7,1	7,1	7,1	-	-	2.093	2.013	(3,8)	14,8	14,3	14,3	(3,4)	(3,4)
MG	4,7	4,7	4,7	-	-	1.563	1.432	(8,4)	7,3	6,7	6,7	(8,2)	(8,2)
ES	0,1	0,1	0,1	-	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	0,2	-	-
RJ	0,3	0,3	0,3	-	-	3.667	3.194	(12,9)	1,1	1,0	1,0	(9,1)	(9,1)
SP	2,0	2,0	2,0	-	-	3.082	3.178	3,1	6,2	6,4	6,4	3,2	3,2
SUL	5,3	3,9	3,9	(26,4)	(26,4)	2.032	1.916	(5,7)	10,8	7,5	7,5	(30,6)	(30,6)
PR	5,3	3,9	3,9	(26,8)	(26,8)	2.032	1.916	(5,7)	10,8	7,5	7,5	(30,6)	(30,6)
NORTE/NORDESTE	353,9	348,3	357,6	(1,6)	1,0	1.982	1.820	(8,1)	701,3	634,1	653,8	(9,6)	(6,8)
CENTRO-SUL	170,5	154,0	169,1	(9,7)	(0,8)	3.105	2.972	(4,3)	529,4	457,7	504,4	(13,5)	(4,7)
BRASIL	524,4	502,3	526,7	(4,2)	0,4	2.347	2.173	(7,4)	1.230,7	1.091,8	1.158,2	(11,3)	(5,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	122,4	121,9	126,6	(0,4)	3,4	5.970	5.819	(2,5)	730,7	709,3	736,3	(2,9)	0,8
RR	12,3	12,3	12,3	-	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	87,3	0,3	0,3
PA	5,1	5,1	5,1	-	-	4.433	4.307	(2,8)	22,6	22,0	22,0	(2,7)	(2,7)
TO	105,0	104,5	109,2	(0,5)	4,0	5.915	5.742	(2,9)	621,1	600,0	627,0	(3,4)	0,9
NORDESTE	15,9	15,9	15,9	-	-	5.732	5.053	(11,9)	91,1	80,4	80,4	(11,7)	(11,7)
MA	1,4	1,4	1,4	-	-	5.020	4.321	(13,9)	7,0	6,0	6,0	(14,3)	(14,3)
PI	5,2	5,2	5,2	-	-	4.453	3.147	(29,3)	23,2	16,4	16,4	(29,3)	(29,3)
CE	0,6	0,6	0,6	-	-	5.900	6.430	9,0	3,5	3,9	3,9	11,4	11,4
RN	1,0	1,0	1,0	-	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	3,3	(13,2)	(13,2)
PE	0,2	0,2	0,2	-	-	4.000	5.259	31,5	0,8	1,1	1,1	37,5	37,5
AL	2,8	2,8	2,8	-	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	16,2	(6,9)	(6,9)
SE	4,7	4,7	4,7	-	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	33,5	(5,4)	(5,4)
CENTRO-OESTE	41,3	40,0	40,2	(3,1)	(2,7)	5.532	5.440	(1,7)	228,5	217,5	218,8	(4,8)	(4,2)
MT	10,9	10,9	10,9	-	-	3.815	3.653	(4,2)	41,6	39,8	39,8	(4,3)	(4,3)
MS	15,5	14,2	14,4	(8,5)	(7,0)	6.000	6.137	2,3	93,0	87,1	88,4	(6,3)	(4,9)
GO	14,9	14,9	14,9	-	-	6.300	6.082	(3,5)	93,9	90,6	90,6	(3,5)	(3,5)
SUDESTE	9,0	9,0	9,0	-	-	4.429	4.464	0,8	39,9	40,2	40,2	0,8	0,8
MG	1,3	1,3	1,3	-	-	6.043	5.538	(8,4)	7,9	7,2	7,2	(8,9)	(8,9)
SP	7,7	7,7	7,7	-	-	4.157	4.283	3,0	32,0	33,0	33,0	3,1	3,1
SUL	1.267,9	1.266,6	1.268,0	(0,1)	-	7.893	7.590	(3,8)	10.006,9	9.613,3	9.623,5	(3,9)	(3,8)
PR	19,8	19,8	19,8	(0,2)	(0,2)	7.704	7.255	(5,8)	152,5	143,6	143,6	(5,8)	(5,8)
SC	147,4	146,1	147,5	(0,9)	0,1	7.638	7.235	(5,3)	1.125,8	1.057,0	1.067,2	(6,1)	(5,2)
RS	1.100,7	1.100,7	1.100,7	-	-	7.930	7.643	(3,6)	8.728,6	8.412,7	8.412,7	(3,6)	(3,6)
NORTE/NORDESTE	138,3	137,8	142,5	(0,4)	3,0	5.943	5.731	(3,6)	821,8	789,7	816,7	(3,9)	(0,6)
CENTRO-SUL	1.318,2	1.315,6	1.317,2	(0,2)	(0,1)	7.795	7.503	(3,7)	10.275,3	9.871,0	9.882,5	(3,9)	(3,8)
BRASIL	1.456,5	1.453,4	1.459,7	(0,2)	0,2	7.619	7.335	(3,7)	11.097,1	10.660,7	10.699,2	(3,9)	(3,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

11.1.4. FEIJÃO

11.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A primeira avaliação do cultivo de feijão primeira safra indica que a área semeada poderá variar de 1.019,7 a 1.053,5 mil hectares, com uma produtividade esta-

tística esperada de 1.209 kg/ha, uma redução de 1,3%. Devido a esses fatos, a produção média está estimada em 1.253,2 mil toneladas, variação negativa de 7,9%.

Feijão-comum cores

Em Minas Gerais, a área média estimada para o cultivo do feijão primeira safra é de aproximadamente 136 mil hectares, 2,9% menor em relação à safra anterior. Entre os fatores que motivaram tal redução, estão o clima e mercado. Alguns produtores encontram-se cautelosos devido às incertezas com relação ao clima, seja por falta de chuva nos períodos cruciais para o desenvolvimento da cultura ou pelo excesso dessa no momento de colheita. Nas regiões onde os riscos climáticos são menores, as reduções se pautaram nos baixos preços praticados. Entretanto, há aqueles que acreditam no aquecimento do mercado, o que deverá refletir nos números das próximas estimativas.

O plantio ainda não começou, salvo um pequeno percentual da área estimada para a região da Zona da Mata. Trata-se de plantio de pequenas áreas em propriedades da agricultura familiar intitulada por “plantio na poeira”. Nesse “sistema” os agricultores plantam mesmos sem precipitações significativas, mas em locais passíveis de serem irrigados por aspersores.

Dada a extensão, diversidade climática e cultural do estado, há diversos cenários para a cultura do feijão em Minas Gerais, tanto no que diz respeito ao nível tecnológico quanto a variedade. De forma que se cultiva feijão com alta, média e baixa tecnologia, e de



modo geral, onde tem-se quintal planta-se feijão no estado.

São inúmeras as variedades de feijão existentes no estado, entretanto, para fins de quantificação, considera-se que o feijão-comum cores representa 85,2% da área e 94% da produção do estado.

Em São Paulo, para o feijão-comum cores, o primeiro levantamento demonstra um crescimento médio de 4,3% na área a ser semeada, a estimativa média é 84,6 mil hectares.

No Paraná, de uma área estimada de 80 mil hectares, 20% já está plantada. Devido à falta de chuvas, o plantio está atrasado, haja vista que nessa mesma época da safra anterior 41% da área estava plantada. Espera-se ainda uma redução de aproximadamente 3% com relação à safra anterior, atribuída aos atuais preços do produto. As lavouras já semeadas estão em germinação e desenvolvimento vegetativo, demandando chuvas para se desenvolverem em condições satisfatórias.

No Rio Grande do Sul ainda não foi iniciada a semeadura na região dos Campos de Cima da Serra e Serra, principal região produtora, que tende a se concentrar após a semeadura da soja. A expectativa é de manutenção da área em relação à safra passada.

Em Santa Catarina, o cultivo do feijão-comum cores encontra-se ainda no início, sendo poucas as lavouras já implantadas, em torno de 1%, já que grande parte das lavouras se localizam em regiões com clima mais ameno (Planalto Sul e Meio-Oeste), onde o plantio se dá mais tarde. Aliado a isso, a falta de chuva em todas as regiões produtoras tem dificultado a implantação das lavouras. Apenas na região do Extremo-Oeste, próximo da Argentina e ao Rio Grande do Sul, onde o clima tem sido mais favorável, com chuvas mais regulares, o cultivo já teve início há mais tempo. A área, ainda indefinida, deve permanecer próxima da safra passada, ou seja, em torno de 31,4 mil hectares. Há uma tendência de migração do plantio do feijão-comum cores para o feijão-comum preto em virtude de expectativas futuras de mercado, além da sensibilidade pós-colheita do feijão-comum cores, o qual sofre

Feijão-comum preto

No Paraná, a semeadura de uma área de 117 mil hectares está em andamento, tendo sido plantado 20% da área. Assim como o feijão-comum cores, o plantio desta cultura também está atrasado devido à ausência de chuvas no mês de setembro. A perspectiva de produtividade é menor que a da safra anterior haja vista que a safra anterior foi recorde.

mais variações do que o preto, pressionando as cotações para baixo.

No Distrito Federal, para a primeira safra de feijão, também conhecida como safra das águas, é estimado a manutenção da área a ser semeada, quando comparada com a safra anterior. O feijão passa por um período de vazio sanitário, que vai de 20 de setembro a 20 de outubro de 2017. Essas medidas quebram o ciclo de desenvolvimento de doenças na lavoura como: o vírus causador do mosaico dourado. Esse procedimento reduz a população da mosca-branca, isento vetor desse vírus, e beneficia os produtores com o aumento da produtividade, a redução do uso de fungicidas, inseticidas e de custos.

Em Goiás, o plantio do feijão de primeira safra ainda está indefinido devido às condições climáticas, aos altos custos de produção e aos preços insatisfatórios recebidos pelo grão. Por tanto, para o primeiro levantamento ainda não houve confirmação de estimativa de área. Mantendo-se o valor da safra passada.

Em Mato Grosso, o feijão primeira safra será semeado somente em novembro, o cultivo será dividido entre os tipos feijão-comum cores e o feijão-caupi. A produção atende principalmente a agricultura familiar. Contudo, a cultura pode perder área para o cultivo da soja, tendência verificada há alguns anos no estado, através do arrendamento das pequenas propriedades.

Na Bahia, estima-se que a área média deverá ser aproximadamente de 43,1 mil hectares representando uma variação negativa de 24,4% em relação à safra passada. Essa redução se deve ao ajuste de área cultivada, informando o cultivo separando em primeira e segunda safras. A segunda safra ocorre no oeste da Bahia, em manejo irrigado. O feijão-comum cores primeira safra é cultivado no Centro-Norte, Centro-Sul e Extremo-Oeste sendo produzido quase que em totalidade pela agricultura familiar, com o uso reduzido de insumos, e utilização de sementes “salvas”. A mesoregião do Centro-Norte tem sofrido os impactos mais severos da irregularidade hídrica, e na safra passada, também foi caracterizada por baixas produtividades, o que não gera força para novos investimentos agrícolas.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do feijão já foi iniciada em quase todo o estado. Na região de Frederico Westphalen, um dos principais polos produtores, 100% da área já foi semeada, na de Santa Maria cerca de 40% e nas regiões de Canguçu e Lajeado aproximadamente 10%. As demais devem iniciar em breve ou após a conclusão da semeadura de soja, que se inicia



no próximo mês. Há uma leve tendência de aumento da área em relação à safra anterior, passando para 32,6 mil hectares. Porém, devido ao fato de o cultivo do milho não ser atrativo, neste ano, em razão da cotação do produto, algumas áreas, principalmente sob pivô central, podem ser destinadas ao feijão, o que pode alterar a área final.

Em Santa Catarina, com aproximadamente 4% das lavouras semeadas, localizadas nas regiões oeste e sul, onde o clima está mais favorável, o feijão-comum preto mostra sinais de aumento de área, nesta safra, motivado pela migração de parte da área de milho e feijão-comum cores e, como alternativa para um possível plantio de cultura sucessora, já que o ciclo mais curto em relação a outras espécies permite que se implante nova cultura na mesma área entre janeiro e fevereiro, que pode ser, além do próprio feijão, a soja ou milho para silagem. De certa forma, o cultivo apresenta-se um pouco atrasado devido ao clima mais seco na maioria das regiões produtoras, principalmente em parte do Meio-Oeste e todo o Planalto Norte, onde se concentram as maiores áreas. Em certas áreas, a escassez dura mais de 30 dias, e as poucas chuvas, irregulares e esparsas, não têm permitido o avanço do

Feijão-caupi

Na Bahia, estima-se que a área estimada média de semeadura deverá ser de 107,2 mil hectares, representando uma variação negativa de 36,9% em relação à safra passada. Essa redução se deve ao ajuste de área cultivada, informando o cultivo separando em primeira e segunda safras. A segunda safra ocorre no oeste da Bahia em manejo de sequeiro e irrigado. O cultivo de feijão-caupi é motivado pela sua adaptação ao estresse hídrico, sendo cultivado no Centro-Norte, Centro-Sul e Extremo-Oeste sendo produzido quase que em totalidade pela agricultura familiar, com o uso reduzido de insumos e utilização de sementes “salvas”.

No Maranhão, embora a semeadura ainda não iniciou, para a primeira safra é esperado a manutenção de área nesse estado.

plantio. Visando, também, um melhor rendimento, observa-se um aumento no uso de sementes fiscalizadas/certificadas pelos agricultores, principalmente os que fazem uso de maior tecnologia. Porém, ainda resta parte da área cultivada com sementes comuns, em lavouras pequenas, com menor uso de tecnologia, como insumos e fertilizantes, e voltadas ao consumo e venda do excedente.

Não é incomum que boa parte dos produtores não busquem financiamento oficial para o cultivo, adquirindo insumos diretamente com as cooperativas e cerealistas, com as quais comercializa a produção em troca dos produtos necessários para o plantio, como fertilizantes e defensivos. O plantio deve se prolongar até meados de dezembro, como é o caso da região do Planalto Sul, onde o clima mais ameno não permite plantio mais cedo e não dá condições para o cultivo de uma segunda safra.

Em Minas gerais, o feijão-comum preto é responsável por 4,3% do total de feijão de primeira safra do estado e é cultivado na região da Zona da Mata e Central. Para a primeira safra espera-se uma área média de 6,7 mil hectares.

Em Minas Gerais, o feijão-caupi é cultivado na região norte e representa 10,5% da área e, para o primeiro levantamento estima-se uma área média a ser cultivada de 13,7 mil hectares, ou seja, uma redução de 2,84% em relação a safra passada.

Em Tocantins, o feijão primeira safra é esperado pouca variação na área cultivada em relação à safra 2016/17. A área média estimada a ser semeada será de aproximadamente de 4,5 mil hectares. Por ser uma cultura de menor resultado econômico, sua atratividade é bastante baixa, sendo cultivada basicamente pelos agricultores familiares, em lavouras de menor tamanho com vistas à subsistência e pequena porção destinada à comercialização.



Figura 7 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

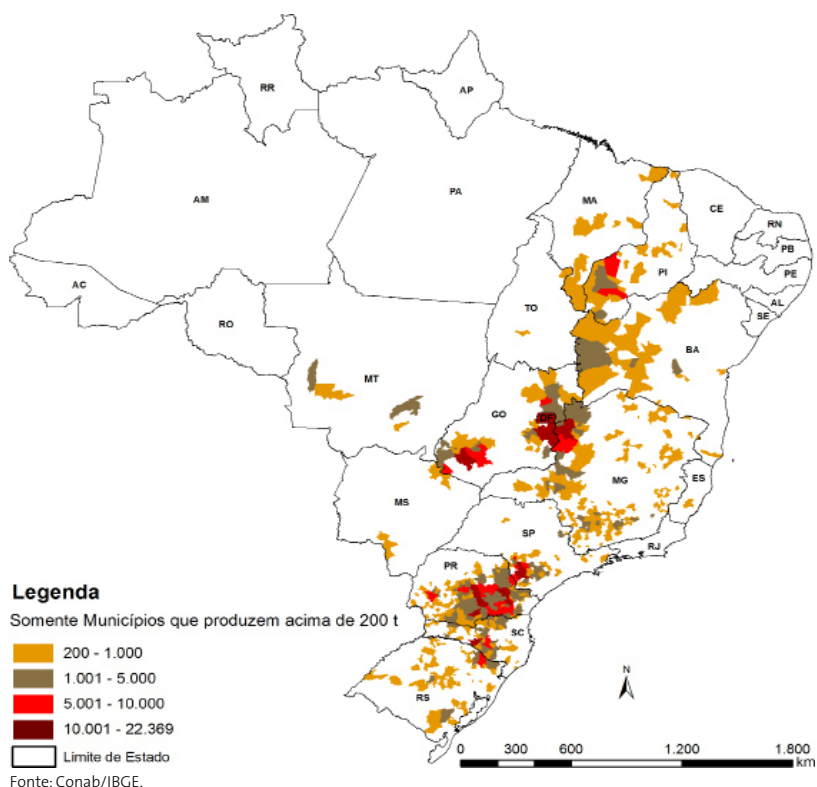


Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	4,8	4,7	5,1	(2,1)	6,3	649	670	3,2	3,1	3,2	3,4	3,2	9,7
TO	4,8	4,7	5,1	(2,1)	6,3	649	670	3,2	3,1	3,2	3,4	3,2	9,7
NORDESTE	490,2	406,0	421,2	(17,2)	(14,1)	453	321	(29,2)	222,1	129,6	136,0	(41,6)	(38,8)
MA	36,4	36,4	36,4	-	-	570	530	(7,0)	20,7	19,3	19,3	(6,8)	(6,8)
PI	226,9	226,9	226,9	-	-	294	221	(24,8)	66,7	50,1	50,1	(24,9)	(24,9)
BA	226,9	142,7	157,9	(37,1)	(30,4)	594	422	(29,0)	134,7	60,2	66,6	(55,3)	(50,6)
CENTRO-OESTE	81,5	77,7	81,5	(4,7)	-	2.203	2.244	1,9	179,5	175,7	181,5	(2,1)	1,1
MT	10,8	7,0	10,8	(35,2)	-	1.525	1.585	3,9	16,5	11,2	17,0	(32,1)	3,0
MS	0,8	0,8	0,8	-	-	1.800	1.868	3,8	1,4	1,5	1,5	7,1	7,1
GO	57,8	57,8	57,8	-	-	2.400	2.400	-	138,7	138,7	138,7	-	-
DF	12,1	12,1	12,1	-	-	1.895	2.011	6,1	22,9	24,3	24,3	6,1	6,1
SUDESTE	247,3	240,1	252,2	(2,9)	2,0	1.651	1.671	1,2	408,3	401,7	420,6	(1,6)	3,0
MG	161,0	151,8	161,0	(5,7)	-	1.213	1.304	7,6	195,2	198,0	210,0	1,4	7,6
ES	4,6	4,6	4,6	-	-	1.174	1.113	(5,2)	5,4	5,1	5,1	(5,6)	(5,6)
RJ	0,6	0,6	0,6	-	-	1.127	1.075	(4,6)	0,7	0,6	0,6	(14,3)	(14,3)
SP	81,1	83,1	86,0	2,5	6,0	2.552	2.383	(6,6)	207,0	198,0	204,9	(4,3)	(1,0)
SUL	287,2	291,2	293,5	1,4	2,2	1.907	1.804	(5,4)	547,6	525,3	529,3	(4,1)	(3,3)
PR	194,1	197,4	197,4	1,7	1,7	1.880	1.751	(6,8)	364,8	345,7	345,7	(5,2)	(5,2)
SC	51,3	52,0	52,7	1,4	2,7	2.160	2.026	(6,2)	110,8	105,3	106,8	(5,0)	(3,6)
RS	41,8	41,8	43,4	-	3,8	1.721	1.773	3,0	72,0	74,3	76,8	3,2	6,7
NORTE/NORDESTE	495,0	410,7	426,3	(17,0)	(13,9)	455	325	(28,6)	225,2	132,8	139,4	(41,0)	(38,1)
CENTRO-SUL	616,0	609,0	627,2	(1,1)	1,8	1.843	1.807	(1,9)	1.135,4	1.102,7	1.131,4	(2,9)	(0,4)
BRASIL	1.111,0	1.019,7	1.053,5	(8,2)	(5,2)	1.225	1.209	(1,3)	1.360,6	1.235,5	1.270,8	(9,2)	(6,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	1,2	-	-	1.850	1.750	(5,4)	2,2	2,1	2,1	(4,5)	(4,5)
DF	1,2	1,2	1,2	-	-	1.850	1.750	(5,4)	2,2	2,1	2,1	(4,5)	(4,5)
SUDESTE	9,8	9,4	9,8	(4,1)	-	965	981	1,7	9,5	9,2	9,5	(3,2)	-
MG	6,9	6,5	6,9	(5,8)	-	838	885	5,6	5,8	5,8	6,1	-	5,2
ES	2,3	2,3	2,3	-	-	1.304	1.237	(5,1)	3,0	2,8	2,8	(6,7)	(6,7)
RJ	0,6	0,6	0,6	-	-	1.127	1.075	(4,6)	0,7	0,6	0,6	(14,3)	(14,3)
SUL	163,7	169,7	171,9	3,7	5,0	1.880	1.782	(5,2)	307,8	302,5	306,2	(1,7)	(0,5)
PR	112,0	117,4	117,4	4,8	4,8	1.929	1.795	(6,9)	216,0	210,7	210,7	(2,5)	(2,5)
SC	19,9	20,5	21,1	3,0	6,0	2.200	2.063	(6,2)	43,8	42,3	43,5	(3,4)	(0,7)
RS	31,8	31,8	33,4	-	5,0	1.508	1.557	3,2	48,0	49,5	52,0	3,1	8,3
CENTRO-SUL	174,7	180,3	182,9	3,2	4,7	1.829	1.740	(4,9)	319,5	313,8	317,8	(1,8)	(0,5)
BRASIL	174,7	180,3	182,9	3,2	4,7	1.829	1.740	(4,9)	319,5	313,8	317,8	(1,8)	(0,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,4	0,4	0,4	-	-	1.080	1.110	2,8	0,4	0,4	0,4	-	-
TO	0,4	0,4	0,4	-	-	1.080	1.110	2,8	0,4	0,4	0,4	-	-
NORDESTE	57,0	40,9	45,3	(28,2)	(20,5)	862	600	(30,4)	49,1	24,5	27,2	(50,1)	(44,6)
BA	57,0	40,9	45,3	(28,2)	(20,6)	862	600	(30,4)	49,1	24,5	27,2	(50,1)	(44,6)
CENTRO-OESTE	73,9	72,5	73,9	(1,9)	-	2.296	2.324	1,2	169,6	168,6	171,5	(0,6)	1,1
MT	4,4	3,0	4,4	(31,8)	-	1.998	2.067	3,5	8,8	6,2	9,1	(29,5)	3,4
MS	0,8	0,8	0,8	-	-	1.800	1.868	3,8	1,4	1,5	1,5	7,1	7,1
GO	57,8	57,8	57,8	-	-	2.400	2.400	-	138,7	138,7	138,7	-	-
DF	10,9	10,9	10,9	-	-	1.900	2.040	7,4	20,7	22,2	22,2	7,2	7,2
SUDESTE	223,4	217,4	228,3	(2,7)	2,2	1.752	1.769	0,9	391,5	385,1	403,2	(1,6)	3,0
MG	140,0	132,0	140,0	(5,7)	-	1.301	1.400	7,6	182,1	184,8	196,0	1,5	7,6
ES	2,3	2,3	2,3	-	-	1.043	989	(5,2)	2,4	2,3	2,3	(4,2)	(4,2)
SP	81,1	83,1	86,0	2,5	6,0	2.552	2.383	(6,6)	207,0	198,0	204,9	(4,3)	(1,0)
SUL	123,5	121,5	121,6	(1,6)	(1,5)	1.941	1.833	(5,6)	239,8	222,8	223,0	(7,1)	(7,0)
PR	82,1	80,0	80,0	(2,6)	(2,6)	1.812	1.687	(6,9)	148,8	135,0	135,0	(9,3)	(9,3)
SC	31,4	31,5	31,6	0,2	0,6	2.134	2.001	(6,2)	67,0	63,0	63,2	(6,0)	(5,7)
RS	10,0	10,0	10,0	-	-	2.400	2.477	3,2	24,0	24,8	24,8	3,3	3,3
NORTE/NORDESTE	57,4	41,3	45,7	(28,0)	(20,4)	864	605	(30,0)	49,5	24,9	27,6	(49,7)	(44,2)
CENTRO-SUL	420,8	411,4	423,8	(2,2)	0,7	1.903	1.885	(1,0)	800,9	776,5	797,7	(3,0)	(0,4)
BRASIL	478,2	452,7	469,5	(5,3)	(1,8)	1.779	1.764	(0,8)	850,4	801,4	825,3	(5,8)	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

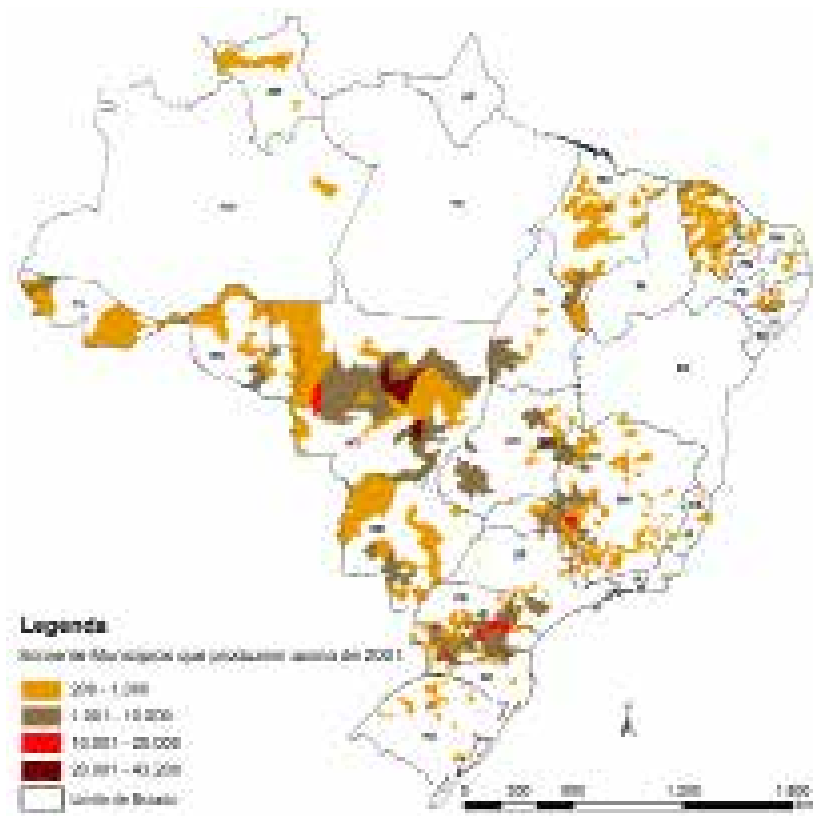
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	4,4	4,3	4,7	(2,3)	6,8	610	631	3,4	2,7	2,7	3,0	-	11,1
TO	4,4	4,3	4,7	(2,4)	6,0	610	631	3,4	2,7	2,7	3,0	-	11,1
NORDESTE	433,2	365,1	375,9	(15,7)	(13,2)	400	289	(27,7)	173,0	105,0	108,8	(39,3)	(37,1)
MA	36,4	36,4	36,4	-	-	570	530	(7,0)	20,7	19,3	19,3	(6,8)	(6,8)
PI	226,9	226,9	226,9	-	-	294	221	(24,8)	66,7	50,1	50,1	(24,9)	(24,9)
BA	169,9	101,8	112,6	(40,1)	(33,7)	504	350	(30,6)	85,6	35,6	39,4	(58,4)	(54,0)
CENTRO-OESTE	6,4	4,0	6,4	(37,5)	-	1.200	1.242	3,5	7,7	5,0	7,9	(35,1)	2,6
MT	6,4	4,0	6,4	(37,5)	-	1.200	1.242	3,5	7,7	5,0	7,9	(35,1)	2,6
SUDESTE	14,1	13,3	14,1	(5,7)	-	519	559	7,7	7,3	7,4	7,9	1,4	8,2
MG	14,1	13,3	14,1	(5,9)	-	519	559	7,7	7,3	7,4	7,9	1,4	8,2
NORTE/NORDESTE	437,6	369,4	380,6	(15,6)	(13,0)	402	293	(27,1)	175,7	107,7	111,8	(38,7)	(36,4)
CENTRO-SUL	20,5	17,3	20,5	(15,6)	-	732	747	2,1	15,0	12,4	15,8	(17,3)	5,3
BRASIL	458,1	386,7	401,1	(15,6)	(12,4)	416	315	(24,5)	190,7	120,1	127,6	(37,0)	33,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

11.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Figura 8 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	55,9	55,9	55,9	-	-	1.171	972	(17,0)	65,4	54,4	54,4	(16,8)	(16,8)
RO	19,3	19,3	19,3	-	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	16,2	(13,4)	(13,4)
AC	7,6	7,6	7,6	-	-	593	605	2,1	4,5	4,6	4,6	2,2	2,2
AM	3,8	3,8	3,8	-	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	4,0	(14,9)	(14,9)
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	1,3	-	-
TO	23,8	23,8	23,8	-	-	1.520	1.187	(21,9)	36,2	28,3	28,3	(21,8)	(21,8)
NORDESTE	669,0	726,0	732,0	8,5	9,4	307	337	9,6	205,6	242,8	248,4	18,1	20,8
MA	51,4	51,4	51,4	-	-	699	512	(26,8)	35,9	26,3	26,3	(26,7)	(26,7)
PI	6,3	6,3	6,3	-	-	572	588	2,8	3,6	3,7	3,7	2,8	2,8
CE	407,0	407,0	407,0	-	-	292	274	(6,2)	118,8	111,4	111,4	(6,2)	(6,2)
RN	35,8	35,8	35,8	-	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	12,2	(1,6)	(1,6)
PB	90,0	90,0	90,0	-	-	316	283	(10,4)	28,4	25,5	25,5	(10,2)	(10,2)
PE	78,5	78,5	78,5	-	-	83	133	60,8	6,5	10,5	10,5	61,5	61,5
CENTRO-OESTE	276,6	276,6	276,6	-	-	1.264	1.254	(0,7)	349,6	346,9	346,9	(0,8)	(0,8)
MT	230,7	230,7	230,7	-	-	1.172	1.196	2,0	270,3	275,8	275,8	2,0	2,0
MS	26,0	26,0	26,0	-	-	1.692	1.441	(14,8)	44,0	37,5	37,5	(14,8)	(14,8)
GO	19,0	19,0	19,0	-	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	31,9	(4,2)	(4,2)
DF	0,9	0,9	0,9	-	-	2.189	1.935	(11,6)	2,0	1,7	1,7	(15,0)	(15,0)
SUDESTE	138,8	138,8	138,8	-	-	1.367	1.371	0,3	189,7	190,4	190,4	0,4	0,4
MG	116,8	116,8	116,8	-	-	1.331	1.342	0,9	155,4	156,8	156,8	0,9	0,9
ES	6,1	6,1	6,1	-	-	1.049	1.013	(3,4)	6,4	6,2	6,2	(3,1)	(3,1)
RJ	1,2	1,2	1,2	-	-	1.008	969	(3,9)	1,2	1,2	1,2	-	-
SP	14,7	14,7	14,7	-	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	26,2	(1,9)	(1,9)
SUL	286,6	286,6	286,6	-	-	1.363	1.473	8,1	390,6	422,3	422,3	8,1	8,1
PR	249,0	249,0	249,0	-	-	1.370	1.474	7,6	341,2	367,1	367,1	7,6	7,6
SC	18,3	18,3	18,3	-	-	1.417	1.439	1,6	25,9	26,3	26,3	1,5	1,5
RS	19,3	19,3	19,3	-	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	28,9	23,0	23,0
NORTE/NORDESTE	724,9	781,9	787,9	7,9	8,7	374	382	2,2	271,0	297,2	302,8	9,7	11,7
CENTRO-SUL	702,0	702,0	702,0	-	-	1.325	1.367	3,2	929,9	959,6	959,6	3,2	3,2
BRASIL	1.426,9	1.483,9	1.489,9	4,0	4,4	842	847	0,6	1.200,9	1.256,8	1.262,4	4,7	5,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	1,1	1,1	1,1	-	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	0,4	-	-
PB	1,1	1,1	1,1	-	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	0,4	-	-
CENTRO-OESTE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.555	1.330	(14,5)	1,7	1,5	1,5	(11,8)	(11,8)
MS	1,0	1,0	1,0	-	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	1,3	(13,3)	(13,3)
DF	0,1	0,1	0,1	-	-	2.100	1.856	(11,6)	0,2	0,2	0,2	-	-
SUDESTE	10,1	10,1	10,1	-	-	937	930	(0,8)	9,5	9,4	9,4	(1,1)	(1,1)
MG	6,4	6,4	6,4	-	-	931	939	0,9	6,0	6,0	6,0	-	-
ES	2,5	2,5	2,5	-	-	920	888	(3,5)	2,3	2,2	2,2	(4,3)	(4,3)
RJ	1,2	1,2	1,2	-	-	1.008	969	(3,9)	1,2	1,2	1,2	-	-
SUL	122,4	122,4	122,4	-	-	1.378	1.501	9,0	168,6	183,8	183,8	9,0	9,0
PR	88,6	88,6	88,6	-	-	1.418	1.525	7,5	125,6	135,1	135,1	7,6	7,6
SC	14,5	14,5	14,5	-	-	1.343	1.364	1,6	19,5	19,8	19,8	1,5	1,5
RS	19,3	19,3	19,3	-	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	28,9	23,0	23,0
NORTE/NORDESTE	1,1	1,1	1,1	-	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	0,4	-	-
CENTRO-SUL	133,6	133,6	133,6	-	-	1.346	1.457	8,2	179,8	194,7	194,7	8,3	8,3
BRASIL	134,7	134,7	134,7	-	-	1.338	1.448	8,2	180,2	195,1	195,1	8,3	8,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	32,2	32,2	32,2	-	-	956	837	(12,4)	30,7	27,0	27,0	(12,1)	(12,1)
RO	19,3	19,3	19,3	-	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	16,2	(13,4)	(13,4)
AC	5,6	5,6	5,6	-	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,3	3,1	3,1
AM	3,8	3,8	3,8	-	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	4,0	(14,9)	(14,9)
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	1,3	-	-
TO	2,1	2,1	2,1	-	-	1.312	1.025	(21,9)	2,8	2,2	2,2	(21,4)	(21,4)
NORDESTE	32,1	41,6	42,6	29,6	32,7	414	668	61,3	13,3	27,4	29,0	106,0	118,0
CE	2,8	2,8	2,8	-	-	565	530	(6,2)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
PB	25,7	25,7	25,7	-	-	447	400	(10,5)	11,5	10,3	10,3	(10,4)	(10,4)
PE	3,6	3,6	3,6	-	-	62	101	62,9	0,2	0,4	0,4	100,0	100,0
BA	-	9,5	10,5	-	-	-	1.600	-	-	15,2	16,8	-	-
CENTRO-OESTE	73,2	73,2	73,2	-	-	1.769	1.677	(5,2)	129,6	122,8	122,8	(5,2)	(5,2)
MT	28,4	28,4	28,4	-	-	1.831	1.869	2,1	52,0	53,1	53,1	2,1	2,1
MS	25,0	25,0	25,0	-	-	1.700	1.448	(14,8)	42,5	36,2	36,2	(14,8)	(14,8)
GO	19,0	19,0	19,0	-	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	31,9	(4,2)	(4,2)
DF	0,8	0,8	0,8	-	-	2.200	1.945	(11,6)	1,8	1,6	1,6	(11,1)	(11,1)
SUDESTE	128,6	128,6	128,6	-	-	1.401	1.406	0,4	180,1	180,9	180,9	0,4	0,4
MG	110,3	110,3	110,3	-	-	1.354	1.366	0,9	149,3	150,7	150,7	0,9	0,9
ES	3,6	3,6	3,6	-	-	1.139	1.100	(3,4)	4,1	4,0	4,0	(2,4)	(2,4)
SP	14,7	14,7	14,7	-	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	26,2	(1,9)	(1,9)
SUL	164,2	164,2	164,2	-	-	1.352	1.452	7,4	222,1	238,5	238,5	7,4	7,4
PR	160,4	160,4	160,4	-	-	1.344	1.446	7,6	215,6	231,9	231,9	7,6	7,6
SC	3,8	3,8	3,8	-	-	1.700	1.726	1,5	6,5	6,6	6,6	1,5	1,5
NORTE/NORDESTE	64,3	73,8	74,8	14,8	16,3	685	741	8,2	44,0	54,4	56,0	23,6	27,3
CENTRO-SUL	366,0	366,0	366,0	-	-	1.453	1.481	2,0	531,8	542,2	542,2	2,0	2,0
BRASIL	430,3	439,8	440,8	2,2	2,4	1.338	1.356	1,4	575,8	596,6	598,2	3,6	3,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	23,7	23,7	23,7	-	-	1.463	1.156	(21,0)	34,7	27,4	27,4	(21,0)	(21,0)
AC	2,0	2,0	2,0	-	-	630	643	2,1	1,3	1,3	1,3	-	-
TO	21,7	21,7	21,7	-	-	1.540	1.203	(21,9)	33,4	26,1	26,1	(21,9)	(21,9)
NORDESTE	635,8	683,3	688,3	7,5	8,3	302	317	4,8	191,9	215,0	219,0	12,0	14,1
MA	51,4	51,4	51,4	-	-	699	512	(26,8)	35,9	26,3	26,3	(26,7)	(26,7)
PI	6,3	6,3	6,3	-	-	572	588	2,8	3,6	3,7	3,7	2,8	2,8
CE	404,2	404,2	404,2	-	-	290	272	(6,2)	117,2	109,9	109,9	(6,2)	(6,2)
RN	35,8	35,8	35,8	-	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	12,2	(1,6)	(1,6)
PB	63,2	63,2	63,2	-	-	261	234	(10,3)	16,5	14,8	14,8	(10,3)	(10,3)
PE	74,9	74,9	74,9	-	-	84	135	60,7	6,3	10,1	10,1	60,3	60,3
BA	-	47,5	52,5	-	-	-	800	-	-	38,0	42,0	-	-
CENTRO-OESTE	202,3	202,3	202,3	-	-	1.079	1.101	2,0	218,3	222,7	222,7	2,0	2,0
MT	202,3	202,3	202,3	-	-	1.079	1.101	2,0	218,3	222,7	222,7	2,0	2,0
SUDESTE	0,1	0,1	0,1	-	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	0,1	-	-
MG	0,1	0,1	0,1	-	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	0,1	-	-
NORTE/NOR-DESTE	659,5	707,0	712,0	7,2	8,0	344	345	0,3	226,6	242,4	246,4	7,0	8,7
CENTRO-SUL	202,4	202,4	202,4	-	-	1.079	1.101	2,0	218,4	222,8	222,8	2,0	2,0
BRASIL	861,9	909,4	914,4	5,5	6,1	516	512	(0,8)	445,0	465,2	469,2	4,5	5,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	52,2	52,2	52,2	-	-	1.190	968	(18,7)	62,2	50,6	50,6	(18,6)	(18,6)
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	650	-	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	34,3	34,3	34,3	-	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	24,5	(13,4)	(13,4)
TO	15,5	15,5	15,5	-	-	2.081	1.581	(24,0)	32,3	24,5	24,5	(24,1)	(24,1)
NORDESTE	386,8	386,8	386,8	-	-	649	613	(5,6)	251,1	237,2	237,2	(5,5)	(5,5)
PE	107,6	107,6	107,6	-	-	478	494	3,3	51,4	53,1	53,1	3,3	3,3
AL	40,1	40,1	40,1	-	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	18,0	(13,5)	(13,5)
SE	15,2	15,2	15,2	-	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	10,3	(22,0)	(22,0)
BA	223,9	223,9	223,9	-	-	740	696	(6,0)	165,7	155,8	155,8	(6,0)	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,8	116,8	116,8	-	-	2.632	2.621	(0,4)	307,4	306,2	306,2	(0,4)	(0,4)
MT	53,7	53,7	53,7	-	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	123,5	(2,9)	(2,9)
GO	60,0	60,0	60,0	-	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	173,3	1,3	1,3
DF	3,1	3,1	3,1	-	-	2.962	3.020	2,0	9,2	9,4	9,4	2,2	2,2
SUDESTE	82,2	82,2	82,2	-	-	2.586	2.605	0,7	212,6	214,2	214,2	0,8	0,8
MG	70,4	70,4	70,4	-	-	2.619	2.656	1,4	184,4	187,0	187,0	1,4	1,4
SP	11,8	11,8	11,8	-	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	27,2	(3,5)	(3,5)
SUL	4,4	4,4	4,4	-	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	4,2	(4,5)	(4,5)
PR	4,4	4,4	4,4	-	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	4,2	(4,5)	(4,5)
NORTE/NOR-DESTE	439,0	439,0	439,0	-	-	714	655	(8,2)	313,3	287,8	287,8	(8,1)	(8,1)
CENTRO-SUL	203,4	203,4	203,4	-	-	2.578	2.579	-	524,4	524,6	524,6	-	-
BRASIL	642,4	642,4	642,4	-	-	1.304	1.264	(3,1)	837,7	812,4	812,4	(3,0)	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	6,6	6,6	6,6	-	-	794	665	(16,3)	5,3	4,4	4,4	(17,0)	(17,0)
PA	6,1	6,1	6,1	-	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	3,4	(12,8)	12,8
TO	0,5	0,5	0,5	-	-	2.701	2.052	(24,0)	1,4	1,0	1,0	(28,6)	28,6
NORDESTE	329,5	329,5	329,5	-	-	679	639	(5,9)	223,8	210,6	210,6	(5,9)	(5,9)
PE	72,2	72,2	72,2	-	-	510	527	3,3	36,8	38,0	38,0	3,3	3,3
AL	29,8	29,8	29,8	-	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	12,6	(13,7)	13,7
SE	15,2	15,2	15,2	-	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	10,3	(22,0)	(22,0)
BA	212,3	212,3	212,3	-	-	750	705	(6,0)	159,2	149,7	149,7	(6,0)	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,3	116,3	116,3	-	-	2.634	2.623	(0,4)	306,3	305,1	305,1	(0,4)	(0,4)
MT	53,7	53,7	53,7	-	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	123,5	(2,9)	(2,9)
GO	60,0	60,0	60,0	-	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	173,3	1,3	1,3
DF	2,6	2,6	2,6	-	-	3.120	3.181	2,0	8,1	8,3	8,3	2,5	2,5
SUDESTE	82,0	82,0	82,0	-	-	2.590	2.609	0,7	212,3	213,9	213,9	0,8	0,8
MG	70,2	70,2	70,2	-	-	2.623	2.660	1,4	184,1	186,7	186,7	1,4	1,4
SP	11,8	11,8	11,8	-	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	27,2	(3,5)	(3,5)
SUL	4,4	4,4	4,4	-	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	4,2	(4,5)	(4,5)
PR	4,4	4,4	4,4	-	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	4,2	(4,5)	(4,5)
NORTE/NORDESTE	336,1	336,1	336,1	-	-	682	640	(6,2)	229,1	215,0	215,0	(6,2)	(6,2)
CENTRO-SUL	202,7	202,7	202,7	-	-	2.581	2.581	-	523,0	523,2	523,2	-	-
BRASIL	538,8	538,8	538,8	-	-	1.396	1.370	(1,9)	752,1	738,2	738,2	(1,8)	(1,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	13,9	13,9	13,9	-	-	510	645	26,5	7,1	9,0	9,0	26,8	26,8
PE	13,9	13,9	13,9	-	-	510	645	26,5	7,1	9,0	9,0	26,8	26,8
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	0,6	-	-
DF	0,2	0,2	0,2	-	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	0,6	-	-
SUDESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	0,2	-	-
MG	0,2	0,2	0,2	-	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	0,2	-	-
NORTE/NORDESTE	13,9	13,9	13,9	-	-	510	645	26,5	7,1	9,0	9,0	26,8	26,8
CENTRO-SUL	0,4	0,4	0,4	-	-	2.100	2.139	1,8	0,8	0,8	0,8	-	-
BRASIL	14,3	14,3	14,3	-	-	554	687	23,9	7,9	9,8	9,8	24,1	24,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

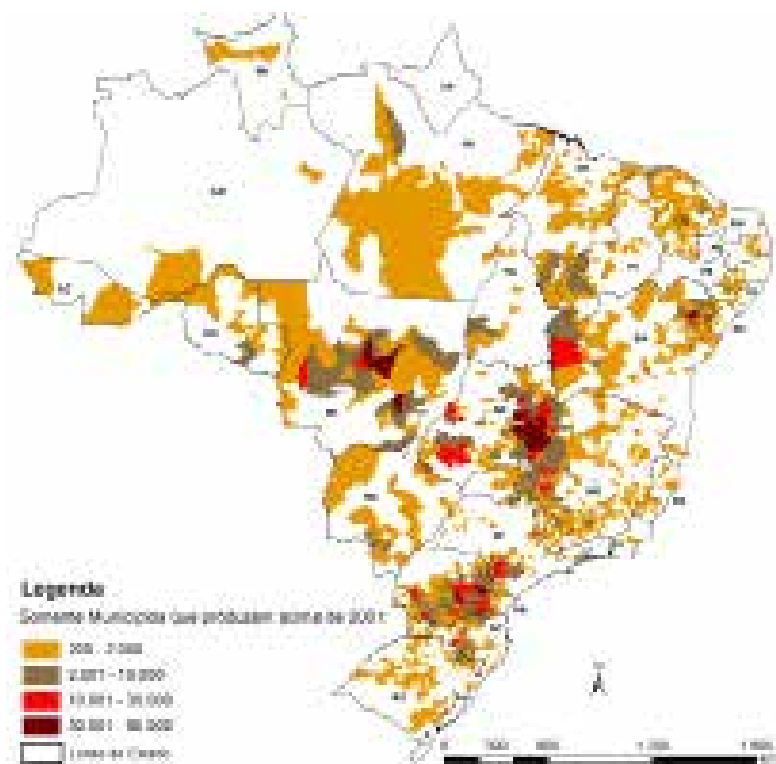
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	45,6	45,6	45,6	-	-	1.247	1.012	(18,9)	56,9	46,2	46,2	(18,8)	(18,8)
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	650	-	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	28,2	28,2	28,2	-	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	21,1	(13,5)	(13,5)
TO	15,0	15,0	15,0	-	-	2.060	1.565	(24,0)	30,9	23,5	23,5	(23,9)	(23,9)
NORDESTE	43,4	43,4	43,4	-	-	466	405	(13,0)	20,2	17,6	17,6	(12,9)	(12,9)
PE	21,5	21,5	21,5	-	-	350	285	(18,6)	7,5	6,1	6,1	(18,7)	(18,7)
AL	10,3	10,3	10,3	-	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	5,4	(12,9)	(12,9)
BA	11,6	11,6	11,6	-	-	558	525	(5,9)	6,5	6,1	6,1	(6,2)	(6,2)
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	0,3	-	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	0,5	-	-
DF	0,3	0,3	0,3	-	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	0,5	-	-
NORTE/NOR-DESTE	89,0	89,0	89,0	-	-	866	716	(17,4)	77,1	63,8	63,8	(17,3)	(17,3)
CENTRO-SUL	0,3	0,3	0,3	-	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	0,5	-	-
BRASIL	89,3	89,3	89,3	-	-	869	719	(17,2)	77,6	64,3	64,3	(17,1)	(17,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

11.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 9 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	112,9	112,8	113,2	(0,1)	0,3	1.158	957	(17,3)	130,6	108,1	108,4	(17,2)	(17,0)
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	650	-	1,6	1,6	1,6	-	-
RO	19,3	19,3	19,3	-	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	16,2	(13,4)	(13,4)
AC	7,6	7,6	7,6	-	-	593	605	2,1	4,5	4,6	4,6	2,2	2,2
AM	3,8	3,8	3,8	-	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	4,0	(14,9)	(14,9)
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	1,3	-	-
PA	34,3	34,3	34,3	-	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	24,5	(13,4)	(13,4)
TO	44,1	44,0	44,4	(0,2)	0,7	1.622	1.268	(21,8)	71,5	55,9	56,2	(21,8)	(21,4)
NORDESTE	1.546,0	1.518,8	1.540,0	(1,8)	(0,4)	439	403	(8,4)	679,1	609,5	621,6	(10,2)	(8,5)
MA	87,8	87,8	87,8	-	-	646	519	(19,5)	56,7	45,6	45,6	(19,6)	(19,6)
PI	233,2	233,2	233,2	-	-	302	231	(23,4)	70,3	53,8	53,8	(23,5)	(23,5)
CE	407,0	407,0	407,0	-	-	292	274	(6,2)	118,8	111,4	111,4	(6,2)	(6,2)
RN	35,8	35,8	35,8	-	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	12,2	(1,6)	(1,6)
PB	90,0	90,0	90,0	-	-	316	283	(10,4)	28,4	25,5	25,5	(10,2)	(10,2)
PE	186,1	186,1	186,1	-	-	311	342	9,8	58,0	63,6	63,6	9,7	9,7
AL	40,1	40,1	40,1	-	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	18,0	(13,5)	(13,5)
SE	15,2	15,2	15,2	-	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	10,3	(22,0)	(22,0)
BA	450,8	423,6	444,8	(6,0)	(1,3)	667	634	(4,9)	300,5	269,1	281,2	(10,4)	(6,4)
CENTRO-OESTE	474,9	471,1	474,9	(0,8)	-	1.761	1.758	(0,2)	836,5	828,8	834,7	(0,9)	(0,2)
MT	295,2	291,4	295,2	(1,3)	-	1.402	1.409	0,5	414,0	410,4	416,3	(0,9)	0,6
MS	26,8	26,8	26,8	-	-	1.696	1.454	(14,2)	45,4	39,0	39,0	(14,1)	(14,1)
GO	136,8	136,8	136,8	-	-	2.507	2.514	0,3	343,0	344,0	344,0	0,3	0,3
DF	16,1	16,1	16,1	-	-	2.117	2.201	4,0	34,1	35,4	35,4	3,8	3,8
SUDESTE	468,3	461,1	473,2	(1,5)	1,0	1.731	1.746	0,9	810,6	806,3	825,2	(0,5)	1,8
MG	348,2	339,0	348,2	(2,6)	-	1.536	1.594	3,7	535,0	541,7	553,7	1,3	3,5
ES	10,7	10,7	10,7	-	-	1.103	1.056	(4,2)	11,8	11,3	11,3	(4,2)	(4,2)
RJ	1,8	1,8	1,8	-	-	1.048	1.004	(4,1)	1,9	1,8	1,8	(5,3)	(5,3)
SP	107,6	109,6	112,5	1,9	4,6	2.434	2.295	(5,7)	261,9	251,5	258,4	(4,0)	(1,3)
SUL	578,2	582,2	584,5	0,7	1,1	1.630	1.635	0,3	942,7	951,8	955,6	1,0	1,4
PR	447,5	450,8	450,8	0,7	0,7	1.588	1.590	0,2	710,5	716,9	716,9	0,9	0,9
SC	69,6	70,3	71,0	1,0	2,0	1.964	1.874	(4,6)	136,7	131,7	133,1	(3,7)	(2,6)
RS	61,1	61,1	62,7	-	2,6	1.563	1.687	7,9	95,5	103,2	105,6	8,1	10,6
NORTE/NORDESTE	1.658,9	1.631,6	1.653,2	(1,6)	(0,3)	488	441	(9,7)	809,7	717,6	730,0	(11,4)	(9,8)
CENTRO-SUL	1.521,4	1.514,4	1.532,6	(0,5)	0,7	1.702	1.707	0,3	2.589,8	2.586,9	2.615,5	(0,1)	1,0
BRASIL	3.180,3	3.146,0	3.185,8	(1,1)	0,2	1.069	1.050	(1,7)	3.399,5	3.304,5	3.345,5	(2,8)	(1,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	15,0	15,0	15,0	-	-	502	624	24,3	7,5	9,4	9,4	25,3	25,3
PB	1,1	1,1	1,1	-	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	0,4	-	-
PE	13,9	13,9	13,9	-	-	510	645	26,5	7,1	9,0	9,0	26,8	26,8
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	2,5	-	-	1.820	1.678	(7,8)	4,5	4,2	4,2	(6,7)	(6,7)
MS	1,0	1,0	1,0	-	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	1,3	(13,3)	(13,3)
DF	1,5	1,5	1,5	-	-	2.033	1.945	(4,3)	3,0	2,9	2,9	(3,3)	(3,3)
SUDESTE	20,1	19,7	20,1	(2,0)	-	953	957	0,4	19,2	18,8	19,1	(2,1)	(0,5)
MG	13,5	13,1	13,5	(3,0)	-	886	914	3,2	12,0	12,0	12,3	-	2,5
ES	4,8	4,8	4,8	-	-	1.104	1.055	(4,4)	5,3	5,0	5,0	(5,7)	(5,7)
RJ	1,8	1,8	1,8	-	-	1.048	1.004	(4,1)	1,9	1,8	1,8	(5,3)	(5,3)
SUL	286,1	292,1	294,3	2,1	2,9	1.665	1.665	-	476,4	486,3	490,0	2,1	2,9
PR	200,6	206,0	206,0	2,7	2,7	1.703	1.679	(1,4)	341,6	345,8	345,8	1,2	1,2
SC	34,4	35,0	35,6	1,7	3,5	1.839	1.776	(3,4)	63,3	62,1	63,3	(1,9)	-
RS	51,1	51,1	52,7	-	3,1	1.399	1.534	9,7	71,5	78,4	80,9	9,7	13,1
NORTE/NORDESTE	15,0	15,0	15,0	-	-	502	624	24,3	7,5	9,4	9,4	25,3	25,3
CENTRO-SUL	308,7	314,3	316,9	1,8	2,7	1.620	1.620	-	500,1	509,3	513,3	1,8	2,6
BRASIL	323,7	329,3	331,9	1,7	2,5	1.568	1.575	0,4	507,6	518,7	522,7	2,2	3,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	39,2	39,2	39,2	-	-	930	811	(12,8)	36,4	31,8	31,8	(12,6)	(12,6)
RO	19,3	19,3	19,3	-	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	16,2	(13,4)	(13,4)
AC	5,6	5,6	5,6	-	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,3	3,1	3,1
AM	3,8	3,8	3,8	-	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	4,0	(14,9)	(14,9)
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	1,3	-	-
PA	6,1	6,1	6,1	-	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	3,4	(12,8)	(12,8)
TO	3,0	3,0	3,0	-	-	1.513	1.208	(20,2)	4,6	3,6	3,6	(21,7)	(21,7)
NORDESTE	418,6	412,0	417,4	(1,6)	(0,3)	684	638	(6,7)	286,2	262,5	266,8	(8,3)	(6,8)
CE	2,8	2,8	2,8	-	-	565	530	(6,2)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
PB	25,7	25,7	25,7	-	-	447	400	(10,5)	11,5	10,3	10,3	(10,4)	(10,4)
PE	75,8	75,8	75,8	-	-	489	507	3,7	37,0	38,4	38,4	3,8	3,8
AL	29,8	29,8	29,8	-	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	12,6	(13,7)	(13,7)
SE	15,2	15,2	15,2	-	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	10,3	(22,0)	(22,0)
BA	269,3	262,7	268,1	(2,5)	(0,4)	774	722	(6,7)	208,3	189,4	193,7	(9,1)	(7,0)
CENTRO-OESTE	263,4	262,0	263,4	(0,5)	-	2.299	2.276	(1,0)	605,5	596,5	599,4	(1,5)	(1,0)
MT	86,5	85,1	86,5	(1,6)	-	2.173	2.147	(1,2)	188,0	182,8	185,7	(2,8)	(1,2)
MS	25,8	25,8	25,8	-	-	1.703	1.461	(14,2)	43,9	37,7	37,7	(14,1)	(14,1)
GO	136,8	136,8	136,8	-	-	2.507	2.514	0,3	343,0	343,9	343,9	0,3	0,3
DF	14,3	14,3	14,3	-	-	2.139	2.242	4,8	30,6	32,1	32,1	4,9	4,9
SUDESTE	434,0	428,0	438,9	(1,4)	1,1	1.806	1.820	0,8	783,9	779,9	798,0	(0,5)	1,8
MG	320,5	312,5	320,5	(2,5)	-	1.609	1.668	3,7	515,5	522,2	533,4	1,3	3,5
ES	5,9	5,9	5,9	-	-	1.102	1.057	(4,1)	6,5	6,3	6,3	(3,1)	(3,1)
SP	107,6	109,6	112,5	1,9	4,6	2.434	2.295	(5,7)	261,9	251,4	258,3	(4,0)	(1,4)
SUL	292,1	290,1	290,2	(0,7)	(0,7)	1.596	1.604	0,5	466,3	465,5	465,7	(0,2)	(0,1)
PR	246,9	244,8	244,8	(0,9)	(0,9)	1.494	1.516	1,5	368,8	371,1	371,1	0,6	0,6
SC	35,2	35,3	35,4	0,3	0,6	2.087	1.971	(5,5)	73,5	69,6	69,8	(5,3)	(5,0)
RS	10,0	10,0	10,0	-	-	2.400	2.477	3,2	24,0	24,8	24,8	3,3	3,3
NORTE/NORDESTE	457,8	451,2	456,6	(1,4)	(0,3)	705	653	(7,4)	322,6	294,3	298,6	(8,8)	(7,4)
CENTRO-SUL	989,5	980,1	992,5	(0,9)	0,3	1.875	1.878	0,1	1.855,7	1.841,9	1.863,1	(0,7)	0,4
BRASIL	1.447,3	1.431,3	1.449,1	(1,1)	0,1	1.505	1.492	(0,9)	2.178,3	2.136,2	2.161,7	(1,9)	(0,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	73,7	73,6	74,0	(0,1)	0,4	1.279	1.035	(19,1)	94,3	76,3	76,6	(19,1)	(18,8)
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	650	-	1,6	1,6	1,6	-	-
AC	2,0	2,0	2,0	-	-	630	643	2,1	1,3	1,3	1,3	-	-
PA	28,2	28,2	28,2	-	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	21,1	(13,5)	(13,5)
TO	41,1	41,0	41,4	(0,2)	0,7	1.630	1.272	(22,0)	67,0	52,3	52,6	(21,9)	(21,5)
NORDESTE	1.112,4	1.091,8	1.107,6	(1,9)	(0,4)	346	311	(10,3)	385,1	337,6	345,4	(12,3)	(10,3)
MA	87,8	87,8	87,8	-	-	646	519	(19,5)	56,6	45,6	45,6	(19,4)	(19,4)
PI	233,2	233,2	233,2	-	-	302	231	(23,4)	70,3	53,8	53,8	(23,5)	(23,5)
CE	404,2	404,2	404,2	-	-	290	272	(6,2)	117,2	109,9	109,9	(6,2)	(6,2)
RN	35,8	35,8	35,8	-	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	12,2	(1,6)	(1,6)
PB	63,2	63,2	63,2	-	-	261	234	(10,3)	16,5	14,8	14,8	(10,3)	(10,3)
PE	96,4	96,4	96,4	-	-	143	168	17,5	13,8	16,2	16,2	17,4	17,4
AL	10,3	10,3	10,3	-	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	5,4	(12,9)	(12,9)
BA	181,5	160,9	176,7	(11,3)	(2,6)	507	495	(2,4)	92,1	79,7	87,5	(13,5)	(5,0)
CENTRO-OESTE	209,0	206,6	209,0	(1,1)	-	1.083	1.105	2,0	226,5	228,2	231,1	0,8	2,0
MT	208,7	206,3	208,7	(1,1)	-	1.083	1.105	2,0	226,0	227,7	230,6	0,8	2,0
DF	0,3	0,3	0,3	-	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	0,5	-	-
SUDESTE	14,2	13,4	14,2	(5,6)	-	522	562	7,6	7,4	7,5	8,0	1,4	8,1
MG	14,2	13,4	14,2	(5,6)	-	522	562	7,6	7,4	7,5	8,0	1,4	8,1
NORTE/NORDESTE	1.186,1	1.165,4	1.181,6	(1,7)	(0,4)	404	356	(11,9)	479,4	413,9	422,0	(13,7)	(12,0)
CENTRO-SUL	223,2	220,0	223,2	(1,4)	-	1.048	1.071	2,3	233,9	235,7	239,1	0,8	2,2
BRASIL	1.409,3	1.385,4	1.404,8	(1,7)	(0,3)	506	470	(7,2)	713,3	649,6	661,1	(8,9)	(7,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

11.1.5. GIRASSOL

Figura 10 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	50,1	50,1	50,1	-	-	1.702	1.609	(5,4)	85,3	80,6	80,6	(5,5)	(5,5)
MT	31,8	31,8	31,8	-	-	1.670	1.617	(3,2)	53,1	51,4	51,4	(3,2)	(3,2)
MS	1,0	1,0	1,0	-	-	1.500	1.527	1,8	1,5	1,5	1,5	-	-
GO	16,6	16,6	16,6	-	-	1.750	1.579	(9,8)	29,1	26,2	26,2	(10,0)	(10,0)
DF	0,7	0,7	0,7	-	-	2.300	2.100	(8,7)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
SUDESTE	9,3	9,3	9,3	-	-	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,3	12,3	(5,4)	(5,4)
MG	9,3	9,3	9,3	-	-	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,3	12,3	(5,4)	(5,4)
SUL	3,3	3,3	3,3	-	-	1.590	1.554	(2,3)	5,4	5,1	5,1	(5,6)	(5,6)
RS	3,3	3,3	3,3	-	-	1.626	1.554	(4,4)	5,4	5,1	5,1	(5,6)	(5,6)
CENTRO-SUL	62,7	62,7	62,7	-	-	1.653	1.564	(5,4)	103,7	98,0	98,0	(5,5)	(5,5)
BRASIL	62,7	62,7	62,7	-	-	1.653	1.564	(5,4)	103,7	98,0	98,0	(5,5)	(5,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

11.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18, de mamona, é de incremento de área plantada, que nessa primeira intenção vem apresentar um intervalo variando de 0,4 a 8,2%, comparado com o plantio da safra anterior, que foi de 28 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 21,2 a 23,4 mil hectares. Podendo ocorrer variação entre 0,4% e 11% na área em relação à safra anterior, que foi de 21,1 mil hectares. O cultivo da mamona ocorre exclusivamente na mesorregião Centro-Norte, sendo cultivada pela agricultura familiar, com baixa mecanização agrícola. Sendo os cultivos conduzidos em regime de sequeiro, com o cultivo de plantas novas e o manejo de plantas remanescentes da safra anterior. O cultivo da mamona está em intenso declínio. Desde de a safra 2004/05, quando foram cultivados 170 mil hectares, com rendimento médio de 1.000 kg/ha, a área cultivada reduz ano após ano, chegando ao

patamar próximo de 20 mil hectares, nessa e na safra passada, com rendimento estimado de 500 kg/ha. Conforme a área cultivada e a produção são reduzidas, o valor pago ao produtor pela saca de mamona, se eleva.

Em Minas Gerais, o cultivo dessa oleaginosa está concentrada na região Norte de Minas. Esta primeira estimativa aponta para manutenção de área, quando comparada à safra anterior. Ressalta-se que a redução pode ser ainda maior, com tendência de extinção de áreas cultivadas para fins comerciais nas próximas safras, uma vez que a maioria dos municípios que ainda produziam para indústria rícino-química, estão deixando também essa atividade em razão do alto custo de produção, baixa produtividade e incerteza em relação à comercialização. A produtividade esperada é de 398 kg/ha.



Figura 11 – Mapa da produção agrícola - Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	26,2	26,3	28,5	0,4	8,8	444	448	1,0	11,6	11,8	12,9	1,7	11,2
PI	0,2	0,2	0,2	-	-	494	434	(12,1)	0,1	0,1	0,1	-	-
CE	4,9	4,9	4,9	-	-	224	217	(3,1)	1,1	1,1	1,1	-	-
BA	21,1	21,2	23,4	0,4	11,0	494	499	1,0	10,4	10,6	11,7	1,9	12,5
CENTRO-OESTE	1,6	1,6	1,6	-	-	900	450	(50,0)	1,4	1,4	1,4	-	-
MT	1,6	1,6	1,6	-	-	900	900	-	1,4	1,4	1,4	-	-
SUDESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	443	398	(10,2)	0,1	0,1	0,1	-	-
MG	0,2	0,2	0,2	-	-	443	398	(10,2)	0,1	0,1	0,1	-	-
NORTE/NORDESTE	26,2	26,3	28,5	0,4	8,8	444	448	1,0	11,6	11,8	12,9	1,7	11,2
CENTRO-SUL	1,8	1,8	1,8	-	-	849	844	(0,6)	1,5	1,5	1,5	-	-
BRASIL	28,0	28,1	30,3	0,4	8,2	470	473	0,6	13,1	13,3	14,4	1,5	9,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.1.7. MILHO

11.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Considerando a tendência observada nos últimos anos, de pouca representatividade da área plantada para o plantio dessa lavoura, no período de verão, juntamente com a baixa cotação dos preços desse produto, nessa safra deverá influenciar os produtores a tomarem a decisão de reduzir a área destinada à cultura.

Na Região Norte-Nordeste, a expectativa deverá ser de recuo nas áreas dos principais estados.

Em Tocantins, a expectativa é de queda da área plantada, principalmente pelos produtores tecnificados, em decorrência dos baixos preços recebidos pelo produtor e menos liquidez para comercialização, cenário oposto ao da safra, favorecendo a substituição da cultura pelo cultivo da soja, já para os agricultores familiares a expectativa de manutenção de área. No Maranhão, o plantio ainda não começou no entanto as áreas de cultivo mais tecnificadas, sobretudo nas regiões Tocantina e Sul do Estado, atualmente estão em fase de preparo de solo, a área cultivada deverá ser a mesma que da última safra.

No Piauí, espera-se uma redução em torno de 2% em relação à safra passada devido às expectativas de mercado. Na Bahia, maior produtor da região, estima-se que sejam cultivados entre 350,1 e 368,4 mil hectares de milho primeira safra, resultando em redução da área cultivada entre 8,3% e 3,5% em relação à safra passada devido à instabilidade das cotações desse produto no mercado, perdendo espaço para as lavouras de soja e algodão.

Na Região Centro-Oeste está previsto uma redução do plantio entre 14,9% e 1,6% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, os baixos preços do cereal, reflexo da oferta excessiva do milho de segunda safra da safra passada tende a desestimular a produção da primeira safra.

Em Mato Grosso do Sul há uma forte tendência de redução da área de milho verão no Estado, com estimativa média de área plantada de 15,7 mil hectares, um valor de 44% menor em comparação à safra anterior. Essa redução se deve ao preço baixo do cereal no mercado disponível atualmente. Parte das áreas destinadas à cultura do milho, na safra anterior, será utilizada para plantio de soja ou silagem. O nível tecnológico para plantio sofrerá uma retração, com isso, a tendência é que haja uma redução na produtividade. Devi-

do ao atraso nas chuvas, em comparação com a safra anterior, ainda não há áreas de plantio com a cultura no estado, o qual ocorrerá provavelmente a partir da segunda quinzena de outubro, quando há expectativa de estabilidade do período das chuvas.

Em Goiás, a área com o cereal deverá sofrer uma redução em torno de 10% em decorrência a remuneração insatisfatória que o milho tem oferecido aos produtores, fazendo com que a área de milho primeira safra venha perdendo cada vez mais área para culturas mais rentáveis, no caso, a soja. Com relação ao custo de produção, os produtores relatam que os adubos, de uma forma geral, sofreram redução nos preços, enquanto que a semente sofreu considerável majoração nos preços. No momento, produtores aguardam o início efetivo do período chuvoso para iniciarem o plantio, o que deve ocorrer após a primeira quinzena do mês de outubro.

No Distrito Federal, a área estimada com milho na primeira safra 2017/18 cujo plantio concentra-se em outubro está estimada entre 29,5 e 30,6 mil hectares, levemente superior à semeada na temporada passada. Apesar dos preços encontrarem em patamares desanimadores, os agentes locais esperam leve incremento tanto de área como de produtividade.

Na Região Sudeste, a cultura deverá experimentar uma redução na área plantada, variando de 7% a 2,3%.

Em Minas Gerais, o levantamento realizado aponta para uma redução média de 4,7% na área cultivada com milho primeira safra em comparação com a safra 2016/17, devido aos baixos preços praticados pelo mercado e substituição por outras culturas, como soja. Nas regiões do Cerrado, Central e Sul de Minas, além dos preços ser considerados baixos, os agricultores temem novas infestações de cigarrinha, que acarretou perdas significativas na safra anterior (principalmente na região do cerrado). Na Zona da Mata tem ocorrido a substituição do milho por reflorestamento e silagem, considerando o avanço do gado leiteiro e as condições geográficas, com relevo acidentado. Na região Leste a redução de área foi determinada tanto pelo receio da estiagem, que caracterizou o clima da região nos últimos anos, como pela migração das áreas de plantio de milho em grão para a produção de milho destinado à silagem.

Em São Paulo, os produtores tendem a migrar para a cultura da soja, as cooperativas de São Paulo afirmam que os produtores adquiriram relativamente pouca



semente de milho e a procura pelos insumos junto às estas, para o cereal, foi pequena se comparada à safra passada. A disponibilidade de milho no mercado, por causa de uma safra recorde que ocorreu com milho segunda na safra de 2016/17, também é uma justificativa, junto com os preços praticados, para a diminuição da área plantada, que deve ter uma redução entre 6% a 3,5%.

Na Região Sul, a cultura também deve ter uma redução moderada na área plantada entre 21,1% a 15,1%.

A estiagem que ocorre em praticamente todas as regiões de Santa Catarina vem prejudicando a implantação das lavouras de milho, cujo atraso chega próximo dos 10% em relação ao cultivo anterior. Devido, principalmente, às baixas cotações do cereal, na safra passada e o alto custo de produção, há uma tendência de redução de área, cerca de 14% em relação à safra passada, a ser cultivada com a cultura, a qual deve perder espaço para a soja, feijão e milho, para silagem. Na busca de alternativas para redução do custo, parte dos agricultores tem preferido sementes mais baratas, com menos tecnologia embutida, mas preservando o aporte de fertilizantes e defensivos durante o ciclo da cultura.

No Rio Grande do Sul, a semeadura da cultura do milho já foi iniciada e encontra-se em plena evolução. As regiões mais quentes do Noroeste do estado, próximas à fronteira com a Argentina, encontram-se mais avançadas, com praticamente toda a área destinada ao cultivo do cedo já implantadas e as regiões mais centrais encontram-se com cerca de 70% da área semeada e as demais, como Sul e Serra, recém estão iniciando o processo. As regiões mais quentes do estado, que são também as primeiras a serem implantadas,

têm apresentado uma elevada infestação de lagarta do cartucho. A pouca ocorrência de frio em níveis letais aos adultos do inseto no inverno de 2017, as altas temperaturas no final desse mesmo inverno, que aceleraram o ciclo de desenvolvimento de novas gerações de lagarta, e a utilização de híbridos com eventos tecnológicos menos eficientes e/ou que já possuem resistência por parte dos insetos, têm levado a uma alta infestação dessa praga nas lavouras dessas regiões. De maneira geral, em razão da baixa cotação do produto e dos altos custos de produção, há uma expectativa de redução de área entre 16,4% a 7,6%.

No Paraná o plantio foi iniciado e de uma área estimada de 349,9 mil hectares, 16% já está plantada. Com relação à safra anterior, a previsão é de que haja uma redução de aproximadamente 30%, que geralmente é ocupada pela soja, mas devido aos preços considerados baixos pelos produtores, o feijão está ocupando as áreas de milho.

A área plantada só não cai mais porque os produtores mais tecnificados não abrem mão da rotação de culturas como manejo agrônomico. Também há aqueles que produzem para consumo na propriedade, para alimentação de aves e suínos próprios. A queda na intenção de plantio tem dado suporte as cotações atuais do cereal. A produtividade esperada é de 8.614 kg/ha, ou seja, 6,8% inferior à safra passada que foi recorde.

Dessa forma, a estimativa nacional para a intenção de plantio do milho primeira safra, na temporada 2017/18, deverá apresentar redução em relação ao ocorrido na safra passada, essa redução podendo variar entre 10,1% a 6,1% em relação à safra 2017/18.



Figura 12 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

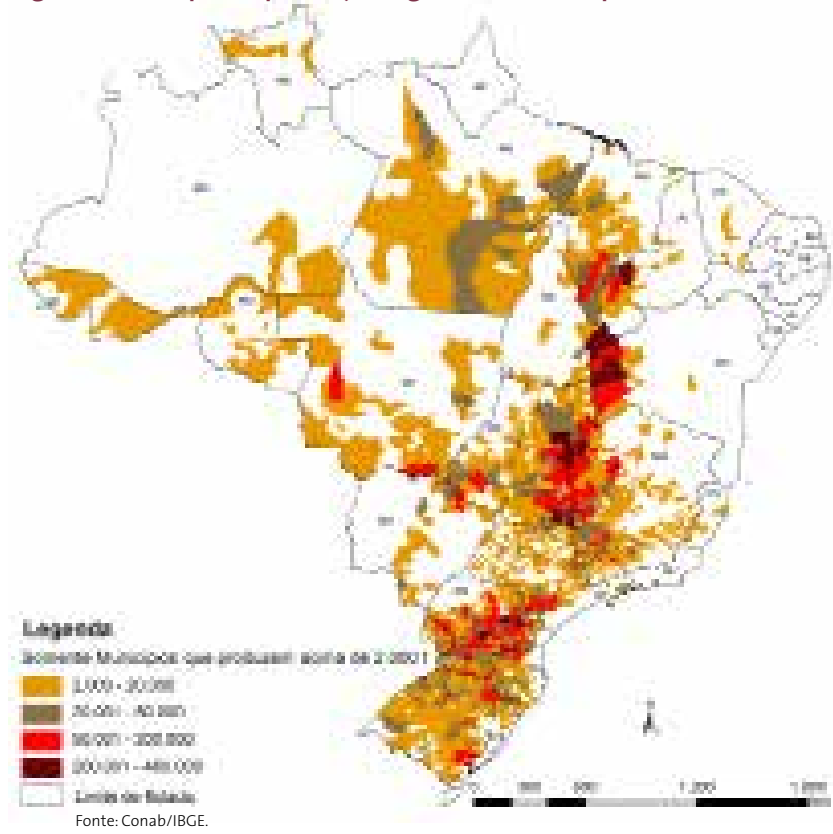


Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	311,8	309,3	311,8	(0,8)	-	3.194	3.202	0,2	996,0	988,6	1.000,3	(0,7)	0,4
RO	40,2	40,2	40,2	-	-	2.661	2.535	(4,7)	107,0	101,9	101,9	(4,8)	(4,8)
AC	34,9	34,9	34,9	-	-	2.350	2.387	1,6	82,0	83,3	83,3	1,6	1,6
AM	12,2	12,2	12,2	-	-	2.526	2.567	1,6	30,8	31,3	31,3	1,6	1,6
AP	1,7	1,7	1,7	-	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	176,9	176,9	176,9	-	-	3.142	3.205	2,0	555,8	567,0	567,0	2,0	2,0
TO	45,9	43,4	45,9	(5,4)	-	4.766	4.689	(1,6)	218,8	203,5	215,2	(7,0)	(1,6)
NORDESTE	1.806,6	1.762,4	1.789,0	(2,4)	(1,0)	2.469	2.297	(7,0)	4.460,8	4.031,0	4.124,6	(9,6)	(7,5)
MA	292,8	292,8	292,8	-	-	4.240	4.240	-	1.241,5	1.241,5	1.241,5	-	-
PI	418,2	405,7	414,0	(3,0)	(1,0)	3.037	2.354	(22,5)	1.270,1	955,0	974,6	(24,8)	(23,3)
CE	514,0	514,0	514,0	-	-	815	666	(18,3)	418,9	342,3	342,3	(18,3)	(18,3)
RN	29,2	29,2	29,2	-	-	348	453	30,2	10,2	13,2	13,2	29,4	29,4
PB	86,5	86,5	86,5	-	-	446	463	3,8	38,6	40,0	40,0	3,6	3,6
PE	84,1	84,1	84,1	-	-	74	268	262,2	6,2	22,5	22,5	262,9	262,9
BA	381,8	350,1	368,4	(8,3)	(3,5)	3.864	4.046	4,7	1.475,3	1.416,5	1.490,5	(4,0)	1,0
CENTRO-OESTE	350,0	297,9	320,0	(14,9)	(8,6)	8.060	7.793	(3,3)	2.821,0	2.322,1	2.493,2	(17,7)	(11,6)
MT	33,4	25,0	33,4	(25,2)	-	7.676	7.370	(4,0)	256,4	184,3	246,2	(28,1)	(4,0)
MS	28,0	14,6	16,8	(48,0)	(40,0)	9.340	9.095	(2,6)	261,5	132,8	152,8	(49,2)	(41,6)
GO	260,0	228,8	239,2	(12,0)	(8,0)	8.000	7.734	(3,3)	2.080,0	1.769,5	1.850,0	(14,9)	(11,1)
DF	28,6	29,5	30,6	3,0	7,0	7.800	7.982	2,3	223,1	235,5	244,2	5,6	9,5
SUDESTE	1.301,2	1.209,5	1.271,6	(7,0)	(2,3)	6.295	6.111	(2,9)	8.191,5	7.389,1	7.773,0	(9,8)	(5,1)
MG	909,4	840,3	893,0	(7,6)	(1,8)	6.374	6.211	(2,6)	5.796,5	5.219,1	5.546,4	(10,0)	(4,3)
ES	13,2	13,2	13,2	-	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	35,1	(6,1)	(6,1)
RJ	2,7	2,7	2,7	-	-	2.332	2.438	4,5	6,3	6,6	6,6	4,8	4,8
SP	375,9	353,3	362,7	(6,0)	(3,5)	6.255	6.024	(3,7)	2.351,3	2.128,3	2.184,9	(9,5)	(7,1)
SUL	1.712,9	1.350,9	1.453,8	(21,1)	(15,1)	8.169	7.607	(6,9)	13.992,7	10.294,1	11.042,1	(26,4)	(21,1)
PR	507,7	349,8	349,8	(31,1)	(31,1)	9.243	8.614	(6,8)	4.692,7	3.013,2	3.013,2	(35,8)	(35,8)
SC	400,3	328,2	360,3	(18,0)	(10,0)	8.152	7.414	(9,1)	3.263,2	2.433,3	2.671,3	(25,4)	(18,1)
RS	804,9	672,9	743,7	(16,4)	(7,6)	7.500	7.204	(3,9)	6.036,8	4.847,6	5.357,6	(19,7)	(11,3)
NORTE/NORDESTE	2.118,4	2.071,7	2.100,8	(2,2)	(0,8)	2.576	2.431	(5,6)	5.456,8	5.019,6	5.124,9	(8,0)	(6,1)
CENTRO-SUL	3.364,1	2.858,3	3.045,4	(15,0)	(9,5)	7.433	6.998	(5,9)	25.005,2	20.005,3	21.308,3	(20,0)	(14,8)
BRASIL	5.482,5	4.930,0	5.146,2	(10,1)	(6,1)	5.556	5.107	(8,1)	30.462,0	25.024,9	26.433,2	(17,8)	(13,2)

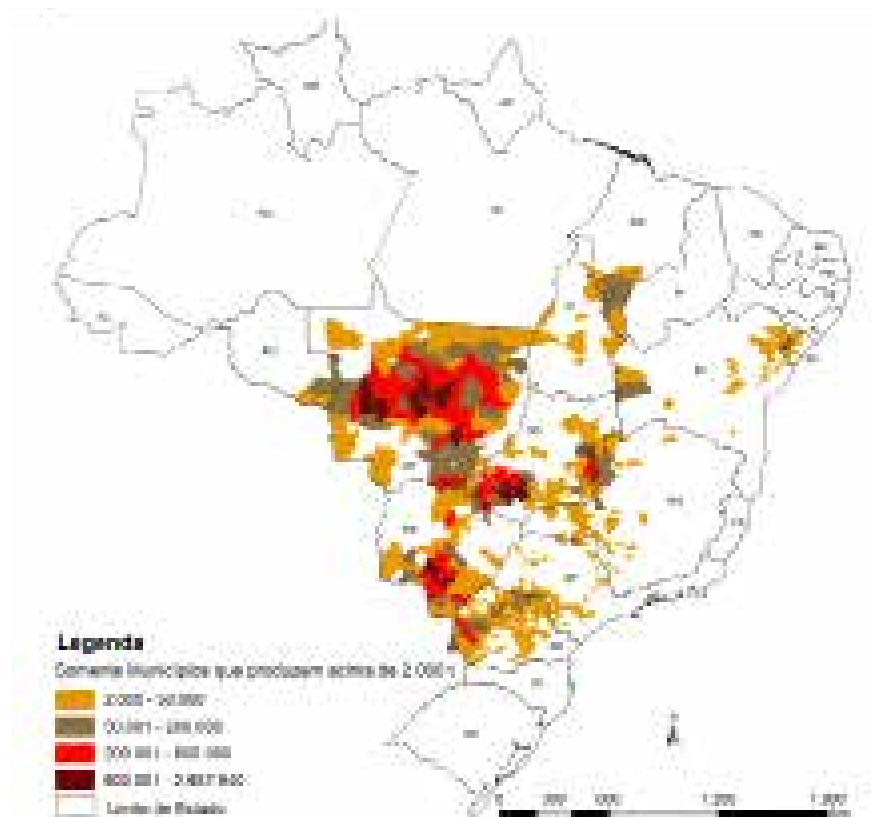
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Figura 13 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	401,2	401,2	401,2	-	-	4.253	4.225	(0,6)	1.706,1	1.695,1	1.695,1	(0,6)	(0,6)
RR	7,6	7,6	7,6	-	-	6.000	4.857	(19,1)	45,6	36,9	36,9	(19,1)	(19,1)
RO	156,9	156,9	156,9	-	-	4.385	4.584	4,5	688,0	719,2	719,2	4,5	4,5
PA	81,4	81,4	81,4	-	-	3.549	3.600	1,4	288,9	293,0	293,0	1,4	1,4
TO	155,3	155,3	155,3	-	-	4.402	4.160	(5,5)	683,6	646,0	646,0	(5,5)	(5,5)
NORDESTE	796,3	796,3	796,3	-	-	2.756	2.661	(3,5)	2.194,9	2.118,8	2.118,8	(3,5)	(3,5)
MA	198,9	198,9	198,9	-	-	3.572	3.300	(7,6)	710,5	656,4	656,4	(7,6)	(7,6)
PI	49,2	49,2	49,2	-	-	2.363	4.409	86,6	116,3	216,9	216,9	86,5	86,5
PE	73,9	73,9	73,9	-	-	654	600	(8,3)	48,3	44,3	44,3	(8,3)	(8,3)
AL	37,2	37,2	37,2	-	-	674	705	4,6	25,1	26,2	26,2	4,4	4,4
SE	172,0	172,0	172,0	-	-	4.571	3.467	(24,2)	786,2	596,3	596,3	(24,2)	(24,2)
BA	265,1	265,1	265,1	-	-	1.918	2.183	13,8	508,5	578,7	578,7	13,8	13,8
CENTRO-OESTE	7.664,7	7.664,7	7.664,7	-	-	6.008	5.947	(1,0)	46.052,7	45.583,2	45.583,2	(1,0)	(1,0)
MT	4.605,7	4.605,7	4.605,7	-	-	6.212	6.048	(2,6)	28.610,6	27.855,3	27.855,3	(2,6)	(2,6)
MS	1.759,9	1.759,9	1.759,9	-	-	5.460	5.468	0,1	9.609,1	9.623,1	9.623,1	0,1	0,1
GO	1.260,7	1.260,7	1.260,7	-	-	6.000	6.167	2,8	7.564,2	7.774,7	7.774,7	2,8	2,8
DF	38,4	38,4	38,4	-	-	7.000	8.594	22,8	268,8	330,0	330,0	22,8	22,8
SUDESTE	837,7	837,7	837,7	-	-	5.081	5.364	5,6	4.256,3	4.493,6	4.493,6	5,6	5,6
MG	357,6	357,6	357,6	-	-	4.822	5.751	19,3	1.724,3	2.056,6	2.056,6	19,3	19,3
SP	480,1	480,1	480,1	-	-	5.274	5.076	(3,8)	2.532,0	2.437,0	2.437,0	(3,8)	(3,8)
SUL	2.409,3	2.409,3	2.409,3	-	-	5.456	5.512	1,0	13.145,1	13.280,1	13.280,1	1,0	1,0
PR	2.409,3	2.409,3	2.409,3	-	-	5.456	5.512	1,0	13.145,1	13.280,1	13.280,1	1,0	1,0
NORTE/NORDESTE	1.197,5	1.197,5	1.197,5	-	-	3.258	3.185	(2,2)	3.901,0	3.814,1	3.814,1	(2,2)	(2,2)
CENTRO-SUL	10.911,7	10.911,7	10.911,7	-	-	5.815	5.806	(0,2)	63.454,1	63.356,8	63.356,8	(0,2)	(0,2)
BRASIL	12.109,2	12.109,2	12.109,2	-	-	5.562	5.547	(0,3)	67.355,1	67.170,9	67.170,9	(0,3)	(0,3)

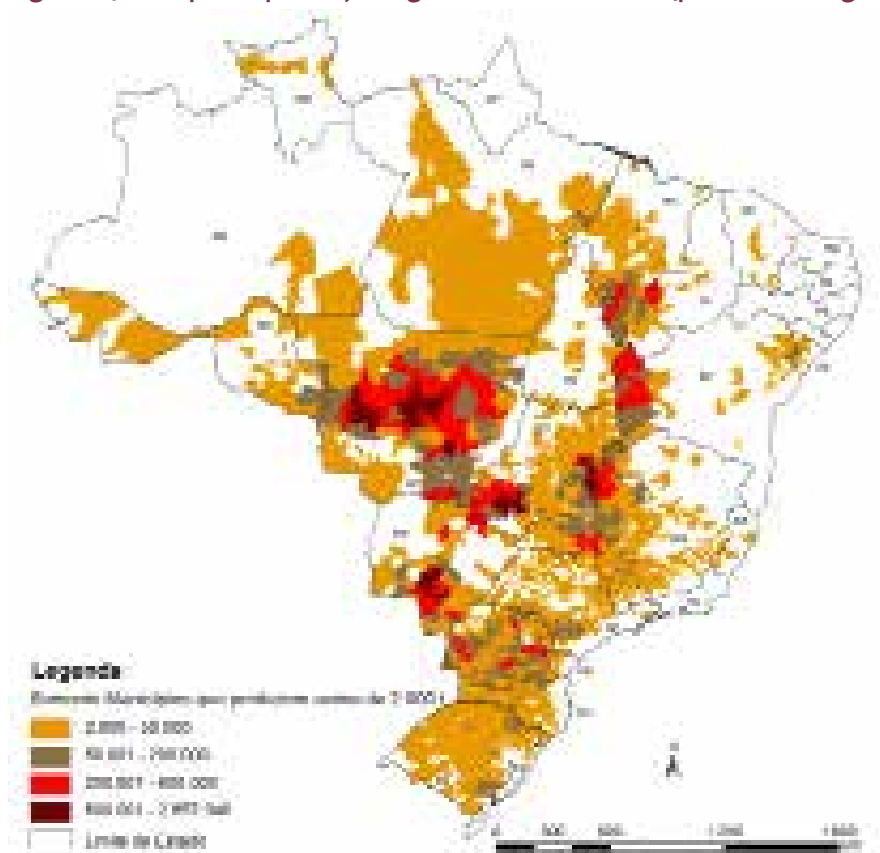
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 14 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	713,0	710,5	713,0	(0,4)	-	3.790	3.779	(0,3)	2.702,1	2.683,8	2.695,5	(0,7)	(0,2)
RR	7,6	7,6	7,6	-	-	6.000	4.857	(19,1)	45,6	36,9	36,9	(19,1)	(19,1)
RO	197,1	197,1	197,1	-	-	4.033	4.166	3,3	795,0	821,1	821,1	3,3	3,3
AC	34,9	34,9	34,9	-	-	2.350	2.387	1,6	82,0	83,3	83,3	1,6	1,6
AM	12,2	12,2	12,2	-	-	2.526	2.567	1,6	30,8	31,3	31,3	1,6	1,6
AP	1,7	1,7	1,7	-	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	258,3	258,3	258,3	-	-	3.270	3.329	1,8	844,7	860,0	860,0	1,8	1,8
TO	201,2	198,7	201,2	(1,2)	-	4.485	4.278	(4,6)	902,4	849,6	861,3	(5,9)	(4,6)
NORDESTE	2.602,9	2.558,7	2.585,3	(1,7)	(0,7)	2.557	2.409	(5,8)	6.655,5	6.149,8	6.243,5	(7,6)	(6,2)
MA	491,7	491,7	491,7	-	-	3.970	3.860	(2,8)	1.951,9	1.897,8	1.897,8	(2,8)	(2,8)
PI	467,4	454,9	463,2	(2,7)	(0,9)	2.966	2.574	(13,2)	1.386,3	1.171,9	1.191,5	(15,5)	(14,1)
CE	514,0	514,0	514,0	-	-	815	666	(18,3)	418,9	342,3	342,3	(18,3)	(18,3)
RN	29,2	29,2	29,2	-	-	348	453	30,2	10,2	13,2	13,2	29,4	29,4
PB	86,5	86,5	86,5	-	-	446	463	3,8	38,6	40,0	40,0	3,6	3,6
PE	158,0	158,0	158,0	-	-	345	423	22,6	54,6	66,9	66,9	22,5	22,5
AL	37,2	37,2	37,2	-	-	674	705	4,6	25,1	26,2	26,2	4,4	4,4
SE	172,0	172,0	172,0	-	-	4.571	3.467	(24,2)	786,2	596,3	596,3	(24,2)	(24,2)
BA	646,9	615,2	633,5	(4,9)	(2,1)	3.067	3.255	6,1	1.983,7	1.995,2	2.069,3	0,6	4,3
CENTRO-OESTE	8.014,7	7.962,6	7.984,7	(0,7)	(0,4)	6.098	6.019	(1,3)	48.873,7	47.905,2	48.076,3	(2,0)	(1,6)
MT	4.639,1	4.630,7	4.639,1	(0,2)	-	6.223	6.056	(2,7)	28.867,0	28.039,5	28.101,4	(2,9)	(2,7)
MS	1.787,9	1.774,5	1.776,7	(0,7)	(0,6)	5.521	5.500	(0,4)	9.870,6	9.755,9	9.775,9	(1,2)	(1,0)
GO	1.520,7	1.489,5	1.499,9	(2,1)	(1,4)	6.342	6.412	1,1	9.644,2	9.544,3	9.624,7	(1,0)	(0,2)
DF	67,0	67,9	69,0	1,3	3,0	7.341	8.325	13,4	491,9	565,5	574,3	15,0	16,8
SUDESTE	2.138,9	2.047,2	2.109,3	(4,3)	(1,4)	5.820	5.810	(0,2)	12.447,9	11.882,7	12.266,6	(4,5)	(1,5)
MG	1.267,0	1.197,9	1.250,6	(5,5)	(1,3)	5.936	6.077	2,4	7.520,9	7.275,7	7.603,0	(3,3)	1,1
ES	13,2	13,2	13,2	-	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	35,1	(6,1)	(6,1)
RJ	2,7	2,7	2,7	-	-	2.332	2.438	4,5	6,3	6,6	6,6	4,8	4,8
SP	856,0	833,4	842,8	(2,6)	(1,5)	5.705	5.481	(3,9)	4.883,3	4.565,3	4.621,9	(6,5)	(5,4)
SUL	4.122,2	3.760,2	3.863,1	(8,8)	(6,3)	6.583	6.283	(4,6)	27.137,8	23.574,1	24.322,1	(13,1)	(10,4)
PR	2.917,0	2.759,1	2.759,1	(5,4)	(5,4)	6.115	5.905	(3,4)	17.837,8	16.293,2	16.293,2	(8,7)	(8,7)
SC	400,3	328,2	360,3	(18,0)	(10,0)	8.152	7.414	(9,1)	3.263,2	2.433,3	2.671,3	(25,4)	(18,1)
RS	804,9	672,9	743,7	(16,4)	(7,6)	7.500	7.204	(3,9)	6.036,8	4.847,6	5.357,6	(19,7)	(11,3)
NORTE/NORDESTE	3.315,9	3.269,2	3.298,3	(1,4)	(0,5)	2.822	2.706	(4,1)	9.357,6	8.833,6	8.939,0	(5,6)	(4,5)
CENTRO-SUL	14.275,8	13.770,0	13.957,1	(3,5)	(2,2)	6.196	6.060	(2,2)	88.459,4	83.362,0	84.665,0	(5,8)	(4,3)
BRASIL	17.591,7	17.039,2	17.255,4	(3,1)	(1,9)	5.560	5.418	(2,6)	97.817,0	92.195,6	93.604,0	(5,7)	(4,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

11.1.8. SOJA

A expectativa entre os produtores de soja, com relação ao plantio da safra 2017/18, é de um continuado crescimento na área plantada, que nessa primeira intenção apresentou um intervalo variando de 1,6 a 3,8%, comparado com o plantio da safra anterior. A soja pela sua liquidez, é um produto com forte demanda, interna como externamente, e a despeito das expectativas da safra norte americana, os preços ainda estão em pata-

mares considerados remuneradores pelos produtores. O anúncio da safra americana de milho, derrubando as cotações em Chicago, nas últimas semanas, combinado com a manutenção do dólar em patamar inferior ao registrado ao longo do ano, resultaram em declínio dos preços no âmbito interno, travando alguns negócios nas principais praças produtoras. Em virtude desse quadro, o produtor reduzirá a área plantada com o milho primeira safra, substituindo pela soja.



REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio da safra 2017/18 deverá ocorrer a partir de dezembro, com a consolidação do período chuvoso. A safra recentemente colhida foi obtida dentro de um quadro climático bastante melhorado, quando comparada com o observado nas últimas três safras, e esse desempenho tem servido de estímulo ao produtor local, que pretende ampliar sua área plantada. Nessa perspectiva, o incremento percentual previsto para o aumento da área plantada regional deverá ser o maior do país, variando de 2,2 a 6,1% em relação aos 4.904,8 mil hectares plantados na safra passada.

Na Bahia, principal produtor regional, estima-se que a área de cultivo irá variar no intervalo de 1.641,9 e 1.724,1 mil hectares, com um incremento variando de 3,9% a 9,1% em relação à área cultivada na safra anterior. Essa estimativa de crescimento deve-se aos bons resultados da safra passada. Espera-se o início dos cultivos a partir de 8 de outubro, em sintonia com o Programa Nacional de Controle da Ferrugem Asiática da Soja, que estabelece o calendário de plantio para o oeste da Bahia, entre 8 de outubro de 2017 a 15 de janeiro de 2018. Para essa safra o vazio sanitário foi definido entre 1º de julho e 7 de outubro deste ano.

Em Tocantins, a expectativa entre os produtores é recuperar a seqüência de crescimento da área plantada ocorrida nos últimos cinco anos. Caso as condições climáticas sejam favoráveis, a estimativa é que nessa safra a área cresça, alcançando um patamar de 4,6% em relação à safra 2016/17. Pela existência de terras baratas e por apresentarem bom potencial produtivo, o estado atrai produtores e investidores no setor agrí-

REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal região produtora do país é esperada apresentar um incremento no plantio, variando de 1 a 3% em relação ao exercício anterior, podendo ultrapassar os 15 milhões de hectares plantados, impulsionado pelo que ocorre em Mato Grosso, o maior produtor nacional da oleaginosa.

Nesse estado a primeira estimativa aponta aumento entre 1% e 3%, através da incorporação de novas áreas de abertura, além da ocupação de espaços destinados a outras culturas de primeira safra e pastagens. No entanto, os baixos preços no mercado futuro, devido aos bons números de produtividade da safra americana, bem como a desvalorização do dólar perante o real, podem limitar o aumento de área dedicada à cultura no estado. As vendas futuras da safra 2017/18 giram em torno de 25%, volume aquém do registrado no ciclo anterior, quando as negociações eram de aproximadamente 40% da produção, nessa mesma

cola de várias partes do país, aumentando a abertura de áreas para cultivo. Aliado a esses, os produtores já instalados também têm a tradição de incremento de área a cada ano.

No Maranhão, a cultura apresenta tendência de aumento na área plantada, variando de 2 a 4% em relação à safra passada. Nessa safra, a intenção é que a área atinja até 854,6 mil hectares, com produtividade igual a 2.846 kg/ha e produção de até 2.432,2 mil toneladas. Apesar de ser o grão mais importante plantado no estado, esse prognóstico deve ser considerado como uma base ainda frágil, uma vez que a sua confirmação será dada a partir de dezembro, quando estiver consolidado o quadro do clima e também em cumprimento à legislação estadual que determina o período de vazio sanitário nas áreas produtoras no sul do Maranhão, que vai de 15 de agosto a 15 de outubro. Assim como as demais culturas, o plantio não iniciou. Os campos encontram-se em fase de preparo de solo, principalmente na região sul e Tocantina.

No Pará, estima-se que a área de cultivo irá variar no intervalo de 525,1 e 550,1 mil hectares, com um incremento de 5% a 10% em relação à área cultivada na safra anterior. O setor agrícola está preocupado com o comportamento do mercado internacional, que, segundo os informantes, se mostra instável. No entanto, acredita-se que a área a ser plantada, na safra 2017/18, tende a ser superior à safra passada, mesmo que timidamente, uma vez que a soja vem se expandindo gradualmente no estado.

época do ano. A comercialização ocorre, majoritariamente, na modalidade conhecida como barter, caracterizada pela troca de insumos agrícolas por produto colhido. Na composição das fontes de financiamento, os recursos próprios dos produtores rurais não terão participação significativa na atual temporada.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura apresenta tendência de aumento na área plantada, variando de 1,5 a 4% em relação à safra passada, que atingiu 2.522,3 mil hectares. Os preços baixos aliados ao grande volume de produto ainda por comercializar da safra anterior, estimado em 2 milhões de toneladas, têm desestimulado os produtores. Apesar desses problemas, os produtores têm dívidas ao longo prazo e necessitam plantar, até porque não há outra opção de cultura na primeira safra em substituição à oleaginosa. Ainda não há plantios significativos no estado. Apenas na mesorregião sudoeste houve plantios da cultura, porém poucos



significativos. Até a última semana de setembro não havia umidade no solo para as operações do plantio. Vale ressaltar que a semeadura se concentra em outubro e novembro, e o fato de ter havido poucas precipitações preocupa os produtores.

Atualmente, aproximadamente 15% da safra atual foi comercializada. Com os preços variando entre R\$ 56,00 e 60,00, os produtores estão optando pela espera por melhores preços para a comercialização, pois nesse patamar está difícil o fechamento do custo de produção, prevendo-se redução do pacote tecnológico nas áreas que operam com custos mais elevados. Uma tendência observada é o da redução dos insumos, comprados com antecedência nas operações de troca. Esses fatores, segundo os informantes, conver-

REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste a área plantada com a oleaginosa deverá apresentar forte oscilação, estando previsto para o exercício 2017/18 incremento variando entre 1,5 e 6%, na linha com a previsão estabelecida para Minas Gerais, principal produtor regional.

Nesse estado sinaliza crescimento na área para 1.456,1 mil a 1.543,5 mil hectares, motivado, entre outras causas, pelos bons resultados alcançados na safra 2016/17, pela expectativa de mercado, melhor competitividade e liquidez com relação ao milho, principal cultura concorrente na safra de verão. Caso as condições climáticas sejam favoráveis, o plantio deverá iniciar em outubro, tão logo encerrado o período de vazio sanitário estabelecido pela Portaria IMA nº 854/2007, que tornou obrigatória a ausência de plantas vivas de soja de 1º de julho a 30 de setembro de cada ano. É provável que, à semelhança da safra anterior, haja um incremento do plantio de variedades precoces, de modo a

REGIÃO SUL

É esperada uma variação percentual na área plantada, de 2,3% a 3,4% em relação ao observado no exercício anterior. A região deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.459,6 mil para o intervalo de 11.723,5 a 11.854,1 mil hectares.

No Rio Grande do Sul, que reveza com o Paraná a condição de segundo produtor nacional, a tendência junto aos produtores, até o momento, é de expectativa de leve aumento de área, atingindo o intervalo de 1% a 3% em relação à safra passada principalmente em virtude da migração de áreas de milho para soja. As lavouras ainda estão sendo planejadas, com produtores providenciando o preparo das áreas e aquisição de insumos. Há perspectiva de bons rendimentos, conside-

gem para uma expectativa de redução da produtividade em relação à safra anterior, a qual está estimada em 3.009 kg/ha. Com o menor uso de insumos, a dependência climática para uma boa produção estadual será ainda maior nessa safra.

Em Goiás, a cultura apresenta tendência de aumento na área plantada, variando de 0,5 a 2,5% em relação à safra passada, herdando áreas de milho primeira safra e pastagens. Quase 50% das lavouras serão plantadas na modalidade “batters”, os bancos têm ofertado recursos suficientes para atender os produtores. Os produtores aguardam o início efetivo das chuvas e o fim do período do vazio sanitário.

viabilizar o cultivo sequencial de milho e/ou sorgo no período de safrinha. O calendário de plantio da soja se estende, normalmente, até dezembro. Estima-se, com base na constante evolução do pacote tecnológico adotado pelos sojicultores e considerando condições climáticas normais, uma produtividade média de 3.128 kg/ha, de forma que a produção poderá reduzir de 10,1% a 4,7%.

Em São Paulo, a lavoura deverá ter novo aumento de área, variando de 4% a 6% em relação à safra passada, em grande parte sobre áreas de milho verão, tendo em vista a existência de grandes estoques de milho de passagem, considerando que existe a possibilidade de se fazer uma segunda boa safra do cereal, imediatamente à colheita da soja. A soja tem uma boa liquidez e os preços atuais estão em patamares considerados remuneradores pelos produtores. Foi informado que os produtores já teriam comercializado boa parte da produção para entrega na próxima safra.

rando os prognósticos climáticos favoráveis à cultura.

Em Santa Catarina, da mesma forma que para as outras culturas de verão, a implantação das lavouras de soja está na dependência da melhoria das condições climáticas, representadas por ampla estiagem em praticamente todas as regiões produtoras. Apenas em parte da região oeste foi observado algum plantio até o momento, que alcança em torno de 1% da área total projetada, que deverá ter incremento em relação ao cultivo passado, resultado, em parte, pela estimativa de redução da área de milho, abertura de novas áreas sobre pastagens e reflorestamento. Devido ao clima pouco favorável ao início do plantio, esse deve se concentrar mais em outubro e parte de novembro, vindo



a concorrer por máquinas e implementos quando do plantio das demais culturas, como milho e feijão, que também estão atrasados.

Além do fator climático, a entrada em vigor de portaria estadual determinando vazio sanitário da soja, de 11 de fevereiro a 14 de setembro, reduziu a janela de plantio nessa safra, o que pode interferir na intenção do produtor em cultivar soja safrinha no início do próximo ano. Em relação à tecnologia de cultivo, observa-se que o produtor deve manter o padrão utilizado na safra passada, tanto em relação ao uso de insumos quanto sementes, na sua grande maioria representada por cultivares transgênicas, resistentes ao glifosato. Ainda, nota-se o aumento do uso de materiais contendo tecnologia que atribui resistência a determinados insetos, o que deve contribuir para a redução do uso de inseticidas. No que se refere aos recursos financeiros necessários ao cultivo, boa parte

dos produtores buscou crédito oficial para aquisição de insumos, enquanto outros firmaram contratos com as empresas locais, com entrega futura de parte da produção

No Paraná, segundo produtor nacional, a estimativa de área plantada deverá variar de 3,6%, diante dos 5.249,6 mil hectares plantados no ano passado. As expectativas com relação ao clima deverão estimular o aumento no uso das variedades precoces e do plantio simultâneo do milho, por ocasião da colheita da oleaginosa.

O somatório das expectativas para a temporada 2017/18 indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o intervalo de 1,6 a 3,8% em relação à safra passada, variando de 34.466,4 a 35.208,3 mil hectares.

Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Soja



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	1.809,0	1.834,0	1.912,2	1,4	5,7	3.061	2.955	(3,4)	5.536,4	5.420,4	5.650,5	(2,1)	2,1
RR	30,0	30,0	30,0	-	-	3.000	3.077	2,6	90,0	92,3	92,3	2,6	2,6
RO	296,0	296,0	304,9	-	3,0	3.143	3.153	0,3	930,3	933,3	961,3	0,3	3,3
AP	18,9	18,9	18,9	-	-	2.878	2.800	(2,7)	54,4	52,9	52,9	(2,8)	(2,8)
PA	500,1	525,1	550,1	5,0	10,0	3.270	2.987	(8,7)	1.635,3	1.568,5	1.643,1	(4,1)	0,5
TO	964,0	964,0	1.008,3	-	4,6	2.932	2.877	(1,9)	2.826,4	2.773,4	2.900,9	(1,9)	2,6
NORDESTE	3.095,8	3.180,7	3.293,3	2,7	6,4	3.115	2.827	(9,3)	9.644,7	8.988,7	9.312,7	(6,8)	(3,4)
MA	821,7	838,1	854,6	2,0	4,0	3.010	2.846	(5,4)	2.473,3	2.385,2	2.432,2	(3,6)	(1,7)
PI	693,8	700,7	714,6	1,0	3,0	2.952	2.528	(14,4)	2.048,1	1.771,4	1.806,5	(13,5)	(11,8)
BA	1.580,3	1.641,9	1.724,1	3,9	9,1	3.242	2.943	(9,2)	5.123,3	4.832,1	5.074,0	(5,7)	(1,0)
CENTRO-OESTE	15.193,6	15.341,0	15.656,2	1,0	3,0	3.301	3.055	(7,4)	50.149,9	46.868,5	47.830,9	(6,5)	(4,6)
MT	9.322,8	9.416,0	9.602,5	1,0	3,0	3.273	3.067	(6,3)	30.513,5	28.878,9	29.450,9	(5,4)	(3,5)
MS	2.522,3	2.560,1	2.623,2	1,5	4,0	3.400	3.009	(11,5)	8.575,8	7.703,3	7.893,2	(10,2)	(8,0)
GO	3.278,5	3.294,9	3.360,5	0,5	2,5	3.300	3.056	(7,4)	10.819,1	10.069,2	10.269,7	(6,9)	(5,1)
DF	70,0	70,0	70,0	-	-	3.450	3.102	(10,1)	241,5	217,1	217,1	(10,1)	(10,1)
SUDESTE	2.351,4	2.387,2	2.492,5	1,5	6,0	3.467	3.113	(10,2)	8.151,5	7.431,8	7.760,5	(8,8)	(4,8)
MG	1.456,1	1.456,1	1.543,5	-	6,0	3.480	3.128	(10,1)	5.067,2	4.554,7	4.828,1	(10,1)	(4,7)
SP	895,3	931,1	949,0	4,0	6,0	3.445	3.090	(10,3)	3.084,3	2.877,1	2.932,4	(6,7)	(4,9)
SUL	11.459,6	11.723,5	11.854,1	2,3	3,4	3.542	3.181	(10,2)	40.592,8	37.298,4	37.702,9	(8,1)	(7,1)
PR	5.249,6	5.438,6	5.438,6	3,6	3,6	3.731	3.284	(12,0)	19.586,3	17.860,4	17.860,4	(8,8)	(8,8)
SC	640,4	659,6	678,8	3,0	6,0	3.580	3.185	(11,0)	2.292,6	2.100,8	2.162,0	(8,4)	(5,7)
RS	5.569,6	5.625,3	5.736,7	1,0	3,0	3.360	3.082	(8,3)	18.713,9	17.337,2	17.680,5	(7,4)	(5,5)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.014,7	5.205,5	2,2	6,1	3.095	2.874	(7,1)	15.181,1	14.409,1	14.963,2	(5,1)	(1,4)
CENTRO-SUL	29.004,6	29.451,7	30.002,8	1,5	3,4	3.410	3.110	(8,8)	98.894,2	91.598,7	93.294,3	(7,4)	(5,7)
BRASIL	33.909,4	34.466,4	35.208,3	1,6	3,8	3.364	3.075	(8,6)	114.075,3	106.007,8	108.257,5	(7,1)	(5,1)

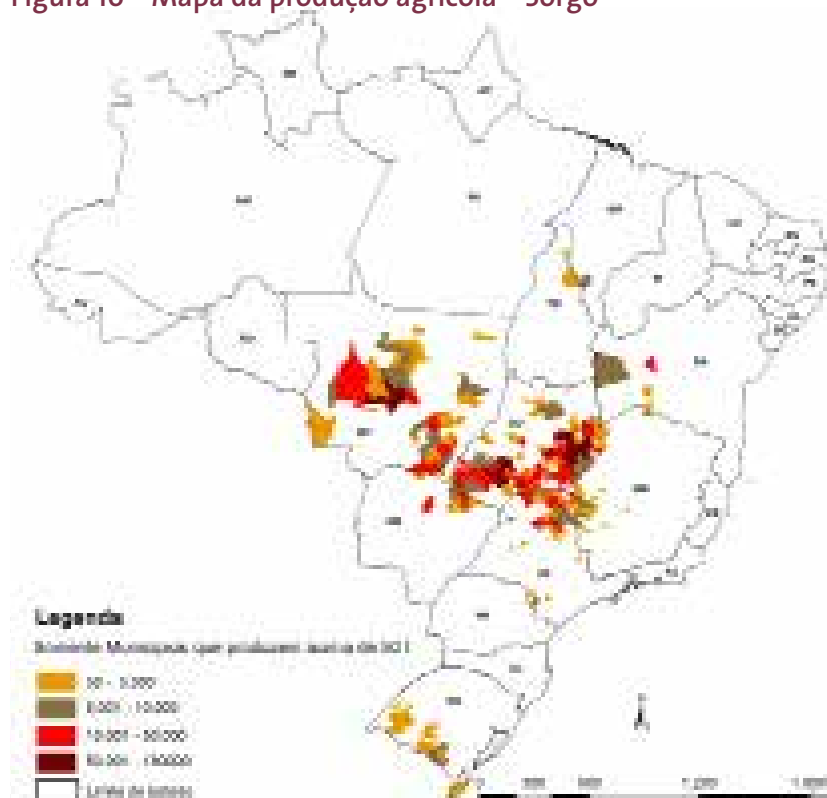
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.1.8. SORGO

Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	29,4	29,4	29,4	-	-	1.889	1.801	(4,7)	55,5	52,9	52,9	(4,7)	(4,7)
TO	29,4	29,4	29,4	-	-	1.889	1.801	(4,7)	55,5	52,9	52,9	(4,7)	(4,7)
NORDESTE	113,2	113,9	118,8	0,6	4,9	1.180	1.109	(6,0)	133,5	126,6	131,5	(5,2)	(1,5)
PI	11,4	11,4	11,4	-	-	2.044	2.041	(0,1)	23,3	23,3	23,3	-	-
CE	0,7	0,7	0,7	-	-	1.915	1.767	(7,7)	1,3	1,2	1,2	(7,7)	(7,7)
RN	1,3	1,3	1,3	-	-	1.244	849	(31,8)	1,6	1,1	1,1	(31,3)	(31,3)
PB	1,3	1,3	1,3	-	-	1.600	918	(42,6)	2,1	1,2	1,2	(42,9)	(42,9)
BA	98,5	99,2	104,1	0,7	5,7	1.068	1.006	(5,8)	105,2	99,8	104,7	(5,1)	(0,5)
CENTRO-OESTE	283,3	283,3	283,3	-	-	3.373	3.351	(0,7)	955,6	949,3	949,3	(0,7)	(0,7)
MT	38,5	38,5	38,5	-	-	2.353	2.460	4,5	90,6	94,7	94,7	4,5	4,5
MS	7,7	7,7	7,7	-	-	3.650	3.285	(10,0)	28,1	25,3	25,3	(10,0)	(10,0)
GO	230,1	230,1	230,1	-	-	3.500	3.464	(1,0)	805,4	797,1	797,1	(1,0)	(1,0)
DF	7,0	7,0	7,0	-	-	4.500	4.594	2,1	31,5	32,2	32,2	2,2	2,2
SUDESTE	193,6	193,6	193,6	-	-	3.581	3.354	(6,3)	693,2	649,4	649,4	(6,3)	(6,3)
MG	183,1	183,1	183,1	-	-	3.588	3.348	(6,7)	657,0	613,0	613,0	(6,7)	(6,7)
SP	10,5	10,5	10,5	-	-	3.452	3.463	0,3	36,2	36,4	36,4	0,6	0,6
SUL	9,0	9,0	9,0	-	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	25,0	(7,4)	(7,4)
RS	9,0	9,0	9,0	-	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	25,0	(7,4)	(7,4)
NORTE/NORDESTE	142,6	143,3	148,2	0,5	3,9	1.326	1.249	(5,8)	189,0	179,5	184,4	(5,0)	(2,4)
CENTRO-SUL	485,9	485,9	485,9	-	-	3.449	3.341	(3,1)	1.675,8	1.623,7	1.623,7	(3,1)	(3,1)
BRASIL	628,5	629,2	634,1	0,1	0,9	2.967	2.859	(3,7)	1.864,8	1.803,2	1.808,1	(3,3)	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.2 CULTURAS DE INVERNO

O primeiro levantamento da safra 2017/18 traz o acompanhamento da safra 2017 das culturas de inverno. A avaliação é que a produção nacional da safra de culturas de inverno seja de 6.141,1 mil toneladas. No Rio Grande do Sul, as lavouras se encontram, a maioria, nas fases de floração e enchimento de grãos, com algumas mais adiantadas, como aveia e canola, entrando na fase final do enchimento de grãos e início da colheita.

11.2.1. AVEIA

No Rio Grande do Sul, o período de estabelecimento da cultura foi muito prejudicado pelas intempéries climáticas, resultando em lavouras com desuniformidade e baixa população de plantas. Além disso, a cultura foi bastante afetada pelas geadas, já que elas ocorreram quando a maioria das lavouras se encontravam em floração. Atualmente, a maior parte das lavouras apresentam-se em fase de enchimento de grãos e boa parte em maturação ou floração. Nas regiões mais quentes, as lavouras se encaminham para o final da fase de maturação, visto que nos próximos dias já deve ser iniciada a colheita das primeiras áreas. O rendimento esperado para a cultura é de 2.405 kg/ha.

No Paraná, aproximadamente 55% das lavouras encontram-se colhidas, estimando-se uma redução de produtividade em torno de 12,1% em relação à safra

No Paraná, as lavouras ainda sofrem com as consequências do período de estiagem (geadas tiveram menor impacto), tendo como efeito a expectativa de significativa redução da produtividade, a qual vem se confirmando nas lavouras já colhidas. Por outro lado, a qualidade dos grãos já colhidos é considerada boa devido ao período seco. Outro efeito da estiagem é o encurtamento do ciclo das culturas de inverno, antecipando, assim, a colheita. Em São Paulo, as culturas já se encontram em fase final de colheita.

anterior em decorrência de geadas e, principalmente, estiagem. O rendimento estimado atualmente é de 2.204 kg/ha. A qualidade do grão colhido é considerada boa. A colheita dessa cultura deverá encerrar-se em novembro.

Em Mato Grosso do Sul, a colheita da aveia será concluída em outubro e por fatores climáticos de geadas seguidas de um clima seco, condicionaram a baixa produção de carboidratos e peso nos grãos em alguns municípios. Além da produção de palhada para a cobertura do solo para a prática do plantio direto, o cereal também é utilizado para grãos, consumo animal e sementes para a próxima safra. No estado, são plantados uma área em torno de 29 mil hectares para a produção de grãos, com uma produtividade média em torno de 1.800 kg/ha.



Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	15,0	29,0	93,3	1.500	1.800	20,0	22,5	52,2	132,0
MS	15,0	29,0	93,3	1.500	1.800	20,0	22,5	52,2	132,0
SUL	276,5	311,9	12,8	2.912	2.387	(18,0)	805,3	744,4	(7,6)
PR	58,2	63,7	9,5	2.508	2.315	(7,7)	146,0	147,5	1,0
RS	218,3	248,2	13,7	3.020	2.405	(20,4)	659,3	596,9	(9,5)
CENTRO-SUL	291,5	340,9	16,9	2.840	2.337	(17,7)	827,8	796,6	(3,8)
BRASIL	291,5	340,9	16,9	2.840	2.337	(17,7)	827,8	796,6	(3,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.2.2. CANOLA

No Rio Grande do Sul, a canola foi uma das culturas mais afetadas pelo clima nessa safra, uma vez que boa parte das lavouras estavam em emergência quando ocorreu o excesso de chuvas em maio e junho, o que causou grande desuniformidade nas lavouras, necessitando ressemeadura em boa parte das áreas. Além disso, a canola foi muito afetada pelas geadas. Com isso, a produtividade esperada foi reduzida para 1.286 kg/ha, 15,4% inferior à safra anterior.

No Paraná, devido ao plantio mais precoce, a canola sofre mais com as intempéries do inverno do que as demais culturas. Algumas geadas ocorridas foram suficientes para abortar floradas, o que resultou em perda de produtividade. O rendimento esperado teve queda de 16,6% em relação à safra anterior, estimado atualmente em 1.234 kg/ha. Aproximadamente 45% das lavouras encontram-se colhidas. A maior parte das lavouras está no estágio de maturação e a conclusão da colheita está prevista para outubro.

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Canola

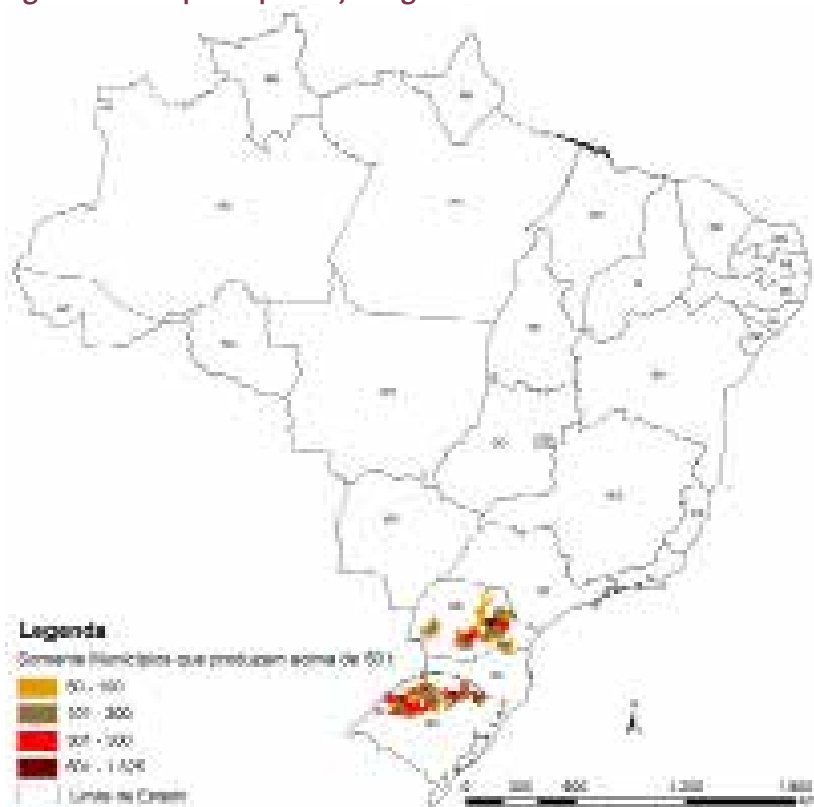


Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	47,5	48,1	1,3	1.514	1.281	(15,4)	71,9	61,6	(14,3)
PR	6,3	4,8	(23,5)	1.479	1.234	(16,6)	9,3	5,9	(36,6)
RS	41,2	43,3	5,1	1.520	1.286	(15,4)	62,6	55,7	(11,0)
CENTRO-SUL	47,5	48,1	1,3	1.514	1.281	(15,4)	71,9	61,6	(14,3)
BRASIL	47,5	48,1	1,3	1.514	1.281	(15,4)	71,9	61,6	(14,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.2.3. CENTEIO

No Paraná são poucos os municípios que plantam centeio e muitas vezes é consorciado com outras gramíneas de inverno, como opção de manejo em substituição ao trigo. A previsão é que a colheita ocorra a partir de outubro. A maior parte das lavouras são consideradas em condições ruins e regulares. As lavouras encontram-se nos estádios de floração e fruti-

ficação. Assim como as demais culturas de inverno o centeio deverá apresentar redução na produtividade em aproximadamente 18,7%. A diminuição no potencial produtivo decorre das más condições das lavouras que sofreram estresse hídrico em fase crítica de floração e enchimento de grãos. Atualmente estima-se produtividade de 1.953 kg/ha.

Figura 19- Mapa da produção agrícola - Centeio

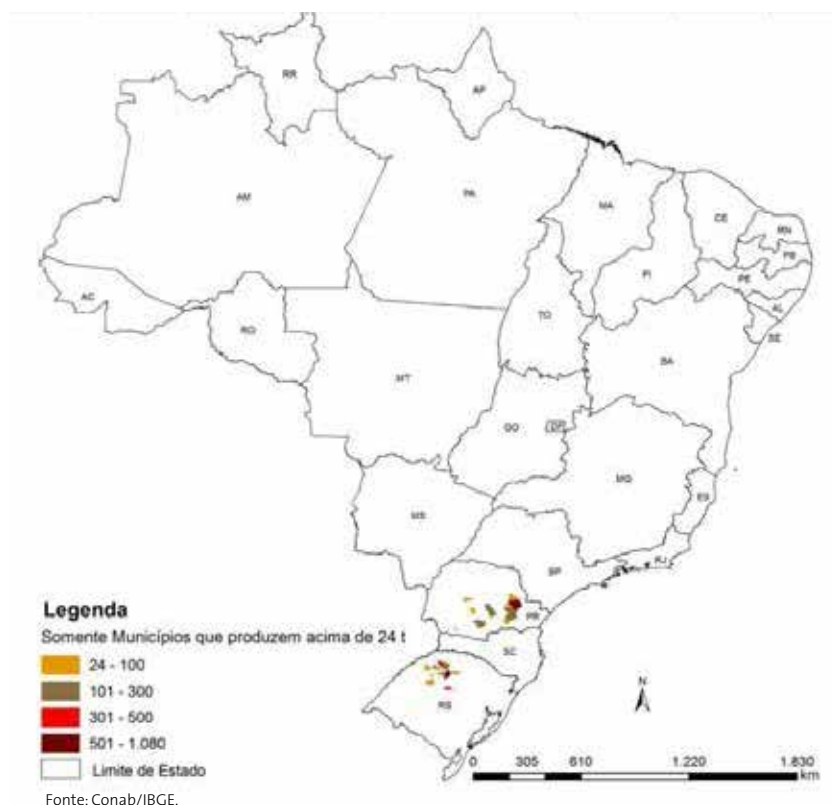


Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.222	(14,5)	6,5	8,0	23,1
PR	1,0	2,1	110,0	2.402	1.953	(18,7)	2,4	4,1	70,8
RS	1,5	1,5	-	2.700	2.572	(4,7)	4,1	3,9	(4,9)
CENTRO-SUL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.222	(14,5)	6,5	8,0	23,1
BRASIL	2,5	3,6	44,0	2.600	2.222	(14,5)	6,5	8,0	23,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.2.4. CEVADA

No Rio Grande do Sul cerca de dois terços das lavouras encontram-se na fase de enchimento de grãos e um terço em floração. As condições de desenvolvimento da cevada são muito semelhantes às verificadas para o trigo. Apesar dos problemas enfrentados no início do estabelecimento da cultura, os produtores seguem realizando os tratos culturais, como aplicação de defensivos e adubação de cobertura. Assim como o trigo, a cevada apresenta desuniformidade, com baixa população e estatura de plantas e alguma incidência de doenças. Cerca de 40 a 50% das lavouras apresentam condições regulares de desenvolvimento, e a expectativa de rendimento foi mantida em 2.700 kg/ha.

No Paraná, o plantio do cereal é tipicamente realizado com fomento das maltarias, que fornecem todos os insumos e garantem a compra do produto a preços pré-definidos em contratos. A previsão é que a colheita ocorra a partir de outubro. A maior parte das lavouras encontram-se nos estádios de floração e frutificação. Assim como as demais culturas de inverno, a cevada deverá apresentar redução na produtividade em 22,9% quando comparado à safra anterior. Nesse caso, a diminuição no potencial produtivo decorre das

más condições das lavouras, que sofreram estresse hídrico em fase crítica de floração e enchimento de grãos. Atualmente estima-se uma produtividade de 3.608 kg/ha. A produção total só não é menor que a da safra anterior porque houve aumento na área plantada em 20%.

Em Santa Catarina, o plantio é concentrado em municípios do Oeste, fomentados por cooperativa local, para atender a demanda da indústria cervejeira. A área de cevada em Santa Catarina deve somar aproximadamente 1,2 mil hectares, redução de 7,7% em relação à safra passada. Assim, como acontece com a cultura do trigo, as condições climáticas pioraram devido à estiagem de aproximadamente 40 dias, sendo a principal responsável pela estimativa de redução da produtividade, em torno de 33,9%, estimada em 3.175 kg/ha. Algumas pragas, como o oídio, favorecido pela estiagem, somam-se ao evento climático e vem afetando a cultura negativamente. A cultura se encontra em fase de granação, e alguns fatores de produção, como perfilhamento e tamanho da espiga, já foram afetados pelo clima negativo incidente sobre a cultura, nessa safra.

Figura 20 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	95,6	109,2	14,2	3.920	3.129	(20,2)	374,8	341,7	(8,8)
PR	42,5	51,0	20,0	4.682	3.608	(22,9)	199,0	184,0	(7,5)
SC	1,3	1,2	(7,7)	4.800	3.175	(33,9)	6,2	3,8	(38,7)
RS	51,8	57,0	10,0	3.274	2.700	(17,5)	169,6	153,9	(9,3)
CENTRO-SUL	95,6	109,2	14,2	3.920	3.129	(20,2)	374,8	341,7	(8,8)
BRASIL	95,6	109,2	14,2	3.920	3.129	(20,2)	374,8	341,7	(8,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.

11.2.5. TRIGO

No Paraná, aproximadamente 23% da área encontra-se colhidas. A colheita está um pouco adiantada, comparada a safras anteriores, devido ao encurtamento do ciclo da cultura, provocada pela estiagem e pelas altas temperaturas de setembro. O rendimento obtido está abaixo do esperado e já reflete na estimativa de produtividade de 2.388 kg/ha. A qualidade do produto colhido até o momento, por sua vez, é boa. A diminuição registrada é baseada nas condições das lavouras, que estão entre regulares e ruins devido à falta de chuvas. Os preços pagos ao produtor tiveram leve reação e atualmente está em torno de R\$ 32,00 a saca de 60 quilos.

No Rio Grande do Sul, as lavouras de trigo se encontram, em sua maioria, na fase de enchimento de grãos 65%, floração 20% e o restante dividido entre maturação e desenvolvimento vegetativo. As regiões localizadas a oeste do estado, mais quentes, encontram-se mais adiantadas, com grande parte das lavouras nos estádios de enchimento de grãos e maturação, enquanto que as mais a leste e a sul predomina o estágio de floração. As condições de desenvolvimento no momento são adequadas devido às chuvas ocorridas recentemente, mas que não reverte os danos causados pelo excesso de chuva e posterior estiagem durante o início do desenvolvimento da cultura. Em razão das adversidades climáticas, as lavouras frequentemente apresentam desuniformidade, baixa população e baixa estatura de plantas. Embora sejam realizados os tratamentos culturais recomendados, como aplicação de ureia e defensivos, o potencial produtivo foi muito reduzido. Em alguns lugares foi relatada a solicitação de Proagro por produtores, com severas perdas em suas lavouras, principalmente devido à geada na floração. Têm ocorrido, principalmente nas regiões mais quentes, forte pressão de doenças, como ferrugem e manchas e, até mesmo, de bacterioses causadas por *Pseudomonas* e *Xanthomonas*. Dadas às condições, a produtividade foi mantida em 2.572 kg/ha, igual ao levantamento anterior. A cotação do trigo no estado, em

setembro, foi de R\$ 30,98 a saca de 60 quilos, redução de 3,6% em relação ao mês anterior.

Em Santa Catarina, as lavouras de trigo têm passado por vários problemas em relação ao clima. Em junho, na abertura do plantio, o excesso de chuva atrapalhou o início da operação em boa parte das áreas. Em julho, a falta de chuva, que perdurou até início de agosto, castigou boa parte das regiões, afetando o avanço do plantio, a germinação e desenvolvimento inicial das lavouras. Aliado a isso, após a passagem de uma frente fria de baixa intensidade, uma forte massa de ar frio atuou sobre as lavouras, com geadas constantes e que prejudicaram algumas lavouras. Com a volta das chuvas em agosto, o que deu condições para o término do plantio e avanço dos tratamentos culturais (adubação e aplicação de defensivos), as lavouras mostraram melhorias em seu potencial, o qual foi novamente afetado pela atual estiagem que atinge praticamente todas as regiões desde o final de setembro, a qual coincidiu com as fases mais sensíveis da cultura, floração e granação, as quais representam mais de 90% do estágio atual (61% floração e 30% granação). Com a oscilação do clima, algumas práticas culturais foram afetadas, como a aplicação de adubação de cobertura em época correta. A área sofreu pouca alteração em relação ao último levantamento. A produtividade estimada atualmente gira em torno de 2.957 kg/ha, uma redução em torno de 22,2% em relação ao obtido na safra passada.

O plantio de trigo em Minas Gerais atingiu um recorde de 84,6 mil hectares plantados, somando os sistemas de cultivo de sequeiro e irrigado. O constante crescimento da área nos últimos anos se deve, entre outros, ao fato da cultura constituir uma boa alternativa de aproveitamento do solo no período de inverno devido às baixas temperaturas registradas nessa época do ano, muitas vezes restritivas para o plantio de outras culturas. A colheita do trigo está praticamente encerrada, com um pequeno aumento da produtivi-



dade em decorrência do clima, bastante satisfatório. Observa-se aumento de 3% na produtividade em relação à safra anterior.

Em São Paulo, as lavouras começaram a ser colhidas e

os grãos apresentam boa qualidade. A média de produtividade está estimada em torno de 3.258 kg/ha. As condições climáticas para o trigo foram favoráveis. A colheita está em fase final, pois nessas áreas deverão começar o plantio de milho e soja.

Figura 21 - Trigo em Itararé - SP



Fonte: Conab

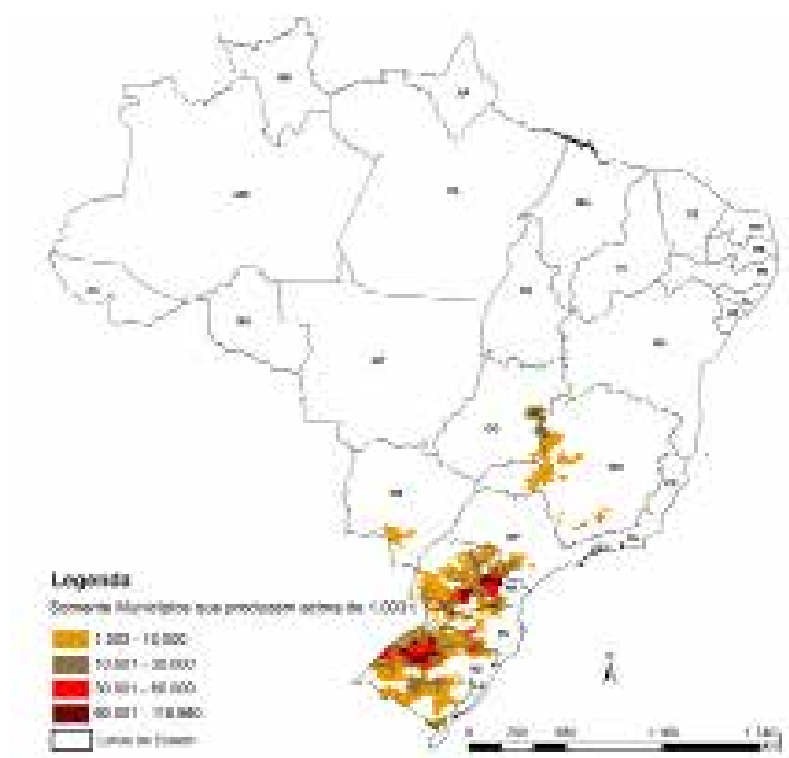
Em Mato Grosso do Sul, o trigo encontra-se praticamente em final de colheita, restando poucos municípios para a conclusão. Como a maioria dos produtores adotaram recursos próprios para o plantio, além do restrito pacote tecnológico, a produtividade do cereal ficou abaixo do esperado. Houve poucas adubações nitrogenadas e aplicações de fungicidas no decorrer da safra, ocasionando um peso hectolitro abaixo do normal, em média de 72 kg/hL (o peso em hectolitro normal deve estar numa faixa entre 76 a 78 kg/hL), caracterizando a cultura, em muitas lavouras, como triguilho. Alguns produtores acabam estocando os grãos colhidos para fins não comerciais e destinando para ração animal, enquanto o produto de melhor qualidade é comercializado com farinhas e cooperativas locais. Em uma área plantada de aproximadamente 20 mil hectares, a produtividade é de aproximadamente 2.200 kg/ha, apresentando uma variação de 5,5% menor que na safra passada. Essa redução da produtividade, além dos problemas descritos, é decorrente da geada que acometeu as principais regiões produtoras, além da seca que perdura por mais de um mês no estado.

No Distrito Federal, a colheita já está encerrada. A área plantada foi de 0,9 mil hectares. A produtividade média obtida foi de 6.000 kg/ha, resultando em uma produção de 5,4 mil toneladas. A maior parte do trigo cultivado é com irrigação e a crise hídrica fez com que muitos produtores desistissem de plantar. O tricultor da região central do Brasil tem como vantagem o trigo do cerrado, que é o primeiro a ser colhido no país, o que favorece a sua comercialização. Além dos preços atrativos de mercado favorecer também o período de escassez do produto, por ser a entressafra da produção nacional.

Na Bahia, o cultivo de trigo foi iniciado em meados de maio, em manejo irrigado. A área plantada foi de 5 mil hectares, esperando-se o rendimento de 6.000 kg/ha e a produção de 30 mil toneladas. Os plantios se concentram na região extremo oeste do estado em manejo irrigado com pivô central, realizado em sistema de plantio direto e convencional. Nos últimos anos foram testadas diversas variedades e as lavouras têm atingido produtividades de até 7.500 kg/ha.



Figura 22 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
BA	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-OESTE	32,9	31,9	(3,0)	3.657	3.386	(7,4)	120,3	108,0	(10,2)
MS	17,8	20,0	12,2	2.328	2.200	(5,5)	41,4	44,0	6,3
GO	14,3	11,0	(23,1)	5.182	5.330	2,9	74,1	58,6	(20,9)
DF	0,8	0,9	12,5	6.000	6.000	-	4,8	5,4	12,5
SUDESTE	161,1	164,5	2,1	2.852	2.960	3,8	459,4	486,9	6,0
MG	84,3	84,6	0,4	2.599	2.678	3,0	219,1	226,6	3,4
SP	76,8	79,9	4,0	3.129	3.258	4,1	240,3	260,3	8,3
SUL	1.921,4	1.715,7	(10,7)	3.190	2.481	(22,2)	6.129,1	4.256,4	(30,6)
PR	1.086,4	962,6	(11,4)	3.140	2.388	(23,9)	3.411,3	2.298,7	(32,6)
SC	58,1	53,9	(7,2)	3.800	2.957	(22,2)	220,8	159,4	(27,8)
RS	776,9	699,2	(10,0)	3.214	2.572	(20,0)	2.497,0	1.798,3	(28,0)
NORTE/NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-SUL	2.115,4	1.912,1	(9,6)	3.171	2.537	(20,0)	6.708,8	4.851,3	(27,7)
BRASIL	2.118,4	1.917,1	(9,5)	3.175	2.546	(19,8)	6.726,8	4.881,3	(27,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.



11.2.6. TRITICALE

No Paraná, o plantio, na área estimada de 9,5 mil hectares, está concluído. Quando comparado à safra anterior a redução de área é de 2% em razão da pequena expressão econômica do cereal. A colheita ainda não foi iniciada, o que deverá ocorrer a partir de outubro. As lavouras estão em sua maior parte nos estádios de floração e frutificação. A previsão de produtividade é de 2.583 kg/ha, representando redução de 16,6% em relação à safra anterior devido à ocorrência de geadas e estiagem.

Em São Paulo, o triticale apresenta estabilidade na área e na produtividade, estimadas em 7,5 mil hecta-

res e 2.880 kg/ha, respectivamente. É cultivado juntamente com as lavouras de trigo, mas ainda assim em áreas menores. Os tratos culturais necessários são similares aos do trigo, principalmente no que diz respeito à adubação da área onde é realizado o plantio. Além disso, possui maior resistência a pragas e doenças, principalmente as causadas por fungos, como a ferrugem. Também apresenta maior resistência aos fatores climáticos, uma vez que, nesse momento, mais uma opção para o produtor. Os grãos de triticale são utilizados principalmente para a alimentação animal e, em menor quantidade, na alimentação humana.

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Triticale

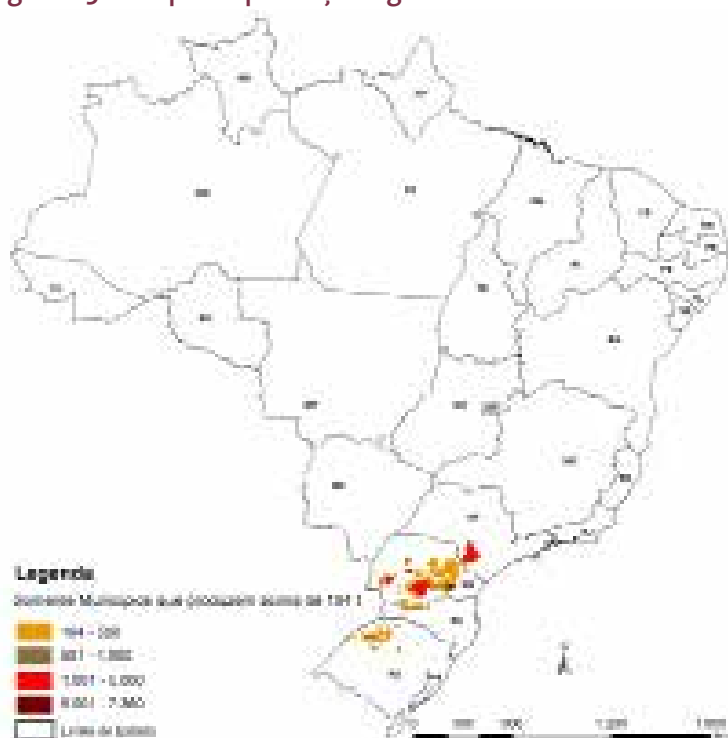


Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.853	2.880	0,9	21,4	21,6	0,9
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.880	0,8	21,4	21,6	0,9
SUL	16,0	15,2	(5,0)	2.919	2.579	(11,6)	46,7	39,2	(16,1)
PR	9,7	9,5	(2,0)	3.097	2.583	(16,6)	30,0	24,5	(18,3)
SC	0,6	-	(100,0)	2.243	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RS	5,7	5,7	-	2.700	2.572	(4,7)	15,4	14,7	(4,5)
CENTRO-SUL	23,5	22,7	(3,4)	2.898	2.678	(7,6)	68,1	60,8	(10,7)
BRASIL	23,5	22,7	(3,4)	2.898	2.678	(7,6)	68,1	60,8	(10,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2017.





12. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

12.1. ALGODÃO

12.1.1. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 26 de setembro de 2017, a estimativa da produção mundial de pluma na safra 2016/17, é de 22,99 milhões de toneladas e se projeta para a safra 2017/18 uma produção de 25,25 milhões de toneladas. Esse resultado significaria um aumento de 9,83% na produção. Comparando-se à estimativa para a safra 2017/18, com o total produzido na safra 2015/16, que foi de 21,48 milhões de toneladas de pluma, o aumento seria de 17,55%.

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado é de 24,55 milhões de toneladas em 2016/17. Já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 25,15 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial voltaria a ser maior que o consumo em 2017/18, depois de dois anos safras sendo inferior.

12.1.2. PANORAMA NACIONAL

Segundo o levantamento de safra da Conab, a quantidade produzida na safra 2016/17 é de 1.529,5 mil toneladas, esse valor é 18,6% maior que a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda de cerca de 1,7% na

área a ser plantada, de 955,2 mil hectares para 939,1 mil hectares, um aumento significativo na produtividade próximo dos 20% deverá compensar as perdas de área. O clima favorável nas principais regiões produtoras foi o principal responsável por esse aumento na produção.

Já a intenção de plantio para a safra 2017/18 deve variar entre 1.607,7 mil toneladas e 1.756,8 mil toneladas de algodão, limite inferior e superior constatado pela Conab no seu primeiro levantamento para a próxima

safra. Esses valores representariam um aumento na quantidade produzida entre 5,1% e 14,9% se comparado com as 1.529,5 mil toneladas produzidas na safra 2016/17.

Como já havia sendo previsto pelo mercado, os preços recebidos pelos produtores são remuneradores e, juntamente com o clima favorável, vêm incentivando esse aumento na intenção de plantio para a próxima safra.

Tabela 44 – Configuração do quadro de oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO	2012	2013	2014	2015	2016	2017 (*)	2018 (*)
O F E R T A	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.665,2	1.770,7	2.098,0
Estoque Inicial	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	395,7
Produção	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.529,50	1.682,25
- Centro/Sul	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	996,9	1.129,3	1.215,6
- Norte/Nordeste	550,1	405,2	542,0	501,2	292,3	400,2	466,7
Importações	3,5	17,4	31,5	2,1	27,0	40,0	20,0
D E M A N D A	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.464,0	1.375,0	1.570,0
Consumo Interno	895,2	920,2	883,5	820,0	660,0	690,0	720,0
Exportações	1.052,8	572,9	748,6	834,3	804,0	685,0	850,0
Estoque Final	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	395,7	528,0
Meses de Uso	2,9	2,5	3,2	2,5	1,6	3,5	4,0

Legenda: (1) preliminar (2) estimativa.

Fonte: Conab/ Secex/SRF-MF/ Sinditextil-Abit/Anea/Cooperativas/Icac.

12.2. ARROZ

Em agosto, o Brasil exportou 60,7 mil toneladas de arroz base casca e importou 118,2 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$495,73 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram-se em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em agosto, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 63,9 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 396,08 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do sudeste brasileiro. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul. Para o final da comercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação de mil toneladas e exportação de 800 mil toneladas.

Acerca do consumo, este é estimado em torno de

11,5 milhões de toneladas para a safra 2016/17 em virtude do cenário econômico brasileiro. Para a safra 2016/17, projeta-se um consumo superior por volta de 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada antes do período de recessão brasileira. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 3,8% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 11,8 milhões toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul e a menor capitalização dos produtores, que deverão reduzir a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de equilíbrio na próxima safra, como reflexo de um possível arrefecimento dos preços internos e de uma desvalorização da moeda nacional no ano de 2018

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma amena redução dos estoques de passagem, sendo previsto um estoque final de 1.263,6 mil toneladas para a safra 2017/18.



12.3. FEIJÃO

Para a próxima safra 2017/18, a expectativa é de leve retração na produção, com uma produção total de 3.325 mil toneladas. No atual momento, a safra 2016/17 apresenta uma significativa recuperação da produtividade e, conseqüentemente, do volume colhido em relação à safra 2015/16, a qual sofreu intensamente com problemas climáticos.

Mesmo com o expressivo aumento da produção, os preços para o feijão-comum cores, surpreendentemente, seguiram em patamares elevados até maio, mas, posteriormente, diante da expectativa de uma boa terceira safra com produtos de melhor qualidade, a demanda enfraqueceu e os preços entraram em trajetória de queda.

A partir de meados de agosto e setembro, a oferta foi menor do que o inicialmente prevista, com a redução produtiva na Bahia, o que refletiu na sustentação dos preços comercializados.

Convém esclarecer que o estoque atual do produto mais a produção, estimada para a terceira safra, serão suficientes para atender o abastecimento interno, com certa normalidade, até boa parte de outubro. Doravante o mercado deve passar por um período de pouca oferta, vez que São Paulo é praticamente o único estado que oferta feijão claro em novembro e dezembro e, mesmo assim, é uma safra pequena para

atender todo o país.

Sobre o mercado de feijão-comum preto, esse está acomodado apesar da menor oferta do produto nacional, com o final da colheita no Sul do país, em junho. As mercadorias importadas têm influído negativamente nas cotações do produto, e o consumo está retraído nas principais praças de consumo do país, dificultando a formação de um mercado mais dinâmico

Analisando a conjuntura nacional de todas as variedades de feijão, o consumo tem variado, nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por uma recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,35 milhões de toneladas para as safras 2016/17 e 2017/18 em razão da recuperação econômica brasileira.

Logo, para a safra 2017/18, com a manutenção do cenário atual de balança comercial, estima-se um estoque inicial de 265,5 mil toneladas, o que somado à produção e ao consumo projetado, resultará em um estoque final de 270,5 mil toneladas. Esse volume correspondente a cerca de um mês de consumo nacional.



12.4. MILHO

O estoque final previsto para safra 2016/17 é de 19,1 milhões de toneladas, uma vez que houve um ajuste na expectativa de exportação, visto que em setembro foram embarcadas 5,9 milhões de toneladas, um volume recorde. Contudo, as indicações de line-ups para os próximos meses, bem como a preferência, neste momento, do produtor em negociar com os demandantes internos, que estão pagando acima da paridade de exportação, estão criando um cenário de incertezas em relação aos embarques de milho para os próximos meses. Assim, não se enxerga um volume de exportação que ultrapasse os 30 milhões de toneladas.

Dessa feita, com um estoque inicial de 19,1 milhões de toneladas, a safra 2017/18 tende a ter uma redução na produção (92,9 milhões de toneladas) mas, mesmo com um incremento no consumo interno (possível pela recuperação do setor de produção animal, bem como o incremento da capacidade de esmagamento

de milho para produção de etanol) atingindo 57,9 milhões de toneladas e o mesmo volume de exportação de 30 milhões da safra anterior (visto que existem ofertas de cotações mais atrativas para contratos do milho segunda safra), ainda assim, os estoques finais tendem a ser os maiores da série histórica do milho.

Evidentemente, que tal cenário impactará significativamente nos preços, mas vale lembrar que, a intenção de plantio segunda safra ainda não está definida e que, ainda é cedo para medir o impacto das condições climáticas sobre o milho primeira safra.

As cotações atuais de milho seguem com um pequeno incremento diante da demanda interna mais aquecida, assim, o produtor deve aproveitar, analisando sempre seu custo de produção e as oportunidades de negócios.

12.5. SOJA

12.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), na safra 2017/18 a produção mundial de soja em grãos será de 348,44 milhões de toneladas. O maior produtor de soja são os Estados Unidos com

uma produção estimada de 120,59 milhões de toneladas, seguido pelo Brasil, com uma produção estimada pelo Usda em 107 milhões de toneladas.

Tabela 45 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 ago(b)	2016/2017 set(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,93	110,50	114,33	7,40	6,92	3,83	3,47
Brasil	96,50	103,00	101,00	4,50	4,66	-2,00	-1,94
Argentina	56,80	57,00	57,00	0,20	0,35	0,00	0,00
China	11,60	12,20	12,50	0,90	7,76	0,30	2,46
Outros	41,14	47,71	45,59	4,46	10,83	-2,12	-4,44
Total	312,97	330,41	330,43	17,45	5,58	0,01	0,00

Fonte: USDA, setembro/17

Devido à elevação das estimativas de exportações e consumo americano, o Departamento USDA diminuiu seus estoques de passagem, e mesmo com uma produção estimada em mais de 120 milhões de toneladas, os preços internacionais têm se mantido eleva-

dos, fechando o mês de setembro no valor médio de US Cents 961,97/bu (US\$ 353,46/t.). Este valor é 2,34% maior que a média dos preços internacionais de agosto/17 e 0,68% menor que o valor médio do mesmo período do ano de 2015.

12.4.2. MERCADO NACIONAL.

A safra brasileira de grãos foi estimada, em média, a 107,13 milhões de toneladas. Assim, levando em consideração o número preliminar de 107,13 milhões de toneladas, as exportações foram calculadas em apenas 64 milhões de toneladas, mas, provavelmente,

não será este valor, pois, a demanda internacional por soja em grãos está cada vez mais aquecida e não deve diminuir em 2018. A demanda interna, assim como as exportações, deve ser maior que o valor de 42,5 milhões de toneladas, ficando provavelmente em torno



de 43,5 a 44 milhões de toneladas.

Independentemente do valor da safra, não haverá um estoque de passagem alto, e principalmente, não haverá problemas de abastecimento interno para soja em grãos, farelo e óleo de soja. Os preços para safra

2017/2018 dependerá, exclusivamente, do andamento da safra brasileira e do valor do dólar frente ao real, e caso não haja nenhuma surpresa os preços praticados internamente devem ficar no mesmo valor médio de 2017.

12.6. TRIGO

Diante dos maiores estoques no mercado interno e a contínua redução no consumo dos derivados, o volume de trigo importado em setembro foi de 461,9 mil toneladas, quantidade 47,6% inferior à registrada no mesmo período do ano anterior. No mês, o cereal foi importado de três países, sendo a Argentina o principal fornecedor, 92,63%, enquanto que os Estados Unidos participaram com 5,95% e o Paraguai com 1,41%. Os principais destinos do trigo estrangeiro foi o Ceará (23,26%), São Paulo (17,39%), Paraná (15,74%), Pernambuco (8,59) e Bahia (8,14%). Por outro lado, assim como agosto, não foi efetuada qualquer negociação de exportação.

Conforme levantamento realizado pela Conab durante setembro, a produção de trigo estimada para a safra 2017/2018 é de 4.881,3 mil toneladas, o que representa uma redução de 27,4% em relação à produção recorde ocorrida na safra anterior, quando o Brasil colheu 6.726,8 mil toneladas.

A menor produção para essa safra se justifica pelos baixos preços observados ao longo do último ano, além das adversidades climáticas que atingiram as principais regiões produtoras do país. Agricultores do Rio Grande do Sul enfrentaram dificuldades no avanço do plantio do cereal, sobretudo pelo elevado volume de precipitações no período da semeadura. Como consequência, muitos produtores adiaram o plantio e, devido à possibilidade desse cultivo ultrapassar o

período preferencial em algumas lavouras de verão, reduziram a área plantada com trigo. No Paraná, responsável por aproximadamente metade da produção nacional, foram verificadas ocorrências de geadas e granizo, além de estiagens prolongadas em fases importantes do desenvolvimento das lavouras, contribuindo em grande parte para a redução de aproximadamente 24% da produtividade.

Em que pese a contínua redução no consumo dos principais derivados, a maior ociosidade na indústria moageira, observada nos últimos meses e o menor volume de trigo importado em setembro, fez-se necessário revisar a estimativa do processamento do grão da safra 2017/18 para 11 milhões de toneladas. Espera-se que ainda sejam reservadas aproximadamente 288 mil toneladas para sementes, perfazendo um consumo da ordem de 11,29 milhões de toneladas.

Apesar dos altos estoques de passagem é prevista uma importação de 7 milhões de toneladas para fazer frente ao consumo nacional. Esse volume justificar-se-á pelo aumento na produção da Argentina e Rússia, que deverão produzir volumes na ordem de 18 e 80 milhões de toneladas, respectivamente. O excedente da produção, nesses países, certamente exercerá pressões baixistas em todo o mundo, afetando, inclusive, os preços praticados no Brasil, que por sua vez deverá exportar o equivalente a 700 mil toneladas de trigo, nessa temporada.

Tabela 46 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil - agosto-julho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 DE AGOSTO)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUN)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2011/12	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2012/13	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2013/14	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2014/15	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2015/16(1)	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2016/17(2)	2.530,1	4.881,3	7.000,0	14.411,4	700,0	11.000,0	287,6	11.287,6	2.423,8

Legenda: 1) Estimativa (2) Previsão

Fonte: Conab.



Tabela 47 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	40,0	1.770,8	690,0	685,0	395,8
	2017/18	395,8	1.682,3	20,0	2.098,1	720,0	850,0	528,0
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.000,0	13.758,6	11.500,0	800,0	1.458,6
	2017/18	1.458,6	11.805,0	1.000,0	14.263,6	12.000,0	1.000,0	1.263,6
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.350,0	120,0	265,5
	2017/18	265,5	3.325,0	150,0	3.740,5	3.350,0	120,0	270,5
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.639,8	18.883,2	6.949,9
	2016/17	6.949,9	97.712,0	600,0	105.261,9	56.165,3	30.000,0	19.096,6
	2017/18	19.096,6	92.901,2	400,0	112.397,8	57.850,3	30.000,0	24.547,5
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.587,8	1.476,2
	2016/17	1.476,2	114.075,3	300,0	115.851,5	47.281,0	65.000,0	3.570,5
	2017/18	3.570,5	107.132,7	400,0	111.103,1	46.781,0	64.000,0	322,1
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	33.110,0	1,0	34.955,8	17.000,0	14.600,0	3.355,8
	2017/18	3.355,8	32.725,0	1,0	36.081,8	17.500,0	15.000,0	3.581,8
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.385,0	40,0	8.994,0	6.800,0	1.550,0	644,0
	2017/18	644,0	8.287,5	40,0	8.971,5	6.800,0	1.700,0	471,5
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
2017	2.530,1	4.881,3	7.000,0	14.411,4	11.287,6	700,0	2.423,8	

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em outubro 2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

